

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

MYRNA AGRA MARACAJÁ MAIA

OBSCENIDADE DO ABANDONO: A DEVASTAÇÃO FEMININA EM
MARILENE FELINTO

Campina Grande-PB

2010

MYRNA AGRA MARACAJÁ MAIA

**OBSCENIDADE DO ABANDONO: A DEVASTAÇÃO FEMININA EM
MARILENE FELINTO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Teoria da Literatura, na linha de pesquisa Estudos sócio-culturais pela literatura, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador(a):Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva

CAMPINA GRANDE - PB

2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M217o Maia, Myrna Agra Maracajá.
Obscenidade do abandono: a devastação feminina em Marilene Felinto [manuscrito] / Myrna Agra Maracajá Maia. – 2010.
153 f.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2010.
“Orientação: Prof. Dr. Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes”.

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Feminismo
3. Devastação. I. Título.

21. ed. CDD B869.930 65

MYRNA AGRA MARACAJÁ MAIA

**OBSCENIDADE DO ABANDONO: A DEVASTAÇÃO FEMININA EM
MARILENE FELINTO**

Aprovada em 25 / 03 / 2010

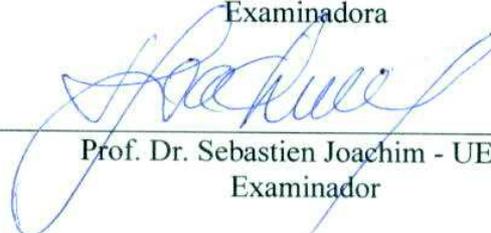
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva
Orientador (Presidente da banca)



Prof. Dr. Liane Schneider - UFPB
Examinadora



Prof. Dr. Sebastien Joachim - UEPB
Examinador

A Jader, meu homem, com quem me invento Mulher.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eneida Agra Maracajá, que se faz mulher de coragem, paixão e ousadia, inspirando minha existência;

A meu pai, Robério Maracajá Henriques, de quem herdei o gosto pela literatura, que assiste a mais essa vitória no firmamento da infinitude de sua alma;

A meu marido Jader e minha filha Manon, que, com amor, souberam suportar minhas ausências;

Ao meu estimado orientador, também amigo, Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, por apostar em mim e me abrir o caminho para os estudos de gênero, respeitando e acolhendo meu desejo decidido pela psicanálise;

À professora Dr^a. Liane Schneider, que aceitou prontamente o convite para participar da banca examinadora;

Ao grande mestre Dr. Sebastien Joachim, pela inestimável contribuição ao meu trabalho e pelas adoráveis provocações psicanalíticas deixadas em sala de aula, na disciplina Psicanálise e cultura;

À professora Dr^a. Sudha Swarnakar, que participou da banca de qualificação, trazendo importantes considerações para este trabalho;

Às queridas professoras, Dr^a. Goretti Ribeiro e Dr^a. Geralda Medeiros, que encheram de ternura e encantamento a minha passagem pelo MLI;

Aos colegas de turma, que trilharam comigo essa longa jornada, especialmente Álisson de Albuquerque, Romualdo Correia e Ivon Rabêlo, com quem pude dar boas risadas;

Ao secretário do mestrado, Roberto Santos, disponibilidade afetuosa sempre presente;

À psicanalista Cassandra Dias, que fez cuidadosa revisão dos conceitos psicanalíticos utilizados nesta pesquisa;

À psicanalista e amiga de todas as horas, Cristina Maia, que disponibilizou grande parte da bibliografia, aqui utilizada, sobre o feminino na psicanálise.

Um livro precisa do leitor, mais do que o leitor imagina. Talvez seja o livro a mais solitária das existências materiais. Este que se constrói num caminho de aparente excessivo egoísmo, precisa do leitor que acredite na raiva como uma possibilidade amorosa; e que tenha paciência de atravessar com ele esse caminho cheio de pedras. Do contrário, ele não serve para nada (FELINTO, 1992, p.10).

RESUMO

A literatura de ficção tem emergido como um lugar de observação das representações construídas acerca das relações de gênero, sendo sobre a personagem que melhor se pode sentir as modificações sofridas pelos sujeitos reais. Estudos sobre a representação do feminino na literatura têm problematizado o comportamento de algumas personagens mulheres na contemporaneidade que, mesmo após as conquistas do movimento feminista e da revolução sexual, continuam revelando uma extrema dependência psíquica e afetiva do masculino. Apostando-se, assim, que a linguagem literária pode aproximar-se da complexidade da realidade, este trabalho propôs-se, através de uma obra brasileira contemporânea, intitulada *Obsceno Abandono: amor e perda* (2002), cuja autoria é de Marilene Felinto, a discutir essa constância na representação da posição feminina na relação amorosa, a partir de um conceito advindo da psicanálise – o de *devastação*. A fim de cumprir com esse objetivo, utilizou-se as contribuições freudo-lacanianas, assim como alguns autores que pensam sobre o mal-estar contemporâneo. Para a psicanálise, homens e mulheres assumem posições diferenciadas no amor, havendo um modo de gozar masculino e outro feminino. No caso da mulher, a demanda de amor que dirige ao seu parceiro é infinita, o que impossibilita uma reciprocidade por parte deste, podendo levá-la à devastação. Na obra analisada, a narradora-personagem repete o traço de devastação que vem sendo observado nas atuais obras de autoria feminina. Através da análise das falas desta personagem pôde-se refletir sobre essa constância, não como um sujeitamento ao masculino, mas como algo que resiste na questão do feminino e que emerge no sujeito mulher, denunciando algo de sua subjetividade. Concluiu-se que não importa muito se a mulher é contemporânea ou não, seja na realidade ou na ficção, ela não quer renunciar ao desejo de ser amada, podendo submeter-se, para lograr êxito em seu intuito, a toda sorte de coisas, devastando seu ser e aniquilando-se enquanto sujeito. No entanto, o amor não oferta à mulher apenas essa posição de devastada, podendo ser o meio para atingir uma felicidade extrema, desde que ela possa consentir com o ato de amor, prestando-se a funcionar como objeto causa de desejo para um homem.

Palavras-chave: Literatura. Feminino. Devastação

ABSTRACT

The literature of fiction has emerged as a place of study on representations built on gender relations, being the character who can best feel the changes suffered by the real subjects. Works about feminine's representation in literature have questioned the behavior of some female characters in contemporaneity that even after the gains of the feminist movement and sexual revolution, still show an extreme mental and emotional dependence on male. So, betting that literary language can get closer to the complexity of reality, this work proposes, by a Brazilian contemporary work entitled *Obsceno Abandono: amor e perda* [Naughty Early: love and loss (2002)], authorship of Marilene Felinto, the discussion about the constancy in representation of feminine's position in love relationship, from a concept originated from psychoanalysis - devastation. To reach this aim, Freudian contributions were used, as well as some authors who think about the contemporary discontent. For psychoanalysis, men and women assume different positions in love, there are male and female ways of enjoying. In the case of woman, the demand of love that she drives to her partner is infinite, what makes impossible his reciprocity and can take her into devastation. In the work considered, the narrator-character repeats the trace of devastation that has been observed in the current works authored by women. By analyzing the statements of this character it was possible to reflect about this constancy, not as a submission towards the male but as something that resists on the feminine question and emerges from the subject woman denouncing something of her subjectivity. From this work it's possible to conclude that it doesn't matter how contemporary the woman is, whether it's reality or fiction, she doesn't want to renounce the desire to be loved, possibly being submitted to all sorts of things to achieve success in her order, destroying her being and annihilating herself as a subject. However, love does not only offer this devastated position to the woman, but can be the way to achieve extreme happiness, as long as she consents to the act of love, letting herself to serve as object cause of desire for a man.

Key-words: Literature. Feminine. Devastation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 Da catástrofe à devastação: que lugar para a mulher na relação amorosa?	20
1.1 O sexual é traumático	26
1.2 A mulher freudiana: um continente obscuro.....	30
1.3 A mulher não existe: o que Lacan diz sobre as mulheres.....	36
1.4 A devastação feminina: a outra face do amor	55
2 Devastação: um gozo fora-da-lei	69
2.1 Abandono: maldição que aniquila mais que a morte	74
2.2 Obsceno: a impossibilidade de ser a única	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	145

INTRODUÇÃO

É flagrante o esforço, por parte de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, em teorizar e promover profícuas discussões sobre a cena contemporânea. Uma série de novos significantes têm sido utilizados para nomear o momento atual: a pós-modernidade de Lyotard (2002), a alta modernidade ou modernidade tardia de Giddens (2002), a hipermodernidade de Lipovetsky (2004) e a modernidade líquida de Bauman (2004), para citar alguns exemplos.

O que perpassa esses significantes é a constatação de que o mundo está em constante trânsito e de que as identidades não são mais tão fixas. Para Melman (2003), estamos diante de uma “crise de referências”, onde os sujeitos encontram-se sem balizas, desnoroados, desbussolados.

Lipovetsky (2007) sustenta a tese de que, na sociedade do hiperconsumo em que vivemos, a felicidade é paradoxal, pois ao lado de tantos avanços tecno-científicos e de uma liberdade tão excessiva, está uma sociedade depressiva e medicalizada. O cenário contemporâneo tem sido o cerne de reflexões diversas e, entre elas, podemos destacar as que têm sido promovidas pelos estudos de gênero. O binarismo sexual tem sido questionado e redefinido. Fala-se em diversidade sexual, em sexualidades e performatividades, redimensionando as fronteiras entre os sexos. Na obra de Butler (2003), por exemplo, podemos encontrar uma fervorosa crítica ao modo como a diferenciação entre sexo e gênero foi construída, como resultado de teorizações naturalistas e essencialistas.

Dentre os muitos discursos utilizados pelos estudos sobre as relações de gênero, localizamos a literatura de ficção como um lugar de verificação das representações construídas acerca dessas relações. De acordo com Abreu (2001), o eixo central da ficção está

na sua relação com a realidade, pois a linguagem ficcional funciona como um duplo da linguagem da realidade.

Os estudos de gênero têm encontrado, na literatura, uma ampla possibilidade de debate, fato este que é amplamente observável no que se denomina de literatura gay e literatura de mulheres. Sem adentrar na problemática pertinente a essas nomeações, as obras que versam sobre temáticas pertinentes às minorias sexuais e as que são de autoria dessas minorias, têm sido tomadas como referencial para as discussões de gênero.

Dalcastagnè (2005, p.63) afirma que o conceito de representação sempre foi crucial para os estudos literários, mas que, agora, possui maiores ressonâncias políticas e sociais. Não se trata de postular que a literatura funciona como um “espelho da realidade”, mas que nela e através dela podemos apreender algo das dinâmicas que permeiam a sociedade: “[...] algumas lutas por direitos civis desembocaram também na literatura, fazendo com que mulheres, negros, homossexuais, índios começassem, timidamente, a se revelar na condição de escritores”.

Nesse sentido, destacamos a pesquisa empreendida por Silva (2009), sobre a representação do feminino na literatura, a partir de textos de autoras brasileiras contemporâneas. No referido trabalho, o autor discute sobre um “equivoco” encontrado no comportamento das personagens mulheres estudadas, que, longe de admitirem uma plena emancipação política e sexual, permanecem sujeitadas às estruturas patriarcais, ou seja, essas personagens demonstram um “elevado grau de dependência psíquica” em relação ao homem. O que o autor problematiza é a constatação de um paradoxo. Se, como consequência do movimento feminista e da revolução sexual, as autoras – até então silenciadas, ou então acusadas de fazer uma literatura açucarada – ganham liberdade para escrever, o que aparece é uma escrita ainda muito marcada por relações assimétricas de gênero.

Lipovetsky (2000), ao analisar a mulher que emerge na cena social da segunda metade do século XX, denominada por ele de “terceira mulher”, faz a seguinte observação:

Mas o advento da mulher-sujeito não significa aniquilação dos mecanismos de diferenciação social dos sexos. [...] Ainda há pouco, o mais estimulante era pensar o que mudava radicalmente na condição feminina; em nossos dias, de alguma maneira a situação se inverteu. É a continuidade relativa dos papéis de sexo que aparece como fenômeno mais enigmático, mais rico de conseqüências teóricas, mais capaz de nos fazer compreender a nova economia da identidade feminina nas sociedades da igualdade (LIPOVETSKY, 2000, p. 12).

Essa idéia de uma “continuidade relativa dos papéis de sexo”, defendida por Lipovetsky (2000), vem corroborar a constatação a que Silva (2009, p.49) chega, em sua pesquisa sobre a representação da personagem mulher na ficção contemporânea de autoria feminina: “O que ocorre é uma espécie de reprodução parcial do esquema ou da lógica masculinista que interfere no cotidiano das mulheres, fazendo-as dependentes dos homens, esmolando um afago, implorando um acesso [...]”. Para o referido autor, essas personagens aparecem, de um lado, extremamente dependentes de um homem, de outro, entregues à solidão, à vingança e ao ódio.

Essas personagens mulheres representadas na literatura de ficção contemporânea também fazem parte do mundo em que vivemos. Sabemos que uma determinada realidade impulsiona uma determinada representação, mesmo que não a reflita fidedignamente. Apostando, assim, que a linguagem literária pode nos aproximar da complexidade da realidade, propomo-nos, através de uma obra brasileira contemporânea, intitulada *Obsceno abandono: amor e perda* (2002), cuja autoria é de Marilene Felinto, discutir o conceito de *devastação*, a partir de como a representação da posição feminina na relação amorosa aparece no romance escolhido.

Reconhecendo, ainda, que os dramas vividos pelas personagens são muito próximos dos experimentados pelas mulheres reais, adotamos como referencial teórico para análise da obra pressupostos teórico-conceituais da psicanálise, especificamente as contribuições

freudianas e lacanianas acerca do *feminino*. O conceito de *devastação*, aqui tomado como foco principal da análise, assume uma significação especial quando abordado pelo viés psicanalítico. *Devastação* é a tradução do termo francês *ravage*, derivado do verbo *ravir*, que significa arrasar, fazer estragos. Em português tem o mesmo sentido, sendo utilizado no vocabulário geográfico com o significado de: “destruir, assolar, danificar, arruinar, tornar deserto, despovoar” (FERREIRA, 1975, p. 471). De acordo com o psicanalista francês Jacques Lacan, a devastação é o que recai sobre a mulher, como retorno de sua demanda infinita de amor.

Para a psicanálise, as dessimetrias entre os sexos e suas conseqüências são passíveis de serem melhor observadas na relação amorosa. Homens e mulheres assumem posições diferenciadas no amor, havendo um modo de gozar masculino e outro feminino. No caso da mulher, a demanda de amor que ela dirige ao seu parceiro é infinita, “[...] a tal ponto que não há limites às concessões que cada uma faz a seu homem: de seu corpo, de sua alma, seus bens” (LACAN, 1993, p. 70).

Na literatura de ficção atual, de autoria feminina, podemos perceber esse traço de devastação. Em *Obsceno Abandono: amor e perda* (OA)¹, por exemplo, encontramos uma mulher devastada, que, entregue ao abandono pelo homem amado, vinga-se através de um desabafo enlouquecido e voraz, fenômeno percebido por Silva (2009), ao elencar uma série de escritoras brasileiras contemporâneas cuja representação de personagens mulheres são estudadas a partir do que ele chama de “traço de dependência físico-psicológica”.

Acreditamos que, sobre esse traço que se repete, sem cessar, não só para as mulheres, mas também para os homens, a psicanálise tem muito a dizer. O tema do amor e de como amam homens e mulheres é fundamental para a psicanálise, que denuncia, desde Freud (1996), em seu artigo sobre “O mal-estar na civilização” (1930[1929]), que há uma

¹ A partir de agora, utilizaremos a abreviação OA para referirmo-nos à obra analisada no presente estudo.

impossibilidade radical que impede o sujeito de alcançar a felicidade e que há pelo menos três razões para isso: a fragilidade do corpo; os poderes superiores da natureza; as dificuldades inerentes às relações com os outros seres humanos. Assim, o amor aparece como uma possibilidade de se atingir a felicidade. Mas, Lacan (1972-73), em seu *Seminário 20* (1985) situa o amor como uma ilusão, uma tentativa imaginária de fazer Um. É essa ilusão que permite o laço social, retirando os sujeitos da solidão. Nesse *Seminário*, Lacan (1985), ao dizer que não há relação sexual, no sentido de uma complementaridade, localiza o amor como algo que vem em suplência dessa relação que não existe. Ele afirma que entre um homem e uma mulher há um muro, que ele chama *amuro*, ou seja, o que há é um artifício que possibilita o sujeito saltar esse muro.

Através das contribuições psicanalíticas sobre o amor e de como homens e mulheres assumem posições assimétricas na relação amorosa, destacaremos como isso se dá do lado da mulher:

As mulheres são as que sustentam a necessidade do discurso amoroso. Para as mulheres o amor é condição para o gozo. O modo de gozar dos homens é predominantemente silencioso, ao contrário do modo das mulheres que desejam que se fale com elas e também as escutem (SOLANO, 2006, s/p).

O homem sabe o caminho do gozo, a mulher sabe o do amor. A mulher tem por premissa que se faz amor falando, para ela o amor está enlaçado no gozo. Enquanto, para o homem, o gozo tem sempre algo de limitado, circunscrito, localizado e contabilizável, para a mulher, há uma ilimitação de gozo. Lacan (1985), para falar dessa dessimetria, elabora as fórmulas quânticas da sexuação, apontando o que está do lado masculino e o que aparece do lado feminino. A partir dessas fórmulas, iremos discutir o papel que a demanda de amor desempenha na sexualidade feminina, comportando um caráter absoluto, ou seja, uma visada ao infinito. Essa demanda infinita de amor incide sobre o ser do parceiro e é isso que desnuda

a forma erotomaníaca de amar. Pela impossibilidade de que essa demanda seja atendida, em sua totalidade, o que ocorre é o retorno desta sobre a mulher, na forma de uma devastação.

Para ser amada, a mulher pode se submeter a toda uma sorte de coisas, sacrificando-se em nome do seu homem. A perda desse amor, o abandono, é vivido como uma devastação. Se Lacan (1985), no *Seminário 20*, afirma que o amor está do lado do ser, quando a mulher perde o amor de um homem, ela perde-se toda. A personagem da obra escolhida para análise mostra bem o que é uma mulher devastada pelo abandono do homem amado. De acordo com Siqueira (s/d, p. 2): “[...] o abandono, como signo da perda desse amor, é sentido como uma ameaça de morte, já que o que mais quer da vida é ser amada. O único que conta para ela é ser o objeto do ser amado, mesmo que ele a devaste”.

A perda de um amor pode, para uma mulher, provocar uma errância, uma despersonalização, constituindo uma ameaça de auto-desaparecimento. De acordo com Vicente (s/d), a psicanálise demonstra que a trilogia amor, ódio, ignorância, reúne paixões capazes de fazer o sujeito, nelas mergulhado, adoecer.

Utilizando-nos da discussão psicanalítica sobre as dessimetrias entre os sexos e reconhecendo que a representação da posição feminina na relação amorosa, presente na ficção de autoras contemporâneas brasileiras, parece permanecer a mesma da literatura de ficção clássica, como atesta o estudo de Silva (2009), o objetivo do presente estudo é investigar por que essa posição se mantém, mesmo pós-revolução sexual e movimento feminista. Procuraremos refletir, a partir do texto literário escolhido, como essa representação reproduz a forma de comportamento dos gêneros em sociedade, principalmente, na hipermodernidade.

Adotamos neste estudo o conceito de hipermodernidade, do filósofo francês Gilles Lipovetsky, por ser a nomenclatura mais utilizada, na psicanálise, pelos teóricos da orientação lacaniana. De acordo com Lipovetsky (2004), o termo pós-modernismo é problemático porque sugere uma grande ruptura na história do individualismo moderno, embora seja

adequado para marcar uma mudança de perspectiva nessa história. A pós-modernidade representa o momento em que todos os “freios institucionais” que se opunham à emancipação individual desapareceram:

As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social nada mais é que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio – mas ‘sem tragédias e sem apocalipse’ (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Para o autor citado, a expressão pós-moderna é vaga e ambígua, porque o que estamos vivendo é, na verdade, uma modernidade de novo gênero e não uma superação da anterior. A modernidade não deixou de existir, assistimos ao seu remate: “Trata-se não mais de sair do mundo da tradição para aceder à racionalidade moderna, e sim de modernizar a própria modernidade [...]” (LIPOVETSKY, 2004, p. 56). Assim, temos a modernidade na era do hiper: hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto. A hipermodernidade caracteriza-se, então, por uma exacerbação dos grandes princípios estruturantes da modernidade, que têm se adaptado ao ritmo hipermoderno. Uma vez justificada a escolha pelo termo “hipermodernidade” neste trabalho, continuamos a explanação de nosso objetivo.

Acreditamos que, através das contribuições psicanalíticas para a literatura, poderemos pensar essa constância, na representação da posição feminina na relação amorosa, não como um sujeitamento ao masculino, como se refere Silva (2009), mas como algo que resiste na questão do feminino e que emerge no sujeito mulher, denunciando uma especificidade de sua estruturação subjetiva. Pretendemos, assim, demonstrar como a teoria psicanalítica pode sair do lugar de propagadora de um discurso “falocêntrico” para trazer contribuições ao estudo das relações de gênero na contemporaneidade, onde, como nos lembra Gurgel (2006), o sujeito, para suportar o mal-estar do existir, busca com as novas parcerias amorosas, fundar uma harmonia impossível com o objeto.

Optamos em adotar como referencial teórico as construções freudianas e lacanianas buscadas diretamente nas suas respectivas obras. Não deixamos de reconhecer que, na crítica feminista, temos um vasto e importante rol de autoras que se utilizam da abordagem psicanalítica como aporte teórico para as discussões de gênero através da literatura. No entanto, em nossa pesquisa, não encontramos nenhum estudo específico sobre o conceito de devastação, no qual centramos a presente análise. Pudemos também constatar que a psicanálise, em grande parte desses trabalhos (não em todos, evidentemente), é utilizada, ainda, dentro de uma visão falocêntrica, que emperra as discussões dos estudos de gênero. Como pretendemos fazer um uso diferenciado, dos preceitos psicanalíticos, que possa fugir às tradicionais interpretações, optamos por utilizar os textos originais dos referidos pensadores

Para discutir o conceito de devastação na obra de Marilene Felinto, iremos nos centrar na personagem, que também é narradora, ao mesmo tempo que conta, vive a dor obscena de ter sido abandonada. Justificamos a escolha desta categoria literária por acreditarmos que foi sobre a personagem que, ao longo da história da literatura, melhor se pôde sentir as modificações sofridas pelos sujeitos reais (DALCASTAGNÉ, 2005). A personagem do romance contemporâneo interessa-nos, particularmente, por representar as identidades líquidas da hipermodernidade:

Desde o começo do século XX, a personagem se tornou, a um só tempo, mais complexa e mais descarnada. Deixou de ser descrita; perdeu, como disse Nathalie Sarraute, ‘todos os seus atributos e prerrogativas’, aí incluídos ‘suas roupas, seu corpo, seu rosto’; e, sobretudo, o bem mais precioso de todos, a personalidade que é só sua. Muitas vezes, perdeu até seu nome (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 27).

A autora acima citada, ao empreender um diagnóstico sobre o campo literário brasileiro atual, fornece-nos importantes dados sobre o fazer literário contemporâneo. De acordo com sua pesquisa, intitulada “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, 7,5% das personagens identificadas são anônimas, o que também se passa com a

personagem-narradora de OA. Um outro dado, encontrado na referida pesquisa, é de extrema importância para o tema deste trabalho e diz respeito às relações estabelecidas pelas personagens, dentro das narrativas estudadas. O resultado a que a referida autora chega é o de que o romance brasileiro contemporâneo privilegia as relações amorosas e familiares, independentemente do sexo da personagem, embora essa característica seja acentuada do lado das mulheres, pois 89,6% das personagens femininas pesquisadas mantêm relações amorosas e familiares.

Assim, é importante destacar que, no romance brasileiro contemporâneo, as personagens mulheres continuam privilegiando o espaço privado, ou seja, os laços que mantêm com a família e com o parceiro. Mesmo inseridas na vida pública, ocupando importantes cargos e funções no mercado de trabalho, são, ainda, as relações afetivas e domésticas que são privilegiadas. Este dado vem corroborar o ponto de vista que, aqui, objetivamos defender, a saber – o de que, se a mulher contemporânea ainda se devasta nas relações amorosas, é mais devido a sua singular estruturação subjetiva do que a uma subordinação perpétua ao masculino.

No primeiro capítulo, intitulado **Da catástrofe à devastação: que lugar para a mulher na relação amorosa?**, realizamos um percurso teórico-conceitual pela psicanálise, que consideramos indispensável para a introdução de nossa categoria de análise – o conceito de devastação. Iniciamos nosso trajeto reconhecendo que a psicanálise tem trazido importantes contribuições para o campo literário, principalmente para os estudos promovidos pela crítica feminista. Em seguida, situamos como a psicanálise aborda o sexual e suas conseqüências para os sujeitos, fazendo uma interlocução com os discursos biológico e cultural. Tomando a dessimetria entre os sexos como algo fundamental para nosso estudo, abordamos como a partilha sexual se organiza. Prosseguindo com nossas elaborações, adentramos nas elaborações freudianas e lacanianas sobre o feminino e suas peculiaridades

estruturais. Aproximando-nos de nosso principal objetivo, discutimos as posições ocupadas pelo homem e pela mulher, na relação amorosa, a partir de seus modos de gozo específicos. Finalizamos o capítulo introduzindo e discorrendo sobre o conceito de devastação, analisando, a partir dele, algumas obras artísticas, fatos da vida cotidiana e alguns recortes da análise de mulheres.

No segundo capítulo, intitulado **Devastação: um gozo fora-da-lei**, fizemos uma análise das falas da personagem da obra *OA*, adotando como referencial teórico o conceito de devastação, introduzido no capítulo que o precede. O objetivo deste capítulo foi perceber de que forma a personagem mulher da referida obra repete esse traço de devastação, que vem sendo observado nas atuais obras de ficção de autoria feminina. Para atingir esse intuito, analisamos as falas da personagem, que também é narradora de seu próprio infortúnio, ressaltando como o seu ser é tomado pela devastação, apagando-se como sujeito e emergindo como um objeto desvitalizado, vazio e semimorto. Seguindo os dois capítulos do livro, intitulados de Abandono e Obsceno, respectivamente, discutimos como esse abandono é experimentado, desde o emudecimento inicial da personagem, passando pelo arrependimento, desequilíbrio, medo da loucura, pela dor da rejeição, injúrias, desejos de vingança, solidão, necessidade de ressarcimento, até chegar ao que ela conclui como sendo uma obscenidade – a recusa do amor do homem amado. Para a psicanálise, o obsceno como aquilo que está fora da cena, remete à ausência de um enquadramento fantasmático que sustenta o sujeito em sua existência, ideia trabalhada na análise a que nos propomos. Destacamos também que, na relação amorosa, a mulher deve ser tomada como objeto causa de desejo por um homem e que, quando isso não se sustenta mais, ela pode se devastar, sendo invadida pelo fora-da-lei de seu gozo, prestando-se a todas as concessões, a todas as loucuras, vivenciando um profundo abalo no seu ser.

Ainda no segundo capítulo, além das contribuições lacanianas, utilizamos também outras categorias teórico-conceituais de autores do campo freudiano e laciano, como Jacques Alain Miller, Collete Soler e Éric Laurent. Nas considerações finais, discutimos, a partir da obra analisada sob o viés psicanalítico, o que assegura a repetição desse traço de devastação da personagem mulher, nas obras contemporâneas de autoria feminina, mesmo em um cenário social onde as mulheres já obtiveram inúmeros avanços. Refletimos como a representação da mulher na literatura focaliza a forma de comportamento dos gêneros na sociedade atual, enfatizando um momento onde emerge o que Lipovetsky (2000) nomeia de uma “terceira mulher”. Nesse sentido, abordamos como o discurso psicanalítico pode assumir um outro lugar nas discussões sócio-culturais, promovidas pela literatura. Finalizando, objetivamos deixar algumas contribuições sobre como a relação homem/mulher pode ser redimensionada na hipermodernidade, onde os amores são líquidos e nômades.

1 Da catástrofe à devastação: que lugar para a mulher na relação amorosa?

A relação entre literatura e psicanálise está presente desde Freud, que se utilizava dos textos literários para explicar parte de seus conceitos. Alguns termos psicanalíticos foram buscados na Mitologia, como o Complexo de Édipo e o Narcisismo, por exemplo. Há, na obra de Freud, importantes artigos onde ele se entrega a análises de textos literários, como *A Dama das Camélias*, *A Divina comédia*, *Dom Quixote*, *Fausto*, *A Eneida*, *Macbeth*, *Édipo Rei*, *Os Irmãos Karamazov*. Em *Outros escritos* há um artigo de Lacan (2003) intitulado “Lituraterra”, que aborda a “intrusão” da psicanálise na crítica literária, posicionando-se contra a redução dessa relação a uma mera psicobiografia.

De acordo com Brandão (1996), é inegável que a psicanálise tem servido de suporte teórico a diversas questões da literatura, indo muito além da fase de uma “psicanálise selvagem” do texto literário, onde as personagens eram deitadas no divã. Um exemplo desse outro uso do discurso psicanalítico são as contribuições trazidas pela crítica literária feminista.

A partir da década de 60 surgem questionamentos sobre a experiência da mulher enquanto leitora e escritora, marcando uma diferença da experiência masculina. Funck (1994) destaca três diferentes fases da produção intelectual e acadêmica da crítica feminista: a primeira, foi marcada por uma análise das imagens estereotipadas da mulher na prática literária; a segunda, deixou de lado o texto masculino como objeto de estudo e voltou-se para a investigação de uma literatura feita por mulheres; a terceira fase propôs uma revisão dos conceitos básicos do estudo literário, onde foi introduzida a análise da construção do gênero e da sexualidade dentro do discurso literário. Assim, o modo pelo qual a atividade literária está marcada por diferenças de gênero passou a ser uma prioridade dos estudos promovidos pela crítica feminista.

Os questionamentos em torno da literatura feita por mulheres colocam em cena uma aferrada polêmica sobre a possibilidade de se considerar as mulheres escritoras como um grupo literário distinto. Haveria uma forma especificamente feminina de escrever? A escrita tem sexo? Essa é uma questão que divide muitas opiniões. Longe de adentrarmos nessa polêmica, situamos que é no rol dessas discussões que a psicanálise é utilizada como aporte teórico, seja para ser rechaçada, seja para servir de fundamento teórico.

Showalter (1994) afirma que as teorias da escrita das mulheres, atualmente, utilizam-se de quatro diferentes modelos: biológico, lingüístico, psicanalítico e cultural. Segundo a autora, o modelo psicanalítico vem situar a diferença da escrita feminina na psique do autor e na relação do gênero com o processo criativo, ou seja, apoia-se na ideia psicanalítica da dessimetria entre os sexos e de como isso reflete na escrita do texto literário. De um lado, critica-se a abordagem psicanalítica, acusando-a de ser reducionista e essencialista. A interpretação equivocada de alguns aforismos lacanianos no que diz respeito à mulher leva a conclusões “selvagens”, como a de que a psicanálise considera a mulher um ser inferior. De outro lado, utilizam-se essas elaborações sobre o feminino como uma forma de ler melhor o texto de autoria da mulher, como o fazem Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão, em muitos dos seus estudos.

No presente trabalho não recorreremos à psicanálise para deitar a personagem da obra estudada no divã a fim de enquadrá-la em um diagnóstico qualquer, nem muito menos para defender a ideia da existência de uma escrita verdadeiramente feminina. Como dito anteriormente, a perspectiva adotada é a de analisar o traço que se repete na literatura contemporânea de autoria feminina, quando a temática destina-se às relações amorosas. Não estamos afirmando, aqui, que os homens não escrevem sobre o amor e, tampouco, que apenas as mulheres o fazem. Fugindo de qualquer reducionismo ingênuo dessa natureza, buscamos, na psicanálise, um suporte para podermos pensar sobre a constância na forma como as autoras

têm representado a mulher na literatura de ficção contemporânea, tomando como categoria de análise o conceito de devastação.

O objetivo deste primeiro capítulo é o de fazer um encadeamento lógico-conceitual para que possamos chegar ao conceito de devastação. Veremos que a devastação está diretamente articulada aos conceitos de: complexo de Édipo, castração, falo e gozo. É a maneira como a criança atravessa o Édipo e a forma como o falo circula nesse período edípico, que a forma de gozar masculina e feminina vai ser organizada. Chegando ao conceito de gozo, poderemos, então, discutir o de devastação, uma vez que esta é resultado do gozo feminino e de seu caráter de não-todo submetido ao falo.

Com o intuito de introduzir e discutir o referido conceito iremos fazer um breve percurso teórico-conceitual, que se faz imprescindível para a compreensão das dessimetrias entre os sexos defendidas por Freud e Lacan. Inicialmente, veremos como esses dois autores definem o sexual e as conseqüências deste para o sujeito. Em seguida, será problematizada como se dá a partilha entre os sexos, ou seja, como a psicanálise define as posições masculina e feminina. Posteriormente, veremos como os dois autores escolhidos abordam o feminino. Por fim, entraremos no conceito de devastação, situando-o como um fenômeno presente do lado feminino. Para discutirmos essa idéia, iremos contextualizá-lo não só no âmbito da literatura, mas também no de outras artes, como o cinema, televisão, artes plásticas, música e dramaturgia.

Na abordagem do conceito de sexualidade, encontramos uma multiplicidade de visões, algumas delas completamente dissidentes, outras complementares. Dentre essas formas diversas de conceituar o sexual, destacamos a biológica, a culturalista e a psicanalítica. Na visão biológica ou naturalista, o que define o sexo dos sujeitos é a anatomia. Do ponto de vista culturalista, os atributos físicos e anatômicos recebem significados culturais, são interpretados a partir de referenciais históricos, políticos e religiosos. Hoje, essa abordagem

tem sido bastante privilegiada, a partir dos recentes estudos sobre gênero e sexualidades, tendo em Butler (2003) um de seus expoentes. Essa autora faz uma crítica às categorias de identidades produzidas e naturalizadas pelos discursos do poder, afirmando que o gênero não está escrito no corpo anatômico. Assim, os corpos podem apenas reproduzir os significados pré-estabelecidos ou então transgredir e subverter as regras de gênero. Percebemos, então, que o viés culturalista retira a ênfase do biológico e a transfere para o cultural. No entanto, ao formular essa ideia, aposta na capacidade de subversão do sujeito, quando afirma que tanto as normas biológicas como as culturais podem ser transgredidas. Essa aposta aproxima-se muito da abordagem psicanalítica, que coloca o sujeito desejante em conflito com o lugar que lhe é ofertado pelo discurso pré-existente.

Adams (1997), ao fazer uma severa crítica ao modo como a psicanálise trata as questões vinculadas ao sexual, acusando-a de apenas reproduzir o discurso patriarcal, admite, contraditoriamente, que a psicanálise pode contribuir com os novos debates sobre a política sexual, podendo teorizar sobre novos fenômenos, sem se transformar numa sociologia ou psicologia. Essa aposta nós também fazemos na presente investigação.

Se, para a biologia, o masculino e o feminino são definidos por atributos anatômicos e pelas células sexuais, para a psicanálise, não se pode escrever uma lei universal para a sexualidade, pois cada sujeito inventa uma solução particular diante do sexual. A realidade sexual que a psicanálise descobre, a partir do inconsciente, implica a ausência de uma visão instintiva e naturalista.

A anatomia não determina a sexualidade do sujeito, mas deixa conseqüências psíquicas. Organizada através do complexo de Édipo e do complexo de castração, a sexualidade freudiana está centrada na identificação e na escolha de objeto.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”² (1905a), Freud (1996) faz uma ampla descrição de como a vida sexual infantil é decisiva para a configuração definitiva da sexualidade adulta, ou seja, para a diferenciação dos seres sexuados em masculino e feminino.

As disposições masculinas e femininas começam a se desenhar na primeira infância, mas apenas na puberdade se estabelece uma separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos. Longe de uma visão puramente determinista, como a da biologia, Freud (1996, p. 223), nos seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, esclarece que: “[...] o processo de determinação prossegue e surgem outras possibilidades, conforme as vicissitudes por que passam as correntes tributárias das sexualidades provenientes das diversas fontes. Obviamente, é essa *elaboração ulterior* que decide em termos definitivos [...]”.

Essa elaboração ulterior compreende uma série de fatores internos e externos que podem vir a perturbar o desenvolvimento sexual do sujeito. É o que é ratificado por Lacan (1999), no *Seminário 5* (1957-58), quando traz, ao longo de seu ensino, a noção de “sexuação” para falar de uma implicação subjetiva do sexo, ou seja, o que o sujeito vai fazer com o seu sexo, se vai aceitá-lo ou rechaçá-lo, ponto esse que dialoga com a visão dos estudos culturais

Alguns sujeitos cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade, assumindo a inconstância e a transição entre as identidades, implicando no fato de que:

Por certo os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos (LOURO, 2004, p. 17) .

² Na primeira vez que o texto freudiano for citado, será identificado pelo ano da publicação e da edição utilizada nesta pesquisa. A partir da segunda citação, será referido apenas pela edição.

Pensamos que a psicanálise pode trazer uma importante contribuição ao entendimento desses processos, quando introduz a noção de que o sexo biológico precisa ser subjetivado pelo sujeito.

Segundo Drummond (s.d./a), pode-se destacar três tempos nesse processo de sexuação: o primeiro tempo é o mítico, em que a anatomia é um real que se impõe ao sujeito, mas que não desempenha um papel no processo de sexuação deste, embora lhe traga conseqüências psíquicas, como Freud previu; o segundo tempo é o discurso sexual, da cultura, que transmite ao sujeito a interpretação do seu sexo, identificando-o como sendo de um determinado sexo; o terceiro tempo é aquele em que o sujeito pode ou não estar de acordo com o sexo que o discurso que o circunda designou, constituindo-se como um momento de eleição que implica modos de gozo³ do sujeito e sua relação com o outro sexo.

Em Freud, o sexo verdadeiro de um sujeito é definido pela identificação edípica. Em Lacan, a definição vem pelo modo de gozo do sujeito. Para melhor esclarecer o que o sexual impõe aos sujeitos e de quais artificios os sujeitos fazem para tentar dar conta dele, faz-se necessário um breve percurso sobre as contribuições freudianas e lacanianas acerca de como um sujeito vem ocupar uma posição masculina ou feminina. Posteriormente, a questão será centrada no feminino e suas particularidades, priorizando a discussão no conceito de devastação.

1.1 O sexual é traumático

Antes de apresentarmos como a psicanálise pensa o sujeito feminino, iremos abordar o status que o sexual ocupa nas formulações freudianas, uma vez que as conseqüências dele para os sujeitos denunciam uma dessimetria entre as posições masculina e feminina.

³ Esse conceito, fundamental no ensino de Lacan, será desenvolvido mais adiante. Aqui, adiantamos que: “O que pertence ao gozo não é de modo algum redutível a um naturalismo, trata-se, ao contrário, do ponto em que o vivo compactua com a linguagem” (KAUFMANN, 1996, p. 221).

Nas suas escutas, Freud surpreende-se ao constatar que o que se constituía como traumático era algo vinculado, sempre, ao sexual do sujeito e que estava localizado na primeira infância. Em “A psicoterapia da histeria” (1895), anuncia:

[...] fui obrigado a reconhecer que, na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais. Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, produzem diferentes quadros de distúrbios neuróticos (FREUD, 1996, p. 273).

O que as histéricas lhe traziam eram lembranças de cenas com um forte conteúdo sexual, vividas de maneira bastante precoce e traumática. No relato delas sempre havia uma cena onde vivenciavam algo semelhante a um abuso sexual, por parte daqueles responsáveis pelos cuidados infantis, como pais, professores e babás. Assim, Freud formula a teoria da sedução, que localiza a causa da neurose em uma experiência sexual precoce e desprazerosa, provocada por um adulto sedutor.

No entanto, Freud começa a ficar insatisfeito com a sua teoria das neuroses e desabafa com seu amigo, o médico Fliess⁴, na Carta 69 (1897):

[...] confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei à compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica [teoria das neuroses]. [...] veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso [...] (FREUD, 1996, p. 310).

Constatando que, no inconsciente, não há indícios de realidade, não se podendo distinguir entre verdade e ficção, Freud confia a Fliess seu descrédito na teoria da sedução. Afinal, todos os pais teriam que ser perversos e todas as crianças teriam que ter vivido uma cena de sedução. É, então, a partir do conceito de fantasia, que Freud vem

⁴ Fliess: médico especialista em nariz e garganta, com quem Freud manteve uma correspondência volumosa e íntima, entre 1887 e 1902.

abandonar a sua teoria da etiologia traumática das neuroses, sustentada durante os cinco anos anteriores.

Com a plena compreensão de que as fantasias podem atuar com a mesma força das experiências reais, Freud continua afirmando que o sexual é traumático para o sujeito, mas que esse trauma não é necessariamente vivido na realidade, mas produto das fantasias do sujeito. Percebemos que, desde muito cedo, Freud tira o acento da realidade e o transfere para o espaço da subjetividade.

O que Freud estava tentando elaborar era que o inconsciente tem uma dificuldade estrutural para responder à excitação e às sensações corporais que invadem o sujeito desde a infância. O sexo é algo que precisa ser interpretado pela criança, o que não é um trabalho fácil, já que as primeiras sensações genitais da criança são perturbadoras. Podemos notar que, há mais de um século, Freud já tratava a sexualidade de uma forma muito próxima a das atuais abordagens da teoria de gênero, pois recusa qualquer determinismo, seja ele biológico ou cultural, embora não deixe de reconhecer que ambos deixam conseqüências psíquicas no sujeito.

É no texto “A organização genital infantil – uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923b), apontado por Freud como um acréscimo aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1996), que encontramos uma melhor descrição sobre a diferença entre a organização genital infantil e a organização genital final do adulto, o que se impõe como de grande importância para a compreensão de como a masculinidade e a feminilidade se fundam, já que, no estágio da organização pré-genital sádico-anal, não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante:

No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade e não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, é que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino (FREUD, 1996, p. 161, vol. XIX).

Nesse trabalho, Freud afirma que a principal diferença entre a sexualidade infantil e a adulta, é que, na primeira, o que entra em consideração é apenas o falo⁵. O menino percebe a distinção entre homens e mulheres, mas não a vincula a uma diferença nos órgãos genitais dele, presumindo que todos têm um pênis. É importante observar que Freud, aqui, não descreve o que acontece na menina, afirmando que desconhece o processo correspondente nas crianças do sexo feminino. Aliás, essa é uma dificuldade sempre presente na obra freudiana, o que nos será permitido notar e discutir ao longo deste trabalho.

O menino, ao perceber e aceitar a ausência de pênis na menina, passa a ter muito medo de também perder o seu próprio pênis (angústia de castração). Assim, para preservar o seu pênis deve renunciar ao seu primeiro objeto de amor, que é a mãe. O ego da criança, guiado pelo seu interesse narcísico, volta as costas ao complexo de Édipo. No lugar das catexias objetais dirigidas à mãe, surgem as identificações. O complexo de Édipo é, então, destruído pela ameaça de castração. O menino identifica-se a seu pai, tomando-o como modelo de masculinidade.

No caso da menina, ainda no artigo sobre “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), encontramos, mais uma vez, a dificuldade de Freud em descrever o que ocorre: “Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago” (FREUD, 1996, p. 198, Vol. XIX). No entanto, Freud faz uma tentativa de descrever o que ocorre na menina, afirmando que, inicialmente, o clitóris comporta-se como um pênis e que há a expectativa de que mais tarde terá um pênis tão grande quanto o do menino. Ao ter essa expectativa frustrada, a menina aceita a castração como um fato consumado e acusa a mãe de ter lhe feito castrada. Volta-se para o pai, na crença de que este lhe dê o substituto do pênis, ou seja, um filho. A mãe torna-se objeto de ciúme e a menina transforma-se em uma mulher.

⁵ Esse conceito será melhor trabalhado mais adiante, quando introduzirmos as conceituações lacanianas, que ampliam a concepção freudiana de falo. Neste momento de suas elaborações, Freud faz coincidir falo e pênis.

O Édipo da menina culmina com o desejo de receber do pai um filho. Percebemos que o menino sai do Édipo pela ameaça de castração. Já na menina, é a constatação da castração que a faz entrar no Édipo. É no artigo “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925) que Freud enfatiza ainda mais a importância do Édipo na partilha sexual:

[...] o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma conseqüência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada (FREUD, 1996, p. 285, Vol. XIX).

É a maneira como os sujeitos atravessam o complexo de Édipo que vai estruturá-los psiquicamente. A alusão que fazemos, aqui, ao fato de que Freud enfatiza uma dessimetria em como o menino e a menina circulam pelo Édipo é fundamental, pois isso nos servirá de base, mais adiante, para a compreensão de que homens e mulheres ocupam posições distintas na relação amorosa.

Até aqui, nosso percurso foi o de verificar como Freud situa a questão do sexual, dando-lhe o lugar de algo vivido como traumático e estruturante para os sujeitos. Agora, passamos a discutir como Freud problematiza o feminino, foco de nossa análise nesta investigação.

1.2 A mulher freudiana: um continente obscuro

No início da psicanálise está a mulher. Freud introduz esta “ciência” a partir de uma escuta às histéricas. Aliás, são as histéricas que lhe revelam o seu objeto maior de investigação: o inconsciente. Além disso, é uma mulher que o conduz à criação da técnica da

associação livre – a Sr^a. Emmy Von N. – pedindo-lhe que não a tocasse, que não a fizesse dormir sob hipnose, mas que a deixasse falar.

Em todo o seu percurso psicanalítico, Freud faz parceria com a mulher, que lhe obriga sempre a avançar em suas investigações. Em nota de rodapé, no artigo “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1996), há um registro feito por Ernest Jones de uma frase que Freud disse, certa vez, a Marie Bonaparte: “A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: ‘O que quer uma mulher?’” (FREUD, 1996, p. 274, Vol. XIX).

De acordo com Strachey (1996, p. 273, vol. XIX): “Desde muito cedo Freud queixou-se da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres”. Ao percorrer toda a sua obra, deparamo-nos com essa dificuldade, que é traduzida na voz do próprio Freud (1996, p. 212), no artigo “A questão da análise leiga” (1926): “[...] sabemos menos sobre a vida sexual das meninas que sobre a dos meninos. Mas não precisamos nos envergonhar dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas constitui um ‘continente obscuro’ para a psicologia”.

Inicialmente, nos trabalhos em que explica como o complexo de Édipo ocorre nos meninos e nas meninas, Freud faz uma descrição análoga, supondo existir um paralelo completo entre os dois sexos. A descrição sobre o complexo de Édipo feminino ou é omitida ou, como temos visto, é equiparada ao que ocorre no menino. Strachey (1996) nos chama atenção para o fato de que, depois do caso Dora⁶ (1905b), Freud passa quinze anos sem publicar material clínico que tratasse de uma mulher. Após esse período, surgiu um caso de paranóia feminina, em 1915, e um caso de homossexualismo feminino, em 1920. No entanto,

⁶ Caso relatado e discutido por Freud, em “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905 [1901]). É um caso considerado paradigmático, por Lacan, porque é onde Freud introduz importantes questões sobre a feminilidade.

nesses dois casos, era a relação dos pacientes com a mãe, e não com o pai, que se sobressaia, o que começava a deixar Freud insatisfeito com a hipótese de uma simetria entre os sexos.

No artigo “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1996), Freud avança no que diz respeito a uma não equivalência entre o Édipo masculino e o feminino. É nesse texto onde ele faz uma reavaliação de suas opiniões sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres, a partir da ênfase que começa a dar ao período pré-edipiano.

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no Complexo de Édipo. Como ocorrem, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto? Perseguindo essa questão pude chegar a algumas conclusões capazes de lançar luz exatamente sobre a pré-história da relação edipiana nas meninas (FREUD, 1996, p. 280, Vol. XIX).

Ao constatar a ausência do pênis em seu corpo, a menina entrega-se à esperança de, algum dia, vir a possuí-lo. Esse desejo é chamado, por Freud, de inveja do pênis, que traz uma série de conseqüências importantes para a constituição ou não da feminilidade.

Em “Sexualidade Feminina” (1931), Freud diz que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complexo e credita isso a duas razões: uma delas é que a menina tem que abandonar o clitóris – sua principal zona genital, a outra é que troca de objeto original, ou seja, afasta-se da mãe e volta-se para o pai.

É, então, no artigo citado, que ele rompe definitivamente com a noção de uma equivalência entre os sexos:

Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o Complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão ‘complexo de Electra’, que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos. É apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival (FREUD, 1996, p. 257).

É quando Freud volta-se para a pré-história do Édipo na menina, que ele consegue avançar nas suas elaborações sobre a feminilidade. Ele centra sua atenção na relação da menina com a mãe: “[...] fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edípica à mãe” (FREUD, 1996, p. 120, Vol. XXII). Essa nova forma de abordar o Édipo, na menina, é de grande importância para o entendimento do conceito de devastação, o que nos impõe, aqui, um maior detalhamento de como isso ocorre.

Investigando sobre a natureza das relações libidinais da menina para com sua mãe, Freud interessa-se em saber o que pode pôr fim a essa poderosa vinculação com esta última, fazendo com que a primeira volte-se para seu pai. Como resposta, encontra a castração, já que a mãe é tomada como responsável pela falta de pênis na menina. Nessa transição do objeto materno para o paterno, a menina renuncia uma determinada soma de atividade e o que predomina é a passividade.

De acordo com Freud, então, a vida sexual da menina é dividida em duas fases: a primeira possui um caráter masculino e a segunda é feminina. Assim, ele afirma que algumas meninas jamais tornam-se mulheres, permanecendo homens no plano psíquico.

Para que a menina torne-se mulher é necessário que ela supere duas dificuldades, com as quais os meninos não se deparam: trocar de objeto primário de amor (da mãe para o pai) e trocar de sexo (do clitóris para a vagina). Essas dificuldades emergem quando a menina apercebe-se de sua própria castração, ou seja, é a inscrição da falta que desencadeia a problemática da trajetória da menina em busca da feminilidade.

É fato inquestionável que Freud, ao longo de sua obra, sempre apresenta a sexualidade feminina através de um caráter masculino, que faz sombra no feminino, afirmando que a menina é um homenzinho, até que a vagina seja descoberta:

Com seu ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho. [...] na fase fálica das meninas, o clitóris é a principal zona erógena. Mas naturalmente, não vai permanecer assim (FREUD, 1996, p. 118-119, Vol. XXII).

A noção de bissexualidade está presente em toda a obra freudiana, designando uma oposição entre atividade e passividade. Ao utilizar esse termo, Freud não objetiva uma divisão dos sexos: “Ele designa uma polaridade que assume o lugar da diferença entre os sexos” (ANDRÉ, 1998, p. 19).

O que fica claro é que a divisão anatômica entre dois sexos não significa, no inconsciente, uma divisão entre dois sexos. No inconsciente, a oposição não é entre masculino-feminino, mas entre castrado/não-castrado. Assim, a diferença sexual deve ser menos procurada entre dois sexos do que entre duas posições do sujeito. O que importa é como o sujeito posiciona-se diante do falo e da castração. Para o menino, a castração é uma ameaça, mas, para a menina, ela é uma constatação. No Édipo, o menino encontra uma identificação onde apóia seu ser masculino, mas a menina não a encontra em sua mãe e é por isso que Freud se detém ao período pré-edipiano.

O pensamento freudiano sobre a feminilidade pode ser apreendido na famosa frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, tornar-se mulher”. Na concepção freudiana, a feminilidade aparece como algo nada “natural”. É desejando receber do pai o que falta a sua mãe, que a menina pode tornar-se mulher. Lamentavelmente, esse tornar-se mulher em Freud, fica completamente submetido à inveja do pênis. Essa inveja é, inclusive, colocada como um ponto intransponível no final de análise com mulheres, ou seja, seria algo jamais possível de ser superado. Esse ponto foi extremamente repudiado pela crítica feminista, que viu nas elaborações freudianas um discurso falocêntrico, que cristalizou a mulher como um ser inferior. Esse argumento pode ser constatado, por exemplo, em Brennam (1997, p. 14), ao

afirmar que: “[...] a posição feminina, como oposta à oposição fálica masculina, é considerada desprovida de conteúdo, nada mais do que a diferença em relação ao masculino”.

Apenas com a atenta leitura de Lacan da obra freudiana é que equívocos dessa natureza puderam ser melhor esclarecidos, o que será observado em seguida, quando tratarmos dos avanços trazidos pela psicanálise lacaniana às questões do feminino.

Neste breve percurso que fizemos sobre o que é a mulher freudiana, fica evidente a dificuldade que o pai da psicanálise encontrou em adentrar no universo feminino, dificuldade tantas vezes explicitada por ele mesmo, que chegou a atribuí-la a uma peculiaridade de sua relação transferencial como as mulheres:

Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que tinham se refugiado da fase primitiva em questão. [...] Tampouco alcancei sucesso em divisar completamente o caminho em qualquer caso [...] (FREUD, 1996, p. 234, vol. XXI).

Aqui, Freud (1996) reconhece alguns avanços conseguidos pelas analistas femininas, como Jeanne Lampe-de Groot e Helene Deutsch, que teriam conseguido funcionar como substitutas maternas adequadas.

Freud reconhece que a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher, o que seria uma tarefa difícil de cumprir, tão difícil que admite que suas elaborações são incompletas e fragmentadas. Na sua Conferência XXXIII (1933 [1932]), intitulada “Feminilidade”, Freud (1996, p. 134, Vol. XXII) passa a tarefa adiante: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes”.

Nesse breve trajeto sobre como Freud pensa a feminilidade, chamamos atenção para um fato que é de extrema importância para a discussão futura sobre o conceito de devastação. É que, como vimos, Freud só consegue avançar na elucidação do Édipo feminino quando volta seu olhar para o período pré-edípico, detectando nele um ponto fundamental: a peculiar

relação da menina com a mãe. Na Conferência XXXIII (1933 [1932]), acima citada, Freud (1996) afirma que nesse período o pai é apenas um rival incômodo, estando em jogo uma poderosa vinculação libidinal entre a menina e a mãe. Uma série de queixas e acusações contra a mãe aparecem nesse período, justificando um futuro sentimento de hostilidade dirigido à mãe, o que acarretará o afastamento desta e a aproximação do pai, marcando o complexo de Édipo feminino. A lista de acusações dirigidas à mãe, pela menina, é grande: foi-lhe dado pouco leite; foi-lhe retirado o seio para dá-lo a outra criança e, por fim, esta mulher fez-lhe castrada. Essa fase de ligação afetuosa pré-edípica é decisiva para o futuro da mulher:

A hostilidade que ficou para trás segue na trilha da vinculação positiva e se alastra ao novo objeto. O marido da mulher, inicialmente herdado, por ela, do pai, após algum tempo se torna também o herdeiro da mãe. Assim, facilmente pode acontecer que a segunda metade da vida da mulher venha a ser preenchida pela luta contra seu marido, do mesmo modo como a primeira metade, mais breve, fora preenchida pela rebelião contra a mãe (FREUD, 1996, p. 132, vol. XXII).

O que Freud está afirmando é que a problemática relação da menina com a mãe reproduz-se, em algumas mulheres, na relação que estas mantêm com um homem. Em “Sexualidade feminina” (1931), Freud (1996) denomina esse laço mãe-filha como uma catástrofe. Essa idéia será retomada por Lacan, que irá introduzir o termo devastação, para falar dessa poderosa ligação e das suas conseqüências para as parcerias amorosas femininas. Drumond (s.d./b) cita alguns exemplos de mulheres devastadas na relação com a mãe e com os homens, estudados pela psicanalista Marie-Magdeleine Lessana. Um dos exemplos é o de Maria Riva, filha de Marlene Dietrich, que passa toda a sua vida servindo de suporte para o sucesso da imagem de artista de sua mãe, abandonando-se como mulher. Camille Claudel também é citada pela referida autora, pois, apesar de seu enorme talento, ela era hostilizada pela mãe, tendo com ela uma relação de devastação, que será reproduzida no relacionamento com Rodin.

Passamos, agora, às reformulações e inovações que Lacan traz ao discurso psicanalítico sobre a mulher, destacando entre suas principais contribuições ao feminino o conceito de devastação.

1.3 A mulher não existe: o que Lacan diz sobre as mulheres

Até aqui, temos observado que Freud convoca o Complexo de Édipo para explicar o tornar-se homem ou mulher. Desnaturalizando o sexo, ele faz do complexo de castração o agente da partilha sexual. Um homem é produzido renunciando seu objeto primordial – a mãe – a fim de preservar o seu pênis, identificando-se, por fim, ao seu pai, que lhe servirá como modelo de virilidade.

Mas, o próprio Freud (1996), em “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” confessa que o Édipo produz o homem e não a mulher. Até onde Freud consegue ir, define a mulher unicamente a partir da parceria desta com um homem, ou seja, quando espera o pênis-bebê do pai. Posição esta extremamente protestada pelas feministas, que denunciaram a injustiça freudiana em fazer da inveja do pênis a essência do ser feminino.

Não sem causar menor escândalo, Jacques Lacan introduz novidades no que diz respeito à feminilidade. Também suas teses e aforismos, como os que dizem que “A mulher não existe” e que “Não há relação sexual”, provocaram euforia e protestos entre as feministas.

É na década de 20 que Lacan começa a se inscrever na história da psicanálise francesa, como médico psiquiatra e fiel leitor da obra freudiana. A partir da década de 30, começa a efetuar uma síntese de três domínios do saber – a clínica psiquiátrica, a psicanálise e o surrealismo, apoiados em um notável conhecimento filosófico, que culmina com a sua grande

obra da juventude, em 1932, intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade” (ROUDINESCO, 1994).

Chama-nos a atenção o fato de que, se Freud criou a psicanálise na escuta das mulheres histéricas, Lacan fez sua entrada também pelas mulheres, não as histéricas, mas as paranóicas. Os casos Aimée (1931) e o das irmãs Papin (1933), ambos casos de paranóia, marcaram a introdução de Lacan no universo psicanalítico.

Nos anos 50, Lacan aproxima a psicanálise da lingüística, com o intuito de descobrir as leis estruturais que regulam a vida psíquica, chegando a afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ou seja, que o inconsciente obedece a leis formais, semelhantes às que o linguista constata a partir dos significantes puramente lingüísticos. A ordem do inconsciente, formalmente idêntica à ordem da linguagem, Lacan designa pelo nome de ordem do significante (ou ordem simbólica) e confere-lhe o encargo de construir o sujeito humano. Assim, só há inconsciente no ser falante⁷, e é a linguagem a condição do inconsciente. A linguagem espera o sujeito em uma anterioridade lógica, pois até mesmo os pensamentos que se realizam na fantasia dos pais são determinantes no “destino” do sujeito. Por isso, Lacan diz que o sujeito ex-siste, pois ele já nasce afetado pela linguagem. Em “Função e campo da fala e da linguagem”, encontramos uma referência poética sobre essa anterioridade lógica:

Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão gerá-lo em ‘carne e osso’; trazem em seu nascimento, com o dom dos astros, senão com o dom das fadas, o traçado de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele ainda não está e para além de sua própria morte (LACAN, 1998a, p.280).

No que diz respeito à partilha sexual, Lacan vai além do Édipo freudiano. Ele não o refuta, mas o questiona e critica. Ele logiciza o Édipo, reduzindo o seu alcance. A lógica do

⁷ Quando Lacan afirma que só há inconsciente no ser falante, está referindo-se ao homem, que diferentemente dos demais animais, é afetado pela linguagem e dela apropria-se para significar sua existência.

Édipo, como o próprio Freud o disse, produz o homem a partir da grande lei da castração, deixando-lhe o gozo fálico. Mas, a mulher é situável em uma outra lógica, não-toda submetida ao gozo fálico.

Guiado por essa outra lógica, para-além do Édipo, Lacan traz importantes contribuições no que diz respeito à sexualidade feminina:

[...] os deslocamentos operados por Lacan sobre a questão da sexualidade feminina em relação a Freud, constituíram verdadeiramente uma revolução conceitual ou, ao contrário, seriam apenas reformulações de sugestões teóricas freudianas? Um modo de tentar responder a essa questão é, por exemplo, buscar em Freud o traço ou as premissas de uma fórmula choque de Lacan: ‘A mulher não existe’ (SILVESTRE, 2002, p. 72).

Reconhecendo que essa revolução conceitual introduzida por Lacan promove um considerável avanço para a temática do feminino, faremos, a partir de agora, um breve trajeto sobre as suas contribuições à sexualidade feminina. Como sugere Silvestre (2002), essas formulações lacanianas tomam Freud como ponto de partida. Na Conferência “Feminilidade” (1996), encontramos a seguinte passagem:

Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos (FREUD, 1996, p. 134, Vol. XXII).

De acordo com Silvestre (2002), essa passagem seria uma amostra do aforismo laciano de que “A mulher não existe”. Freud (1996) afirma que a natureza da mulher é humana, ainda que sua inscrição como ser sexuado seja outra, diferente da dos homens. A feminilidade, tanto para Freud como para Lacan, ultrapassa a referência ao falo.

Mas, para chegar ao entendimento desse polêmico aforismo laciano, iremos seguir as elaborações de Lacan sobre essas questões em dois momentos: o primeiro momento, considerado mais freudiano, situado em torno de 1958, momento em que encontramos os

textos “A significação do falo” e “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina”; o segundo é onde estão as teses mais inovadoras, entre 1972 – 73, que, aqui, serão discutidas a partir do *Seminário 20 – Mais, ainda*.

Seguindo o nosso intuito de fazermos um percurso lógico-conceitual, veremos como Lacan, a partir de Freud, faz sua própria leitura do Édipo, da castração e do falo. De posse da visão lacaniana desses conceitos freudianos, centraremos a discussão no conceito de gozo, a fim de que possamos compreendê-lo como o que alicerça a devastação. É devido ao particular do gozo feminino, em seu caráter de ilimitação, que a personagem de OA nomeia o abandono de obscenidade. A partir de agora, o conceito maior, que nos conduzirá à devastação, será o de gozo, admitindo que há um para os homens e outro para as mulheres.

Em “A significação do falo” (1958), podemos constatar o remanejamento que Lacan (1998b) faz dos termos freudianos. Nessa conferência, ele reforça a diferença entre falo e pênis, já introduzida desde Freud, situando o primeiro como algo em torno do qual giram as relações entre os sexos. Iniciamos, então, uma rápida introdução sobre esse conceito, uma vez que ele é crucial para podermos discutir a partilha sexual. Como dito anteriormente, a posição que o sujeito ocupa diante do sexual depende de como o falo circula na dinâmica edipiana.

Na conferência acima citada, Lacan (1998b) afirma que o complexo de castração tem uma função de nó, tanto na estruturação dinâmica dos sintomas como:

[...] na instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada (LACAN, 1998b, p. 692).

Então, Lacan também toma as consequências da castração como algo estruturante para o sujeito, assim como o fez Freud, ao constatar que a castração revela uma dessimetria entre homens e mulheres. No entanto, ao tomar o falo como um significante do desejo - definição introduzida no *Seminário 5*, intitulado “As formações do inconsciente “[1957 – 1958]) e, mais

adiante (no *Seminário 20*), como o significante do gozo - essa dessimetria toma outras configurações, indo além do complexo de Édipo. Em “A significação do falo”, Lacan (1998b) esclarece que:

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. [...] E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. [...] o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistério (LACAN, 1998b, p. 696).

O falo, em Lacan, é o significante da falta, ele representa a falta-a-ser gerada pela linguagem para todo e qualquer sujeito. E, ainda na conferência acima citada, Lacan esclarece que não se trata da relação do homem com a linguagem como fenômeno social, mas dos efeitos que essa relação produz no inconsciente, efeitos determinados pelo duplo jogo da combinação e da substituição no significante.

O falo é, então, um significante do desejo. Como o homem não pode visar a ser inteiro, já que o jogo de deslocamento e condensação a que está fadado, no exercício de suas funções, marca sua relação de sujeito com o significante, o falo é o significante privilegiado dessa marca (LACAN, 1998b).

Essa função significante, segundo Lacan (1998b), é confirmada na gênese psicológica, ou seja, na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo que se apresenta no Édipo, em que a criança anseia ser o falo da mãe para satisfazê-la.

Se a criança é tomada como o falo da mãe, noção que Lacan desenvolve a partir de Freud – quando este afirma que um filho é o substituto do pênis – o ponto nodal do Édipo é ser ou não ser o falo. No *Seminário 5* (1957-58), Lacan (1999) afirma que essa é uma fase a ser atravessada pelo sujeito, para, mais adiante, chegar a uma outra fase, que é a do ter ou não ter o falo. Lacan (1999) nos fala em três tempos para o Édipo: no primeiro tempo, a criança funciona como o falo da mãe; no segundo tempo, com o pressentimento de que há um para-

além dela no desejo materno (o pai), a criança entra na incerteza psíquica de ser ou não o falo da mãe; no terceiro tempo, a criança percebe que não é o falo, mas entra na incerteza de ter ou não ter o falo – momento em que o pai precisa dar a prova de que é ele quem tem o falo. Este terceiro tempo finda com o complexo de castração, momento em que a criança renuncia seu objeto de amor primordial (a mãe), desalienando-se do desejo materno e sendo inaugurada como sujeito desejante.

Se a criança permanece alienada ao desejo materno, funcionando como o falo, a falta não é instaurada e nem tampouco o desejo. Então, essa castração simbólica é estruturante para os sujeitos: “Aquilo de que se trata no complexo de castração nunca é articulado e se faz completamente misterioso. Sabemos, no entanto, que é dele que dependem estes dois fatos: que, de um lado, o menino se transforme em homem, e de outro a menina se transforme em mulher” (LACAN, 1999, p. 192).

O falo é, então, o pivô do complexo de castração, é o suporte indispensável da construção subjetiva. E, Lacan (1999) adverte que ao se falar de falo não é simplesmente do pênis que se trata. O pênis, tanto no sujeito feminino como no masculino, vem em suplência ao falo. Nesse momento, Lacan recorre, inclusive, à Antiguidade grega, indo aos textos de Aristófanes, Heródoto, Luciano e outros, em cujos escritos o falo não aparece como idêntico ao órgão. Ele aparece como um simulacro, uma insígnia. Nos cultos antigos, tudo o que se relaciona com o falo é objeto de amputações, de marcas de castração, principalmente, quando se trata das manifestações significantes do poder fecundo da Grande Deusa.

Lacan (1999) segue afirmando que o falo é sempre coberto pela barra colocada ao seu acesso significante. Ao afirmar que o significante é um vazio, por atestar uma passagem passada, e que ele se apresenta como anulado e marcado pela barra, define o falo como um

significante do desejo, que se encontra de forma barrada onde tem lugar como indicando o desejo do Outro⁸.

A primeira pessoa a ser castrada, na dialética intersubjetiva do Édipo, é a mãe. Então, a castração é inicialmente encontrada no Outro, ou seja, o desejo do Outro é marcado pela barra significante. O sujeito, assim, tem que encontrar seu lugar de objeto desejado em relação ao desejo do Outro, situando-se como aquele que é e que não é o falo, encontrando sua identificação de sujeito, sendo ele também um sujeito marcado pela barra.

Lacan (1999) afirma que isso é muito claro na mulher que, por não ter o falo vê-se ligada à exigência de ser o falo, na medida em que ele é o signo do que é desejado. O fato de a mulher se exhibir e se propor como objeto do desejo, a identifica, secretamente, com o falo desejado, significante do desejo do Outro: “Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico, que é o que está ligado à sua feminilidade” (LACAN, 1999, p. 363).

Veremos que, para a personagem de OA, toda a dificuldade encontra-se nessa identificação com o objeto de desejo que falta ao parceiro. Por não conseguir sustentar-se na mascarada feminina, o que recai sobre ela é a devastação. Ela não consegue identificar-se ao objeto causa de desejo, ficando identificada a um objeto-dejeto, impossibilitando-lhe uma posição de dignidade diante do homem amado, restando-lhe, apenas, a devastação.

O homem também é apanhado em outro dilema: “Não pensem que a situação é melhor para o homem. É até mais cômica. O falo o infeliz o tem, e é justamente saber que sua mãe não o tem que o traumatiza – pois, sendo assim, já que ela é muito mais forte, onde é que vamos parar?” (LACAN, 1999, p. 363). No homem, há um perigo constante que ameaça

⁸ O Outro é um termo lacaniano que designa: “[...] linguagem, é Código, é Cadeia significante, é o Inconsciente enquanto estruturado como linguagem, é Discurso, é Sede do desejo, é Sede do tesouro significantes” (PAVONE, 2000, p.31).

aquilo que ele pensa ter, o que é resolvido pela identificação deste com aquele que tem o falo – o pai.

A mulher, “bancando” ser o falo, encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem endereça sua demanda de amor. Em “A significação do falo” (1958), Lacan (1998b) diz que a mulher pretende ser desejada e amada pelo que ela não é. Esse ser o falo designa a mulher como aquela que, na relação sexuada, é convocada ao lugar do objeto causa de desejo.

Se o seu parceiro a deseja é porque a ele também falta alguma coisa, pois o homem também vai à procura do falo, já que também é castrado:

O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor – dar o que não se tem –, é dar aquilo que ele não tem, o falo, a um ser que não o é (LACAN, 1999, p. 364).

A mulher, então, dá o que falta ao homem. Mas, quando ela o faz, dá o que não tem. O homem, “bancando” ter o falo para dá-lo à mulher, também dá o que não tem. Vemos que a falta é condição *sine qua non* para o amor:

[...] comporta imposição para quem nela ingressa. Em especial, dirige o que bem poderíamos chamar de comédia dos sexos, que obriga cada um dos parceiros a ‘bancar o homem’ ou ‘bancar a mulher’ [...]. No baile do Outro, a mascarada feminina e a parada [parade] viril respondem uma à outra com passos marcados. Em benefício do riso, sem dúvida mas sem simulação. O recalçamento do falo, que ordena a relação entre homem e mulher cava o lugar em que o parecer é mestre (SOLER, 2005, p. 31).

É a partir da função do falo que as estruturas a que são submetidas as relações entre os sexos são apontadas por Lacan. Essas relações giram em torno de um ser e um ter, seja parecendo ter para protegê-lo, seja parecendo sê-lo, para mascarar sua falta no outro, projetando as manifestações típicas do comportamento de cada um dos sexos. Essa função do falo nas dinâmicas da vida amorosa será mais compreensível no capítulo de análise da obra,

em que poderemos “visualizar” como se dá esse jogo de fazer parecer, tanto para o homem como para a mulher.

O falo, nas elaborações lacanianas, é um significante que tem por função significar tudo o que depende da dimensão sexual (NASIO, 1993). É, então, a partir desse significante, que Lacan define as posições masculina e feminina.

Como vimos, Freud defende a idéia de uma única libido para homem e mulher, que se divide de acordo com seu modelo de satisfação em ativo e passivo. Ao retomar essa questão, Lacan (1985), no *Seminário 20* (1972-73), fala em uma divisão entre dois tipos de gozo: “Com isso Lacan cria um momento que, desloca a questão da feminilidade do campo do sexo para o campo do gozo: a bissexualidade se torna bi-gozo [...]” (ANDRÉ, 1998, p. 27).

No Seminário citado, Lacan (1985) reconhece que a questão do gozo sexual da mulher permanece praticamente intocada, tanto em Freud como nos pós-freudianos, dando lugar aos debates mais escabrosos (ANDRÉ, 1998). Assim, no referido Seminário, ele acentua mais a questão do gozo feminino, do que a de uma identidade feminina. Ele volta-se mais para a divisão que o significante fálico introduz na menina, do que a castração e a inveja do pênis.

Reconhecendo a importância do *Seminário 20* para o presente estudo, centraremos nossa discussão sobre a feminilidade em Lacan, a partir dele e das conseqüências que dele podemos tirar. Embora a articulação entre significante e gozo já esteja presente desde cedo, em alguns textos como “A significação do falo” (1958) e “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), é no *Seminário 20* que Lacan melhor discute sobre a intersecção desses dois campos. Ele esclarece, logo de início, que o termo gozo não é sinônimo de prazer e nem de satisfação.

Lacan (1985) afirma que o gozo não serve para nada e que ele se coloca como uma instância negativa, não se deixando reduzir às leis do princípio de prazer e nem à autoconservação. Em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), Lacan (1998c)

afirma que o falo dá corpo ao gozo, pois é graças à castração que o registro do gozo sexual nos é aberto. Assim, ele distingue dois tipos de gozo: o gozo do ser (gozo em geral) e o gozo sexual (ou fálico). O gozo sexual é uma limitação do gozo em geral, ele tem o efeito de nos interditar, pois está articulado ao significante fálico, que é quem introduz a dimensão do sexual no ser humano.

Ao introduzir uma inversão entre o ser e o significante, Lacan (1998) afirma que o ser não pré-existe ao significante, mas é produzido por ele. A linguagem é quem modela e determina o ser e o faz efeito da linguagem (ou seja, o significante do falo), ela separa o sujeito do gozo do ser. Ela abre o registro do gozo sexual, mas torna o gozo do ser inacessível, que é um gozo que não corresponde a desejo algum do sujeito e resiste a qualquer apreensão e raciocínio significante (ANDRÉ, 1998).

O gozo do ser não pode ser dito, está fora-da-linguagem, é um lugar vazio de significantes. É, então, no *Seminário 20*, que Lacan (1973-73) discute a dialética desses dois gozos: “O significante do falo é retomado aí em seu duplo valor, de causa final para o gozo do ser ou gozo do Outro, como Lacan o denomina a partir de então, e de causa original para o gozo sexual ou gozo fálico” (ANDRÉ, 1998, p. 216).

Então, o gozo fálico ou gozo sexual é bem determinado pela linguagem, já que é tributário do significante do falo. É um gozo extracorpo, autorizado pelo significante. Já o gozo do ser ou do Outro, é indizível, escapa ao domínio do significante, é fora-da-linguagem. Assim, no *Seminário 20*, Lacan (1985) situa o gozo masculino do lado do gozo fálico, e o gozo feminino do lado do gozo do Outro. Esse dizer lacaniano traz uma grande mudança no que diz respeito à abordagem da sexualidade feminina, pois lhe é atribuído um gozo mais além da função fálica, também denominado de suplementar.

Reinterpretando a noção de bissexualidade freudiana, Lacan (1985) traz a noção de posição masculina e posição feminina, reunindo suas elaborações em algumas fórmulas

matematizadas, que ele chama de “fórmulas quânticas da sexuação”. Não é nosso objetivo, aqui, adentrar em todos os desdobramentos possíveis dessas fórmulas quânticas da sexuação, pretendemos apenas extrairmos as conseqüências trazidas para a sexualidade feminina sob a ótica lacaniana.

O que essas fórmulas apontam é que todos os sujeitos estão submetidos à castração, ou seja, que não há sujeito para quem a função fálica não funcione. No entanto, isso só é totalmente válido para o lado masculino, pois, segundo Lacan (1985), a mulher é não-toda submetida à ordem fálica. Assim, os sujeitos que se alinham do lado feminino, têm que escolher entre duas vias: ou recusam essa falta de fundamento, posicionando-se do lado masculino, que é a via da inveja do pênis quando evolui para o complexo de masculinidade (idéia desenvolvida por Freud); ou escolhem a outra via, introduzida por Lacan, que consiste em uma saída para além daquelas apontados por Freud. É desta via que parte a constatação de que A mulher não existe, pois elas não formam um conjunto aberto, devendo ser contadas uma a uma. Assim, só existe uma mulher e não A mulher. Elas não se agrupam, como o fazem os homens, em torno de um elemento comum. Elas se inscrevem parcialmente na norma fálica, ou seja, a mulher é não-toda submetida à função fálica⁹.

Ao enunciar o aforismo “A mulher não existe”, Lacan (1985, p. 19) o aplica ao mito de Don Juan, que sabe tomar as mulheres uma a uma: “Das mulheres, a partir do momento em que há os nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las. Se há *mille e tre* é mesmo porque podemos tomá-las uma a uma, o que é essencial. E é coisa completamente diferente do um da fusão universal”. Na obra *O amor nos tempos do cólera*, Márquez (1987, p. 334), através do personagem Florentino Ariza, ilustra a artimanha do homem que sabe tomar as mulheres no um a um: “[...] pode-se estar apaixonado por várias pessoas ao mesmo tempo, por todas com a mesma dor, sem trair nenhuma. [...] o coração tem mais quartos que uma pensão de putas”.

⁹ Ao longo deste trabalho essa formulação será repetida algumas vezes e isso se dará por dois motivos: primeiro, porque se trata de um aforismo lacaniano e, segundo, porque é o ponto chave do conceito de devastação.

Como é não-toda submetida à função fálica, a mulher não forma conjunto, ela não existe. Uma outra consequência disso recai sobre o gozo feminino, que Lacan (1985) chama de “gozo do Outro” ou “gozo do corpo”. O falo provoca uma cisão na posição feminina, o que faz com que a mulher sinta que uma parte de si está presa ao gozo fálico. A outra parte, sobre ela, as mulheres nada sabem dizer:

[...] desse gozo, a mulher nada sabe, é que há tempos que lhe suplicamos, que lhes suplicamos de joelhos – eu falava da última vez das psicanalistas mulheres – que tentem nos dizer, pois bem, nem uma palavra! Nunca se pôde tirar nada. Então a gente o chama como pode, esse gozo, vaginal, fala-se do pólo posterior do bico do útero e outras babaquices, é o caso de dizer (LACAN, 1985, p.101).

Esse gozo para além do gozo fálico aparece ilustrado na fala de algumas mulheres, quando tentam, em vão, dizer algo sobre a maneira como conseguem gozar no ato sexual. Aliás, esse é um ponto enigmático até para a própria medicina, que tenta localizar o gozo feminino em uma parte do órgão anatômico, daí onde aparecem o ponto G, H e tantos outros. Sobre isso, Miller (1998, p. 108) ressalta que: “Os testemunhos femininos não faltam sobre a estranheza de um gozo habitando o corpo, com os efeitos de limitação que são, no fundo, prescritos pelo Não-Todo”. Lacan (1985, p. 103), no *Seminário 20*, lembra o gozo dos místicos e cita a estátua de Bernini, localizada em Roma, intitulada O Êxtase de Santa Tereza, que, inclusive, ilustra a capa do referido *Seminário*: “[...] ela está gozando, não há dúvida. E do que é que ela goza? É claro que o testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem nada dele”.

O enigma que uma mulher representa para um homem está ligado ao fato, certamente, de que o homem lhe supõe um gozo outro, diferente do seu, não podendo defini-lo. Essa estranheza do gozo feminino coloca-se até para ela mesma, como atesta Lacan (1998d) em “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960) ao afirmar que a mulher é Outra até para ela mesma.

Lacan não faz desse gozo do Outro o traço feminino por excelência, até mesmo porque ele não cessa de dizer que não existe uma essência feminina. Quanto a isso, Lacan (1985, p. 103) é cuidadoso: “Eu creio no gozo da mulher, no que ele é a mais, com a condição de que esse a mais vocês lhe coloquem um anteparo antes que eu o tenha explicado bem”.

Interessa-nos, aqui, apropriarmo-nos dessas fórmulas da sexuação para introduzir a posição feminina na relação amorosa. Sobre as conseqüências dessas fórmulas, Miller (2003) nos diz que elas indicam, de acordo com cada uma das duas estruturas, o que um sexo vai procurar no Outro.

Essas formulações não dão a fórmula do casal, mas de cada posição separada. Elas permitem articular o gozo próprio a cada sexo. Do lado masculino, vimos que o gozo é finito e localizável, enquanto do lado feminino ele é infinito e não localizável. Sobre essas duas formas de gozo, Miller (2003, p. 27) afirma que elas: “[...] dão conta das duas formas de amor distinguidas por Lacan, a forma fetichista e a forma erotomaníaca – e por trás dessa palavra amor é preciso escutar o *Liebe* freudiano, ou seja, amor, desejo e gozo numa única palavra”.

É no *Seminário 20* (1972 – 1973) que Lacan (1985) introduz essas duas formas de amor, a partir do que cada um dos seres sexuais vai impor aos seus parceiros. Do lado masculino, o objeto eleito toma a forma do fetiche *pequeno a*¹⁰, ou seja, de um objeto invariável, que tem o caráter da unidade e da uniformidade. Esse objeto se faz reconhecer pelo fato que ele apresenta traços uniformes, respondendo sempre a uma mesma condição. Isso não quer dizer que Lacan toma todos os homens como perversos. É fato que a perversão está do lado masculino, mas o que ele quer dizer é que no amor, o homem toma seu objeto, ou seja, a mulher, como um fetiche *pequeno a*. Na relação amorosa, a mulher se fetichiza, ela fica no lugar de objeto causa de desejo para um homem, o que é diferente da estrutura perversa, onde o homem toma mulher como objeto de gozo.

¹⁰ Termo introduzido por Lacan, que faz referência ao objeto perdido de Freud. Lacan o define com objeto causa de desejo.

Essa forma fetichista de amor pode ser facilmente observada na “comédia dos sexos”, já que é do lado masculino que encontramos a exigência e imposição de certas condições, como, por exemplo, a exigência que o outro se vista de uma certa maneira, ou seja, são os homens que mais se ocupam em saber como deve se apresentar o corpo do outro. O modo de gozar masculino exige que seu parceiro responda a um modelo, às vezes, chega até à exigência de um pequeno detalhe. É na escuta clínica que melhor se pode perceber essa condição do gozo masculino. Miller (1998) cita o caso de um analisante que buscava, em uma mulher, uma dobra entre a base do nariz e a boca; cita também um outro analisante que exigia uma certa forma das nádegas que só poderia ser conferida depois de estar na cama e se essa condição não se presentificava, ele não conseguia fazer sexo. No artigo “O fetichismo” (1927), Freud (1996) traz o caso de um homem que persegue encontrar em uma mulher um “certo brilho no nariz”. Na literatura também encontramos exemplos, como o que Lacan (1993) traz em *Televisão* (1974), onde evoca o encontro de Dante com Beatriz:

Um olhar, o de Beatriz, ou seja, um tantinho de nada, um batimento de pálpebras e o dejetivo delicioso que disso resulta: e eis que surge o Outro que devemos identificar tão – somente como o gozo dela, o qual ele, Dante, não pode satisfazer, porque dela ele só pode obter esse olhar, somente esse objeto, mas com o qual, nos enuncia ele, Deus a satisfaz, e ele nos provoca ao receber a segurança disso justamente de sua boca (LACAN, 1993, p. 45).

Nessa passagem, Lacan (1993) sustenta a tese de que no batimento de pálpebras de Beatriz há algo como um *objeto a* que cai para Dante. É o piscar de olhos que produz para Dante o *objeto a* mais-de-gozar. Trazendo a discussão para o campo da literatura brasileira, não funcionaríamos também como objeto a mais-de-gozar os olhos de ressaca e dissimulados de Capitu, aos quais Bentinho sempre se refere?

A disponibilidade feminina, segundo Miller (2003), é colocada à prova diante do que se faz sentir como a necessidade de uniformizar, de colocar o “uniforme do desejo” sobre o corpo do outro. É a perversão normal do macho, que não se confunde com a estrutura

perversa: “Isso não adquire o ar perverso senão quando essas exigências são absolutamente rígidas e marcadas por uma certa extravagância misturada com humilhação” (MILLER, 2003, p. 17).

Lacan (1986), no *Seminário 20*, prossegue afirmando que essa forma fetichista se satisfaz com um objeto que curto-circuita a fala. O objeto fetiche é um objeto que não fala, é um objeto objetificado, coerente com a exigência de gozo que admite que a fala permaneça fora do jogo.

Miller (2003) coloca como exemplo muito nítido, dessa forma de objeto fetiche, a homossexualidade masculina, onde há o “acordo” para que o gozo possa se fazer por uma troca de signos que curto-circuita totalmente o blablablá do amor. O parceiro pode ser seduzido sem palavras, o que também se realiza com a prostituta e com a masturbação masculina. Mas, quando o homem relaciona-se com a mulher, a coisa é bem mais complexa e aí se instala a comédia dos sexos, ou seria a tragédia?

O gozo masculino pode ser sustentado no silêncio. O objeto *pequeno a* condiciona uma erótica do silêncio. Do outro lado, do lado feminino, está a forma erotomaniaca de amar. Lacan foi buscar o termo “erotomania” na psiquiatria, em um caso estudado pelo seu mestre De Clérembault, em cujo relato o termo aparece, pela primeira vez, definido como um delírio no qual o amor fica sob a forma de paixão desenfreada (GORSKI, 2007).

O que serve de fundamento nesse tipo de delírio, típico da paranóia, é que o “Outro me ama”:

O conceito de erotomania é parte do legado da clínica psiquiátrica e neste campo foi utilizado especificamente para se referir à existência deste fenômeno na psicose. Lacan, no entanto, lança mão deste conceito para aprofundar as reflexões de Freud sobre o modo masculino e o modo feminino de amar (Gorski, 2007, p. 182).

Em Freud (1996), no artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), encontramos uma referência à dessimetria entre a posição masculina e feminina, em relação à

forma de amar, afirmando que existem diferenças fundamentais entre os sexos no tocante a seu tipo de escolha. Freud (1996), então, localiza a escolha objetal da mulher como narcisista: “Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças” (FREUD, 1996, p. 95, VOL. XIV).

Lacan (1986), então, localiza a erotomania do lado feminino, onde há a exigência de que o objeto seja um Outro que fale. O modo de gozar feminino exige que seu parceiro fale e que a ame. Para a mulher, o amor é tecido no gozo e, para que ela goze, é preciso que seu parceiro lhe fale.

Do lado feminino, como já vimos, há o não-todo, o gozo do Outro, ou seja, há uma ilimitação do gozo. Assim, a demanda de amor, para a mulher, possui um caráter absoluto e uma visada ao infinito:

[...] que é manifestada no fato de que o Todo não está formado, o Todo não faz um, e isso se abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo que pode se oferecer como prova. É uma demanda que incide sobre o ser do parceiro, e é isso que desnuda sua forma erotomaniaca – que o Outro me ame (MILLER, 1998, p. 111).

Essa demanda de amor ilimitada recai sobre o parceiro, na exigência de ser amada e que esse amor seja falado. A exigência aparece sob a fórmula de que, para gozar, é preciso amar. Do lado da mulher, não se pode gozar senão da fala, mas não só da fala de amor, pois Miller (1998) nos lembra que há mulheres que se satisfazem muito bem, mesmo se o parceiro as critica, porque o importante é que ele lhes fale. Para ilustrar essa afirmação, ele relata o caso de um casamento que se sustentava há vinte anos, em que os parceiros viviam em cidades diferentes, mas o relacionamento se mantinha porque o marido telefonava todos os dias para a mulher. Outro caso trazido por Miller (1996) é o de uma mulher que se queixava

que seu marido fazia pouco sexo com ela, mas o laço se mantinha porque ele sempre falava bem dela.

Este psicanalista diz que o homem pode gozar sem palavras e sem amor e, por isso, é sempre um “monstro”; já a mulher é uma “chata”, que a todo o tempo coloca para o parceiro a questão: você me ama? No homem, o desejo passa pelo gozo, enquanto que na mulher, o desejo passa pelo amor. Lacan (1985) adverte que há uma diferença entre o amor e o fetiche: o primeiro não está do lado do múltiplo, enquanto o segundo tem suportes múltiplos.

Na obra analisada neste estudo, a forma de gozar masculina e feminina é bastante evidenciada nas falas da personagem. O que ela esperava de seu homem era ser amada, não suportava o fato desse homem invadir seu sexo e depois ir embora. Já para ele, estar com ela era muito bom e era só isso que esperava da relação – que fosse “boa”. Percebemos que o amor é uma exigência da personagem, ao passo que o sexo era suficiente para o seu parceiro.

Para que haja amor, há uma necessidade de castração: “[...] para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher, ou, dito de outro modo, de que ele faça o amor” (LACAN, 1985, p. 97, Sem. 20). É no *Seminário 7* que Lacan (1992) afirma que amar é dar o que não se tem. No amor, o que se oferece é a falta e só se pode dar a falta-a-ser falando. Para amar é preciso falar e as mulheres sabem disso muito mais que os homens.

No entanto, Lacan (1985) segue lembrando que isso não impede que o homem possa desejar a mulher de todas as maneiras, fazendo com ela toda sorte de coisas que “espantosamente” se parecem com o amor. O homem aborda a mulher: “Só que, o que ele aborda, é a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto a. Aí está o ato de amor. Fazer o amor, como o nome o indica, é poesia. Mas há um mundo entre a poesia e o ato. O ato de amor é a perversão polimorfa do macho, isto entre os seres falantes” (LACAN, op. cit., p. 98).

Para Solano (s/d), quando se ama, se está em falta e é justamente por isso que os homens se defendem do amor. Um homem apaixonado está em falta, é castrado, se feminiza, pode, inclusive, ser mais homem, porque o verdadeiro homem não retrocede diante do desejo de uma mulher nem diante de sua demanda de amor.

É no *Seminário 20* que Lacan discute sobre a não existência da relação sexual, dizendo que é o amor que vem em suplência a ela. Ele argumenta que em tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, “a coisa não vai” (LACAN, 1985, p. 62). A relação sexual não existe porque não há, no inconsciente, significantes que signifiquem o gozo masculino e o gozo feminino. O gozo é um lugar vazio de significantes. Isso não quer dizer que não haja a união genital entre o homem e a mulher. Ele nos lembra que a idéia do amor parte da noção de que “nós dois somos um só”, e que essa seria a maneira mais grosseira de dar um significado à relação sexual: “Entre dois, qualquer que eles sejam, há sempre o Um e o Outro, o Um e o a minúsculo, e o Outro não poderia, em nenhum caso, ser tomado por Um” (LACAN, 1895, p.67).

O que torna possível o ato de amor? Como vimos, é preciso que o homem tome a mulher como causa de seu desejo e que a mulher se preste à condição de objeto na fantasia de um homem. Essa parceria, que se funda ao nível do gozo, Miller (1998) nomeia de “parceiro-sintoma”, já que a relação do parceiro supõe que o Outro torna-se um meio de seu gozo. A partir do aforismo lacaniano de que não há relação sexual, ele afirma que o ser sexuado, por não fazer parceria no nível do significante puro, a faz no nível do gozo e que essa ligação é sempre sintomática. Então, anuncia que o parceiro-sintoma do homem tem a forma fetiche, enquanto que o parceiro-sintoma da mulher tem a forma erotomaniaca.

No lugar de haver relação de um homem com uma mulher, há encontro dos sintomas: “[...] isso indica que o sintoma é o nosso parceiro de todo dia, gerando satisfação onde a

satisfação falta. [...] é dessa forma que o parceiro do falasser¹¹ é algo dele próprio; é, antes de tudo, aquilo que ele conhece melhor, o seu ‘parceiro-sintoma’” (VICENTE, 2003, p. 73).

De um lado, o desejo passando pelo gozo. Do outro, o desejo passando pelo amor. De um lado, a erótica do silêncio. Do outro, a exigência das palavras:

O verdadeiro problema do lado feminino é forçar o homem a falar, ao invés de olhar a televisão, ler o jornal, ou ir ao jogo de futebol, mas, enfim, as mais inteligentes vão com eles ao jogo de futebol; aliás, para o homem, é melhor falar, porque, se ele não fala, vai ser ela quem vai falar, e para reclamar que ele não fala (Miller, 1998, p.112).

Essa demanda de amor feminina, que possui um caráter ilimitado e absoluto, retorna sobre ela sob a forma de devastação. Assim, um homem é, para uma mulher, seu parceiro devastação:

O que é ser devastado? Poderíamos dizer, é ser devastado. Falamos de devastação quando há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior (MILLER, op cit, p. 115).

Um homem pode ser o modo como acontece o deslumbramento para uma mulher, conduzindo-a a um estado de felicidade extrema. Mas, ele também pode levá-la ao pior. Vicente (2003, p. 73) afirma que, ao encontrar o Outro da falta, ou seja, ao experimentar essa vivência extrema de ausência do Outro, de destituição subjetiva, o corpo se reduz a um objeto inanimado, momento onde o falasser sente a dor de ser objeto: “Tal experiência faz ocorrer uma mirada que vai ao coração da estrutura, ao traumatismo mesmo da relação do falasser com o significante que o determina [...]”.

É por isso que Lacan (1993), em “Televisão”, afirma que todas as mulheres são loucas, não loucas-de-todo, pois não há limites às concessões que fazem para um homem.

¹¹ Lacan distingue o sujeito falta-a-ser (que é o sujeito da linguagem, que fala), do sujeito falasser – sujeito dividido do inconsciente, que só a análise pode acessar.

Uma mulher devastada pode até abrir mão de seus próprios filhos, como o faz Medeia, ao perder a reciprocidade do amor de Jasão.

Em OA, veremos como a narradora-personagem faz concessão de seu próprio ser, na relação que estabelece com seu homem. Toda a narrativa é centrada nos “estragos” que esse homem faz em sua vida, constituindo-se, para ela, como uma verdadeira devastação.

Todo o percurso teórico-conceitual até aqui trilhado, coloca-se como imprescindível para a compreensão do conceito maior, sobre o qual iremos nos debruçar a partir de agora – o de devastação. Como dito antes, esse conceito será adotado como norteador da presente análise.

Retomando a construção lógica de nosso caminho conceitual, vimos que, no Édipo, é a maneira como a criança sofre os efeitos da castração que a faz situar-se do lado feminino ou masculino. É a circulação do falo entre os três protagonistas do Édipo – mãe, pai e criança – que assegura uma posição na partilha sexual. Entre ser ou não ser o falo, ter ou não ter o falo, saber quem é e quem tem o falo, a criança estrutura-se subjetivamente, assumindo modos de gozo diferentes. Então, articulamos Édipo – castração – falo – gozo – devastação. Se ela se inscreve a partir do gozo fálico, situa-se do lado masculino. Se ela se inscreve a partir do gozo do Outro, que é não-todo submetido ao significante fálico, localiza-se do lado feminino. Dentre as muitas consequências desse gozo do Outro e de seu caráter ilimitado, está a devastação, que emerge como algo singular da posição feminina. No entanto, se um homem posicionar-se do lado feminino, pode experimentar algo semelhante a uma devastação.

1.4 A devastação feminina: a outra face do amor

Vimos que, desde cedo, Freud declara sua dificuldade em abordar a vida sexual das mulheres. Pudemos observar, no percurso até aqui trilhado, o movimento que vai da

concepção de uma simetria na estruturação sexual do menino e da menina, até que Freud volta-se para a fase pré-edípica e se depara com a forma muito peculiar do vínculo entre a menina e sua mãe. A partir daí, ele passa a afirmar que muitos fenômenos da vida sexual feminina, antes não compreendidos, podem ser explicados com referência a essa fase.

O menino mantém intacta a sua relação com a mãe, porque desloca seus sentimentos ambivalentes para o pai, ou seja, vai rivalizar com o pai, durante toda a fase do Édipo. Para a menina, esse vínculo é algo bem mais complexo, a ponto de algumas mulheres permanecerem nele detidas e nunca alcançarem uma mudança em direção aos homens.

Essa conclusão a que Freud chega, parte de sua prática clínica, pois era comum ouvir de suas pacientes uma ladainha de queixas direcionadas ao relacionamento dessas com suas mães, o que ele vai apontar como uma queixa tipicamente histérica. Essa constatação é refeita sempre que uma histérica é aceita em análise, quando boa parte de suas sessões versa sobre um enorme ressentimento para com a mãe, que nunca a amou o suficiente. É também no contexto das sessões de análise de uma mulher, que observamos o quanto a sua relação com os homens reproduz a relação que ela manteve ou mantém com sua mãe.

Sobre essas mulheres, Freud (1996), no artigo “Sexualidade feminina”, esclarece que:

O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães (FREUD, 1996, p. 239).

Em Lacan, essa ênfase no vínculo mãe-criança também foi destacada anteriormente, pois vimos que ele, ao definir o falo como significação e, depois, como significante, localiza-o como aquilo que responde ao desejo da mãe. A criança funciona como um falo para a mãe, posição essa que precisa ser renunciada por essa criança e que poderá lhe custar muito caro, mais adiante. A mulher faz do seu filho um objeto “tampão” do seu não-toda. No *Seminário*

17 (1969-70), Lacan (1992, p.105) afirma que o desejo da mãe é devastador para todo sujeito: “O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso”. O menino, segundo este teórico e psicanalista, escapa dessa “bocarra de jacaré”, pois encontra no pai um ponto de identificação viril correspondente a seu sexo. Mas, a menina não encontra na mãe um signo para a sua própria identidade sexuada. Assim, a mãe pode tornar-se uma devastação para uma filha.

Essa visão sobre a maternidade, na abordagem psicanalítica, rompe com uma série de idealizações que povoam o imaginário coletivo. Em oposição a um lugar sagrado e pueril, a psicanálise nos mostra que uma mãe pode impedir que a criança se estruture como sujeito desejante, podendo deixá-la alienada ao seu desejo, numa posição de objeto.

O que Freud nomeou como catástrofe, Lacan chamou devastação – termo que aparece nas construções lacanianas, no texto *O aturrito* (2003b, p. 465), também em relação ao vínculo mãe - filha: “[...] a elocubração freudiana do complexo de Édipo que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui na mulher, em sua maioria, sua relação com a mãe”. Posteriormente, no *Seminário 23, O sinthoma* (1975-76), Lacan (2007, p. 101) utiliza o termo devastação para a posição que uma mulher pode ocupar diante de um homem: “[...] o homem é para uma mulher tudo o que vos agrada, a saber, uma aflição pior que um sinthoma [...]. Uma devastação mesmo”. Essa idéia lacanianiana é uma retomada do que Freud constata no seu artigo “Feminilidade” (1996), que, como já fizemos referência anteriormente, aponta para o fato de que a forte ligação da menina com a mãe se repete em sua vida amorosa. Na literatura, temos, nos romances de Lya Luft, vários exemplos de como essa relação é conflitante, principalmente, em *As parceiras* (2004), onde a personagem narradora, Anelise,

luta contra o fardo que herda de várias gerações de mulheres da sua família, entre elas sua mãe e avó materna.

Obviamente, nossa discussão não será centrada na devastação que emerge na relação da menina com a sua mãe, interessa-nos o que dela se reproduz na relação entre uma mulher e um homem, fenômeno este que se encontra presente na personagem da obra escolhida para análise. No entanto, a fim de introduzirmos a origem do conceito, não poderíamos deixar de situá-lo como algo que emerge da relação mãe-filha. Tanto em um caso como em outro, é importante percebermos que a devastação aparece como um efeito desse gozo feminino ilimitado, que escapa à lei simbólica, constituindo-se como um gozo fora-da-lei. No caso da mãe, esse gozo incide sobre a criança, mas no caso da mulher, incide sobre o parceiro e retorna para esta última sob a forma de devastação.

Retomamos, agora, alguns posicionamentos lacanianos que foram trabalhados no tópico anterior do presente capítulo, quando falávamos sobre a forma de amar feminina, ou seja, sobre a erotomania. No *Seminário 20* (1972-73), Lacan (1985) teoriza as fórmulas da sexualização, que não correspondem à divisão entre homens e mulheres, mas à partilha entre a parte masculina e a feminina do ser falante. Vimos que do lado masculino está o Um, o universal, o que forma conjunto, está o gozo que pode ser quantificado e localizado – o gozo fálico. Do lado feminino, localiza-se o que está para além do significante, que não admite universalidade – um gozo não todo submetido ao significante fálico. Esse gozo a mais da mulher, a coloca ao lado dos poetas e místicos. No Seminário acima citado, Lacan (1985) afirma que esse gozo feminino é enigmático até para a própria mulher, que nada sabe dizer sobre ele, apesar de experimentá-lo.

É importante salientar, aqui, que há sujeitos de anatomia feminina que se inscrevem do lado masculino e vice-versa. Lemoine (1995) distingue posição feminina de condição feminina. Ela afirma que a condição é fornecida no nascimento, pelos caracteres sexuais, que

são secundários, pois são apenas marcas simbólicas inscritas no corpo, que aguardam ser assumidos subjetivamente. Já a posição depende de como o sujeito interpreta esses caracteres sexuais, podendo assumi-los ou rechaçá-los.

Lacan (1985) afirma que o homem tem a forma fetichista de amar e que a mulher tem a forma erotomaniaca. A partir dessa enunciação, Miller (1998, p. 110) introduz o termo *parceiro-sintoma*, para desenvolver a ideia de que o parceiro se funda sobre a relação no nível do gozo. Isso quer dizer que um homem e uma mulher, ao se relacionarem, fazem uma parceria sintomática: “Da mesma maneira que a Bíblia diz que o homem terá Sodoma e a mulher terá Gomorra, poderíamos crer que há uma maldição que diria que o homem terá o fetiche, e a mulher a erotomania”.

Como dito anteriormente, o modo de gozo da mulher exige que seu parceiro fale e que a ame, por isso Lacan utiliza o termo erotomania, retirado da psiquiatria, para designar essa exigência feminina de ser amada. No homem, o seu modo de gozo exige que seu parceiro responda a um modelo, chegando até à exigência de um pequeno detalhe, o que leva Lacan a designar essa forma de amar como fetichista.

O grande problema é que o gozo do homem pode ser sustentado pelo silêncio e, isso, a mulher não suporta. O personagem Benigno, do filme *Fale com ela* (2002), de Almodóvar, representa o homem ideal, pois realiza tudo que uma mulher espera de um homem: que ele fale com ela. No filme, Benigno fala com sua amada, que se encontra em coma, deitada em uma cama por muitos anos. Benigno é um verdadeiro homem, no sentido de que ele não tem receios em dar a sua falta-a-ser, pois quando um homem ama, ele se feminiza, está em falta, é castrado.

As análises de mulheres mostram o quanto elas estão preocupadas com o que seus homens falam sobre elas. Não importa muito se a fala é de elogio ou de insulto, desde que se fale dela ou que se fale com ela. Prova disso é que algumas mulheres não conseguem deixar

seus parceiros, por mais que estes lhe maltratem, pois o que está em jogo é a parceria-sintomática, regida pelo gozo de um e de outro. A maneira como o homem aborda uma mulher, também se constitui como motivo de queixa. Ela diz: “ele me usa para fazer sexo, para cozinhar, para cuidar dos filhos”, “não quero que ele goste de mim só porque tenho um corpo bonito”. As mulheres confundem o fato de ter que se fazer objeto causa de desejo para um homem, com se fazer objeto de gozo. Elas querem ser amadas pelo que não são.

No texto “A significação do falo” (1958), Lacan (1998b) coloca a relação entre os sexos como o que gira em torno do ter ou ser o falo. Do lado do homem, encontramos todo o seu esforço para ter o falo, e no lado da mulher, no seu *faz-de-conta*, trata-se de ser o falo: “O homem faz semblante de ter o falo, já que ele tem o suporte imaginário, o pênis, e a mulher como não o tem é mais acessível a sê-lo” (MIRANDA, 1995, p. 141). É, então, com o intuito de ser o falo, que surge a *mascarada*. Para agradar o homem e causar o seu desejo, a mulher se faz o falo, ela se mascara, ela se faz semblante.

Mas, como o gozo feminino escapa à ordem do ser e do ter o falo, ou seja, quando o significante fálico falha e a máscara cai, os semblantes não se sustentam e a mulher é devastada. A devastação surge quando a mulher sai da mascarada, quando não vela a falta e nem se identifica a ela, o que a deixa em um gozo aniquilante. Esse gozo devastador é muito bem descrito pela personagem de OA, que, em suas falas, mostra-se, após sofrer o abandono, identificada com um “nada”, um “cisco”, um “molambo”.

Um homem, ao remeter a mulher ao laço primordial com a mãe, lugar este onde a função fálica não a reabsorveu totalmente, pode ser uma devastação. Esse gozo que resta dessa relação primordial com a mãe, é o que torna a mulher louca, perdida em si mesma, pura dor. A personagem estudada é invadida pelo medo da loucura, teme ficar como os doidos da rua de sua infância, teme enlouquecer pela dor de amor perdido.

Vimos em Lacan (1985) que, exatamente pelo fato de a mulher ser não-toda submetida ao gozo fálico, sua demanda de amor assume um caráter ilimitado e que a devastação é o retorno dessa demanda sobre o sujeito feminino. Na impossibilidade de haver reciprocidade dessa demanda, por parte do parceiro, ela retorna à mulher sob a forma de devastação.

O termo devastação inscreve um valor erotomaniaco na própria etimologia:

O termo devastação (*ravage*) é derivado de arrebatado (*ravir*). O próprio verbo arrebatado (*ravir*) é originado do latim popular rapire, um verbo que quer dizer 'apreender violentamente' e que derivou a palavra 'raptô': que se pega à força, que se arranca.[...] O verbo arrebatado é também um termo da mística, assim como o deslumbramento (*ravissement*). Isso quer dizer que se é transportado para o céu, na língua clássica. E, no horizonte do arrebatado, há o êxtase (MILLER, 2003, p. 20).

Maya (s/d) lembra o fato de que ao mesmo tempo em que a mulher pode ser devastada pelo retorno de sua própria demanda insaciável de amor, ela pode também se transformar numa figura devastadora para o marido:

[...] a tendência que há na mulher para a devastação revela-se nas parcerias que estabelece, não só como um sofrimento de que padece, mas também como um sofrimento que pode causar no homem, mesmo porque, quando alguém dirige a outrem uma demanda infinita de amor, isso pode se transformar numa experiência devastadora para os dois personagens envolvidos (MAYA, s.d., p. 195).

Temos, nos crimes passionais, um exemplo extremo do sem limites a que uma mulher devastada pode chegar, pois de acordo com Vicente (2003), um dos aspectos do gozo evidenciado na devastação é a vivência extrema de ausência do Outro, de uma destituição subjetiva, onde o sujeito se objetifica. Muitas mulheres, tal qual Medeia, ao se perceberem abandonadas ou substituídas por outra mulher, chegam à passagem ao ato violento, contra si próprias ou contra os parceiros, ou até mesmo contra os próprios filhos.

Em “O aturdido” (2003b) Lacan coloca a fidelidade como sendo uma exigência do lado feminino. Freud (1996), em “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica

entre os sexos” (1925), situa essa exigência como uma possessividade, reflexo da inveja do pênis. Em Lacan, esse desejo de ser a única não é decorrente de uma falta, como acredita Freud, mas apoia-se em uma positividade - a do gozo feminino. Ao fundamentar a exigência da fidelidade sobre o gozo da mulher, Lacan a faz algo bem mais terrível que um traço de caráter, pois esse gozo é fora-da-lei, ou seja, não regulado pela castração: “[...] por um descumprimento do homem à exigência da fidelidade, o gozo feminino fora-da-lei, até então contido pelo amor, pode se revelar em todos os seus excessos, aqueles mesmos já cantados pelos poetas trágicos ou descritos pela clínica dos estados passionais” (LAGACHE apud MOREL, 1996, p.165).

Essa exigência de fidelidade será amplamente discutida na análise da obra OA, já que o que mais devasta a personagem é a impossibilidade de ser a única para o homem amado, pois ele é casado e nada mais quer lhe oferecer, além de algumas noites de sexo. Ela quer que esse homem deixe a esposa e, é quando ele afirma que não o fará, que a devastação atinge seu ponto crítico.

O abandono pelo homem amado é uma das maiores angústias experimentadas pela mulher. Na voz da personagem a ser analisada neste estudo, que sequer tem nome, o que mostra sua destituição subjetiva, a dor do abandono é como: “Crateras e rombos e vazios e físgadas de dores profundas [...]” (FELINTO, 2002, p. 58).

Freud (1996, p. 144), em “A pulsão e suas vicissitudes” (1915), afirma que o amor e o ódio são, comumente, dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, sendo essa coexistência o exemplo mais importante da ambivalência de sentimento: “Se uma relação de amor com um dado objeto for rompida, frequentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio”. Assim, diante do abandono, o ódio pode tornar-se puro, livrando-se de sua ambivalência com o amor.

Citamos, mais uma vez, a pesquisa empreendida por Silva (2009) sobre os textos contemporâneos de autoria feminina, destacando que o referido autor depara-se com o fato de que:

O que mais marca essa dependência nas personagens que aparecem nesse cenário ficcional é o fato de elas terem outra mulher com quem dividir o homem de quem gostam, padecer a agonia de vê-lo conscientemente não se furtar ao prazer de ir ao encontro da outra, deixando-as em casa sempre esperando pela volta dele (SILVA, 2009, p. 51).

Nas obras a que o autor faz referência, as personagens desabafam enlouquecida e vorazmente a dor do abandono, da não reciprocidade, utilizando-se da vingança, seja através de palavrões e xingamentos, seja de atos violentos. O desabafo raivoso é também o tom de OA, cuja análise será feita no próximo capítulo, a partir do conceito de devastação. Nesse sentido, transcrevemos o conto “Receita para comer o homem amado”, em *Falo de mulher* (2002), obra de Ivana Arruda Leite:

Pegue o homem que te maltrata, estenda-o sobre a tábua de bife e comece a sová-lo pelas costas. Depois pique bem picadinho e jogue na gordura quente. Acrescente os olhos e a cebola. Mexa devagar até tudo ficar dourado. A língua, cortada em minúsculos pedaços, deve ser colocada em seguida, assim como as mãos, os pés e o cheiro-verde. Quando o refogado exalar o odor dos que ardem no inferno, jogue água fervente até amolecer o coração. Empane o pinto no ovo e na farinha de rosca e sirva como aperitivo. Devore tudo com talher de prata, limpe a boca com guardanapo de linho e arrote com vontade, pra que isso não se repita nunca mais (LEITE, 2002, p. 5).

Neste conto, cujo desabafo raivoso aproxima-se dos insultos da personagem de OA, podemos perceber os efeitos que a não reciprocidade pode trazer a uma mulher apaixonada. O homem que maltrata deve ser punido com requintes de crueldade: deve ser atacado pelas costas, como o fazem quando traem a mulher vitimada; a língua, que pouco fala, deve ser cortada; o coração tem que ser amolecido na água quente; o órgão sexual, devorado, para que

não tenha serventia a mais nenhuma outra mulher. Essa fala é a de uma mulher devastada, cujo ódio emerge como a outra face do amor.

No cinema, há vários filmes que representam a vida devastada de grandes nomes do mundo da arte. Entre elas, destacamos três filmes: *Edith Piaf* – um hino ao amor (2007), *Camille Claudel* (1988) e *Frida* (2002). No filme sobre Edith Piaf, vemos o quanto essa grande intérprete da música francesa foi abalada pela perda de seu amor, o pugilista Louis que era casado e levava uma vida dupla. Chamamos atenção para o fato de que a relação de Piaf com sua mãe também era marcada pela devastação, o que é acentuado durante todo o filme, no abandono que sua mãe lhe deixava. A mãe da intérprete tentava ganhar a vida cantando nas ruas, o que só lhe rendia alguns tostões, que eram gastos com a bebida. Em contrapartida, Piaf conseguiu fama e dinheiro, tornando-se uma grande intérprete no cenário musical de todo o mundo. No entanto, não conseguiu se desvencilhar do fantasma do abandono materno, que é ressignificado em todas as outras perdas que teve, inclusive, a morte de Louis, em um trágico acidente de avião. A partir dessa perda Piaf entrega-se à toxicomania, única alternativa que encontra para “ancorar” seu ser devastado.

Em *Camille Claudel* (1988), a relação tumultuada com a mãe é transferida para a relação com Rodin, que a devasta a tal ponto de anular seu potencial artístico e levá-la a uma internação num hospício. A biografia da artista revela os inúmeros atritos vividos com a mãe, Louise-Athanaïse Claudel, que não reconhecia a importância do ofício da filha nem seu esforço para fazer valer o próprio talento. Rodin também tinha outra mulher, a quem se dedicava. A escultura de autoria de Camille, chamada *A suplicante* (1898), ilustra a posição que ocupou diante deste homem.

Frida Khalo, grande artista plástica mexicana, retratou em suas telas o romance conflituoso com o também pintor Diogo Riviera, mulherengo e donjuanesco. A relação de Frida com a mãe é mostrada no filme como muito problemática também, já que não aceitava

sua postura de mulher revolucionária, rejeitando também a arte a qual a filha entregava-se. Frida fica ao lado desse homem durante toda a vida e, inclusive, no leito de morte. Vale lembrar, aqui, a grande Dalva de Oliveira, que teve sua vida mostrada na recente minissérie *Dalva e Herivelto, uma canção de amor* (2010), veiculada pela Rede Globo de Televisão. No caso de Dalva, vemos a intérprete se confundir com a personagem representada em suas músicas, que eram sempre dirigidas a Herivelto, deixando transparecer a devastação que marcou seu relacionamento com ele.

Lacan (1985), no *Seminário 20* (1972-73), afirma que, do ser amado, nunca se consegue obter mais do que alguns signos, o que aumenta a exasperação do amante, a tal ponto de fazer aparecer a função mortal do amor e sua capacidade em se transformar em ódio. A conjunção entre amor e morte é inerente à paixão, o que traduz André (1998, p.257), ao fazer as seguintes questões, sobre a inapreensão do ser amado: “Como, então, melhor capturá-lo senão reduzindo-o a estado de cadáver, ou bem devorando-o, ingurgitando-o realmente? Como melhor possuir o amante senão perdendo-o?”.

Para uma mulher, a perda do amor ultrapassa a dimensão fálica a que Freud a reduzia, pois o que ela perde, ao perder o amor, é ela mesma (SOLER, 2005). As transgressões praticadas em nome do amor demonstram a peculiar relação deste com a Lei. Ao discutir essa questão, André (1998) afirma que os amantes se situam em uma posição de fora-da-lei, o que constitui o tema constante da literatura, fundando sobre isso o caráter fatal do amor. Seja em *Tristão e Isolda* ou *Romeu e Julieta*, tem-se sempre o mesmo desafio e o mesmo drama: há uma proibição, uma impossibilidade, que finda com uma tragédia.

Essa posição de fora-da-lei que os amantes ocupam, com incidência muito maior nas mulheres, é perceptível em OA, pois a narradora-personagem reivindica a existência de uma Lei que garanta a reciprocidade entre os amantes e que impeça o abandono, reparando todo e qualquer dano que possa ser causado. Quando se apercebe diante do fora-da-lei de seu próprio

gozo, o medo da loucura invade a personagem, demandando uma Lei que possa enquadrar e barrar esse gozo devastador.

De acordo com Drumond (s.d/b), a devastação toca os confins da marca simbólica, fazendo emergir algo de muito primordial, que passa pela palavra do Outro materno. Ela afirma que essa emergência se faz de três formas distintas: o insulto, a rejeição e o imperatismo do silêncio – o que pôde ser constatado por Silva (2009) em seu trabalho, já citado anteriormente, assim como na personagem da obra que iremos analisar no próximo capítulo.

Percebemos que a devastação, tal como trazida por Lacan, pode ser interpretada como uma dificuldade estrutural própria à existência do não-todo feminino. Um homem pode, então, inscrever-se como uma devastação para uma mulher a partir do que para ela se coloca como engano do amor. Miller (2003) define a devastação como a outra face do amor, pois é um gozo que se substitui à resposta do amor. Isso não quer dizer que a mulher não possa construir um amor mais digno, onde a parceria sintomática com um homem não precise passar pela devastação.

Segundo Miller (1998), um homem pode ser uma devastação para uma mulher, mas também pode ser o meio como acontece seu deslumbramento, ou seja, um estado de felicidade extrema, pois pode ser o significante que a faliciza e a torna desejável. Para mostrar esse estado de deslumbramento, o livro de Duras (1986), intitulado *O deslumbramento de Lol V. Stein*, foi trazido ao campo psicanalítico por Lacan, que chegou a publicar na obra *Outros escritos* (2003), um texto intitulado “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (1965). Nesta obra, ele anuncia: “Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino” (LACAN, 2003c, p. 200).

A mulher, na relação com o homem, não está condenada à devastação. Se o homem nela vai provocar uma devastação ou um deslumbramento, dependerá da parceria-sintomática que se firmará entre os dois. Se a mulher se identifica ao objeto causa de desejo, fazendo semblante *do pequeno a* e, se o homem a aborda também como esse *a*, a parceria pode conduzi-los a uma extrema felicidade.

Até aqui, fizemos um breve percurso sobre os principais conceitos psicanalíticos que se articulam ao conceito de devastação. Pudemos constatar que não há uma simetria entre homens e mulheres, sendo a relação amorosa o palco onde melhor se encenam essas aporias. Vimos que, diante do não universalizável da condição feminina, Freud não avançou muito e condenou às mulheres a eterna inveja do pênis. A mulher permaneceu, para ele, um continente obscuro. Lacan não responde a questão deixada sobre o que é a mulher, mas afirma que A mulher não existe, enquanto conjunto e categoria, porque está não-toda submetida à ordem fálica. Ele chega a afirmar que à mulher não falta nada, em contrapartida às queixas das feministas, que sempre acusaram a psicanálise de abordar a mulher como um ser faltoso e menor. Se Freud condena a mulher à inveja do pênis, isso não implica dizer que a condena a uma posição de inferioridade, pois essa afirmação está articulada à dinâmica desejante inconsciente e não às posições ocupadas pelos gêneros na sociedade.

De fato, ao elevar o falo à condição de significante que ordena a partilha entre os sexos, podemos pensar em um falocentrismo. No entanto, se ele existe, recai tanto sobre a problemática feminina como sobre a masculina. O homem também não tem o falo, ele tem o seu suporte imaginário. Como vimos, na comédia dos sexos, o faz-de-conta emerge dos dois lados: o homem “bancando” ter o falo e a mulher “bancando” sê-lo.

Nesse faz-de-conta estão os pequenos dramas cômicos do cotidiano. De um lado a chata erotômana e, de outro, o bruto que não fala. Mas, nesse jogo de semblantes, também estão os grandes dramas, ou melhor, as tragédias. Se, do lado do homem, o gozo esbarra em

um limite. Do lado da mulher, o que há é o ilimitado, o fora-da-lei, o excesso. Esse é o núcleo da devastação, o encontro com um gozo que aniquila o sujeito: “Os efeitos subjetivos desse eclipse nunca faltam. Vão da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação” (SOLER, 2005).

Quando o faz-de-conta se desfaz, o homem vira-se a partir da base identitária que é constituída pelo gozo fálico. Mesmo diante de uma experiência de fracasso ou impotência, o homem recorre ao seu órgão, seja na relação seriada com outras mulheres, seja no gozo autístico da masturbação. Na mulher, há uma absolutização do amor, que a empuxa para uma busca insaciável do amor do outro.

O caminho percorrido neste primeiro capítulo teve o objetivo, como já explicitado, de fazer um encadeamento conceitual para que pudéssemos chegar à compreensão da devastação. Após introduzir e discutir este conceito, partimos, agora, para o segundo capítulo, onde iremos adentrar na ficção de Marilene Felinto, “ouvindo” atentamente o desabafo louco e voraz de sua personagem-narradora, sem-nome, sem-senso, devastada pela obscenidade do abandono.

2 Devastação: um gozo fora-da-lei

Todo sábado é assim/Eu me lembro de nós dois/É o dia mais difícil sem você/Outra vez os amigos/Me chamam pra algum lugar/Outra vez eu nem sei direito/O que vou falar/ Quero explodir por dentro/Inventar uma paixão/Qualquer coisa/ Que me arranque a solidão/Um motivo pra não ficar/Outra noite assim/Sem saber se você vai/Voltar pra mim. Eu já tentei,/Fiz de tudo pra te esquecer/Eu até encontrei prazer/Mas ninguém faz como você/Quanta ilusão/Ir pra cama sem emoção/Se o vazio que vem depois/Só me faz lembrar de nós dois. (AUGUSTO; VALLE, 1987).

Depois do percurso teórico-conceitual até aqui trilhado, enfatizando as contribuições freudianas e lacanianas sobre as peculiaridades subjetivas do feminino, indispensáveis para o entendimento do conceito de devastação, partimos, agora, para a análise da obra OA.

Através da fala da narradora-personagem pretendemos perceber como essa personagem mulher repete o traço de devastação que vem sendo observado, por alguns pesquisadores, como uma continuidade, em parte das obras de ficção de autoria feminina, na atualidade. A partir do referido texto literário e das reflexões psicanalíticas adotadas para a presente análise, discutiremos o que assegura essa repetição, mesmo em um contexto onde as mulheres conseguiram inegáveis avanços. Centrando-nos, assim, no conceito de devastação, objetivamos deixar contribuições para o estudo das relações de gênero pela literatura, pois concordamos que, como atestam alguns pesquisadores, a representação da mulher no campo literário reproduz a forma de comportamento dos gêneros na sociedade.

A pernambucana Marilene Felinto tornou-se bastante conhecida através da coluna semanal que escrevia no jornal *Folha de São Paulo* até o ano de 2002, quando foi desligada sob o argumento de divergências contratuais. Considerada a “metralhadora giratória da *Folha de São Paulo*”, era “frequentemente chamada de cáustica, rancorosa, amarga, virulenta, racista, sexista” (ROQUE, 2003, s/p.). Autora de três romances – *As mulheres de Tijucoapapo* (1982), *O lago encantado de Grongonzo* (1987) e *Obsceno abandono: amor e perda* (2002) -

do livro de contos *Postcard* (1991) e de *Jornalisticamente incorreto* (2000), uma coletânea de suas crônicas publicadas na *Folha de São Paulo*, Marilene Felinto também escreveu um ensaio biográfico sobre Graciliano Ramos e traduziu algumas obras. Seu primeiro livro, *As mulheres de Tijucopapo* (1982), ganhou o Prêmio da União Brasileira dos Escritores (1981) e o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1982. Também já foi colunista da *Revista Caros Amigos*.

Apontada como escritora que levanta bandeira a favor do movimento negro e feminista, Marilene sempre deixa claro, nas entrevistas que concede, que não milita em favor de nenhum movimento. No entanto, assume que escreve com indignação:

[...] acho que essa revolta aparece na minha literatura e no que escrevo no jornal. [...] quando publiquei meu primeiro livro, um romance que conta uma história fictícia mas que é minha história pessoal, de uma mulher que veio do Nordeste para São Paulo etc., é um livro que tem um tom de uma revolta e indignação absurdas, que envolvem minha família. [...] E no jornal é assim também, alguma coisa me comove, fico puta e vou escrever puta, e não sai de outro jeito (FELINTO, 2001, p. 33).

Nos três romances da referida autora, a indignação é marca evidente nas falas das protagonistas, todas mulheres, carregando histórias de revolta, raiva, solidão e desejo de vingança. Há quem reconheça em sua obra uma influência forte de Graciliano Ramos, como atesta Queiroz (s/d): “[...] também sua obra deixa ler a herança, sobretudo, de Graciliano Ramos, na busca de um discurso ficcional marcado pela aspereza, secura, sintaxe econômica, parataxes”.

Em *As mulheres de Tijucopapo* (2004), a narradora-personagem chamada Rísia retorna de São Paulo para suas raízes nordestinas, chegando a sua cidade natal, a lendária Tijucopapo, onde busca encontrar um traço identificatório com as mulheres do lugar, que no passado expulsaram os holandeses a paneladas. O seu retorno é impulsionado pela perda do homem amado, perda que atualiza em Rísia tantos outros abandonos. Ela, então, põe-se a praguejar contra a mãe, as irmãs, as mulheres da cidade grande e, principalmente, contra o

pai. Enquanto narra sua desgraça, a personagem implora amor, demanda que dirige a todos contra quem esbraveja. Em *O lago encantado de Grongonzo* (1992), a protagonista, Deise, enquanto aguarda a visita de seus amigos da época da escola, rememora seu passado, expressando sua insatisfação e angústia com a vida. No desfile de sua história, o ódio, as lamentações e rancor vão ganhando a cena. Deise não acredita que possa haver algo nela que alguém quisesse para si próprio. Acredita haver dentro dela um monstro que a mata suavemente. Acha-se ninguém, uma farsa, compara-se aos cágados que “[...] andam devagar mas é porque estão cansados da própria infinita história” (FELINTO, 1992, p. 99).

Em OA, a indignação com a vida, com o ser mulher e com o masculino é flagrante. Se, nos romances acima citados, o desencanto amoroso não parece estar em primeiro plano, na obra escolhida para análise, tudo o mais, na história da personagem, inclusive o nome, apaga-se diante da dor do abandono. Obra encomendada pela Editora Record com a finalidade de integrar a coleção Amores Extremos – que tem nove volumes, todos compostos por narrativas de autoras brasileiras contemporâneas, com a temática do amor, sob aspectos diferentes – traz um desesperado monólogo de uma mulher abandonada, que, enquanto narra sua desgraça, entrega-se a um misto de sentimentos como arrependimento, medo da loucura, injúrias, desejo de vingança e ressarcimento.

A narrativa versa em torno do fim do relacionamento com Charles, que durou cinco anos, de quem a narradora-personagem era a amante. Esse abandono, que se inscreve como obsceno, atualiza nessa mulher uma série de outras rejeições pelas quais passou desde a infância, revelando um estado de mais pura devastação. O que chama atenção na obra é que:

Antes de tudo, é preciso dizer que Marilene Felinto, em *Obsceno Abandono*, escreve nos limites do dilaceramento, do esgotamento físico e psíquico do ser. Escreve rasgando/cortando “com tesoura cega e bruta”, como nos versos do poeta Armando Freitas Filho. Escreve com ódio, expondo as entranhas da personagem (LIMA, 2005, s/p.).

Esse extravasamento do ódio da personagem é de particular interesse para nossa análise, pois além de ser considerado das peculiaridades da escrita de autoria feminina contemporânea, revela a devastação como a outra face do amor. Sabemos que se o silêncio e a invisibilidade da personagem mulher foi um marco na literatura do século XIX e início do século XX, na contemporaneidade, essa personagem fala, grita, esbraveja e vinga-se. Para Machado (2007), as mulheres têm conseguido nomear e expressar seus mal-estares utilizando-se de uma linguagem da violência. Não estamos afirmando que a expressão da raiva feminina na literatura é algo novo, pois sabemos que ela está presente em muitas das lendas gregas, épicas e dramáticas. O que consideramos novo é que a expressão dessa raiva tem sido feita pelo pulso de uma autora mulher.

A revolução sexual, encabeçada pelo movimento feminista, promoveu uma revisão da organização social patriarcal. Nascida nos anos 30 e 40 do século XIX, embora gestada já no século XVIII, pretendia o fim das inibições e tabus sexuais, colocando em questão as estruturas políticas vigentes e efetuando reformas significativas no que diz respeito aos direitos cívicos e legislativos.

Assim, nas últimas três décadas do século XIX, bem como nas três primeiras décadas do século XX, houve uma crescente e intensa liberdade sexual para ambos os sexos. No seu livro *Política Sexual*, Kate Millet (1970), uma das mais importantes teóricas do movimento feminista, registra o impacto que a revolução sexual provocou nos mais diversos setores da sociedade, bem como na produção científica e intelectual.

Uma das primeiras concessões feita às mulheres foi o acesso à educação. Anteriormente, os códigos do patriarcado não autorizavam a atuação da mulher fora do âmbito doméstico, a contribuição que lhe era permitida dar à sociedade era cuidar e educar os filhos. No início do século XIX, reconheceu-se que os serviços de uma esposa pouco instruída eram melhores do que os de uma analfabeta: “E, na maior parte dos casos, esta educação

acentuava, de modo cínico e deliberado, a virtude – palavra que significava obediência, servilismo, e inibição sexual, perigosamente próxima da frigidez” (MILLET, 1970, p. 28).

No entanto, mesmo revestidos de superficialidade, esses estudos começaram a levar as mulheres a uma tomada de consciência e ao desejo por uma formação. Surgiram, então, os primeiros colégios femininos, por volta de 1837. Com a possibilidade de uma educação superior, as mulheres foram tendo acesso ao professorado.

Para Neri (2005, p. 230): “Foi longo o caminho percorrido pelas mulheres para chegar à literatura que até o século XVIII foi domínio exclusivo do mundo masculino”. Foi o advento da Revolução Francesa que marcou a conquista do espaço cultural pelo feminino. Já o século XIX foi marcado por uma literatura feminina muito próxima da masculina, cuja idéia era centrada no escrever como homem. De acordo com Silva (2006), as mulheres, até o século XIX, não ousaram, no plano da ficção, subverter a ordem estabelecida, confinando sua escrita ao trivial, até mesmo porque o silêncio e a resignação eram as suas maiores virtudes. A mulher deveria guardar seus infortúnios para o travesseiro, que lhe acolhia as lágrimas. Sofrer resignada e em silêncio era sinônimo de heroísmo e santidade:

A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele. Como aquelas velhas mulheres fechadas em um mutismo de além-túmulo, que não se pode discernir se ele é uma vontade de se calar, uma incapacidade em comunicar-se ou uma ausência de um pensamento que foi destruído de tanta impossibilidade de se expressar (PERROT, p.10-11, 2005).

A conquista do espaço literário pelas mulheres vem marcar a emergência de uma escrita de autoria feminina, em que as mulheres escrevem e se inscrevem nas suas obras, superando dificuldades e preconceitos advindos de uma sociedade cujas relações entre os sexos são, acima de tudo, relações de poder. A partir da segunda metade do século XX, é possível encontrarmos obras de valor subversivo, até mesmo porque as reivindicações das mulheres pelo direito de uso do corpo só foi possível a partir da década de 60. Já na literatura

da década de 70 é possível perceber uma mudança quanto a esse aspecto: “O acelerado processo de desrepressão sexual convidou escritoras a falar do tema do corpo e da sexualidade para que novos valores anunciados pudessem, para efeito de poder, ser representados” (SILVA, 2006, p. 22).

A partir da década de 80, quando se começa a falar de uma literatura contemporânea brasileira, percebe-se, nas obras de autoria feminina, não só uma ruptura com o silêncio e a resignação, mas uma escrita do ódio, da violência e da vingança. É nesse contexto que inserimos a obra analisada, valendo-nos do conceito psicanalítico da devastação, com o intuito de promovermos uma discussão sobre a representação da personagem mulher contemporânea.

2.1 Abandono: maldição que aniquila mais que a morte

Em dois capítulos, intitulados Abandono e Obsceno, a obra conta a saga de uma mulher sem nome, ferida no coração de seu ser pela perda do homem amado. Desde a infância, a rejeição dos homens pesa-lhe como uma sentença. Nas brincadeiras com os meninos, havia ruídos de comunicação no telefone com duas latas de leite vazias e um pedaço de cordão amarrado de uma ponta para outra, impondo sempre um abismo, que será uma constante nas relações que estabelecerá com os homens na sua futura vida amorosa. Chorava, caía doente de tanta rejeição a cada vez que Valmir – seu colega de infância – fingia não escutá-la e se escondia no oitão da casa. Queimava de febre, delirava e concluía que os homens não a queriam e, no dia seguinte, armava uma vingança contra Valmir: encurralava-o em um canto de parede, baixava-lhe as calças e manipulava-lhe o pênis, que endurecia, murchava e voltava a endurecer. Ela dizia para si mesma: “[...] a coragem era minha, a vida era minha, quando eu crescesse seria uma grande mulher, uma mulher monstruosa, dessas

mulheres grandes e monstruosas como os cavalos de corrida” (FELINTO, 2002, p. 24). A rejeição dos homens ratificava a sua incompetência para o amor, dando-lhe o destino de fracassar sempre diante do masculino.

Já na infância, os homens, para ela, eram todos iguais, eram “assassinos” que magoavam suas vítimas. Reconhece:

Toda minha vida foi desperdiçada em criar vínculos que não existiam, que nunca existiram nem poderiam existir no tempo e no espaço – são vínculos de elástico, o destino esticando de um lado uma ponta, e eu esticando do outro a outra ponta, feito crianças que brincam. Em algum momento o destino soltava a sua ponta, e então o vínculo ricocheteava e vinha bater na minha cara, deixando o vergão vermelho, a marca, o ardor. [...] Toda a minha vida foi a de uma anormal. A vida de um funcionário cuja ficha não cabia nos registros da empresa, de um amante que não se casava nos cartórios (FELINTO, 2002, p. 28-29).

Do inventário que faz de sua própria história, só é permitido ao leitor conhecer a rejeição e o abandono. Não sabemos sequer o nome dessa mulher. Os povos orientais acreditam que o nome de uma pessoa tem que ser coerente com a função que ela vai desempenhar na vida. Para a psicanálise, a escolha do nome carrega o particular do desejo inscrito nos pais de uma criança. O sujeito tem uma pré-existência, pois antes de nascer já é falado pelo Outro. Quando nasce, ocupa um lugar no desejo desse Outro, que lhe impõe um “destino”, que deverá ser aceito ou rechaçado pelo sujeito. Os pais de uma criança idealizam um lugar e uma posição no mundo para ela: “vai ser inteligente, vai ser médico, vai ser jogador de futebol”. De acordo com o pensamento de Lacan, os sujeitos já nascem com uma dívida, que não é sua, mas do Outro. Algumas pessoas passam a vida tentando responder ou refutar o que o Outro espera delas. A escolha do nome nunca é aleatória. Sabemos que toda escolha é guiada pelo próprio sujeito, seja de forma consciente ou inconsciente. Ainda quando pensamos ter escolhido um nome sem motivo algum, sabemos que o inconsciente aí está presente. Não é difícil que alguém com o nome de Mozart possa interessar-se pela música ou

que outra pessoa, com o nome de Jesus possa ser ateu, ou ainda que alguém de nome Maria das Dores passe boa parte de sua vida peregrinando em hospitais.

O fato é que o nome de uma pessoa é o que a identifica, é o que marca seu lugar em um determinado espaço e a torna conhecida. Ele pode ser fonte de alegria ou de incômodo, fazendo com que algumas pessoas até desejem mudar de nome. O nome é um direito garantido pela Constituição Brasileira, que consagra o princípio da dignidade da pessoa humana. Ninguém está obrigado a carregar um nome, pelo resto de sua vida, se ele não reflete a sua identidade – é o que rege a Constituição. Uma pessoa deve ser chamada pelo nome que a identifica, que a individualiza, ou seja, o nome pelo qual ela é conhecida, tanto no meio social, familiar e profissional. Se o nome, por qualquer motivo, causa constrangimento e prejuízo moral, a Constituição garante a sua troca.

A narradora-personagem de Felinto, ao esconder seu nome, evidencia o esvaecimento do seu ser. A sua identidade apaga-se diante da dor da perda. O que é possível saber de sua história está vinculado aos abandonos sucessivos que experimentou, desde os que experimentou na infância até Charles – o que, para ela, foi o mais cruel. Quem é essa mulher? Ao leitor só é permitido responder que é uma mulher devastada desde o primeiro encontro com um homem. Alguns fatos da infância, as viagens que fez, os lugares que frequentou, tudo emerge como secundário a sua posição de mulher devastada. Não sabemos de onde veio, mas sabemos que mora em São Paulo, cidade que, com seus prédios altos e esmagadores, fazem-na lembrar de sua insignificância perante o masculino. Para ela, os homens conseguem se equilibrar, mas ela não, seu corpo é fragilizado pelas dores e feridas abertas pelos homens que a rechaçaram. O seu inventário é o da dor, da amargura, da desmesurada frustração de nunca ter sido amada ou, quem sabe, de nunca ter sabido deixar-se amar.

Em meio a tantos fracassos amorosos, chega-lhe mais um: Charles – o pior de todos aqueles que não a quiseram. Charles era casado, ela sabia, mas o aceitou. Sua fala evidencia já

saber que não seria amada, que aquele homem não poderia ser seu, mas ela ignorou esse saber antecipatório, o que lhe rendeu um arrependimento pior que a morte: “Mas em que lugar do cérebro fica, afinal, o arrependimento? Em que válvula, em qual espaço vazio se aloja o arrependimento?” (FELINTO, 2002, p. 13). Compara-se à Madalena, não a bíblica, pois seu arrependimento é outro, é o de ter aceitado um homem que não a queria. Ela não suporta que Charles divida-se entre ela e a mulher, quer exclusividade. Certo dia, fica sabendo que ele irá viajar com a mulher e os filhos. Não aguenta ser deixada de lado mais uma vez. Estava mesmo cansada de muitas coisas, como ligar para casa dele no meio da noite e ser atendida pela mulher dele. Pressiona-o para que deixe a mulher, ele recusa e inicia-se, assim, a *via crucis* do seu dilaceramento. Ela se isola, emudece. Cobre o telefone com um pano-mortalha, desliga o som, as luzes, o celular: “Eu estava afastada do mundo como bicho que se esconde e se protege dentro da copa de uma árvore” (FELINTO, 2002, p. 79). Não consegue sequer atender ao interfone, quando sofre fica muda, foi assim desde criança: “Quando estou sofrendo, acontece isso: eu não falo. A fala não sai, ou vem truncada, ronco, gemido, muxoxo, soluço, gagueira involuntária e obtusa” (FELINTO, 2002, p. 21)”. Quando Valmir a rejeitava, caía doente na cama e emudecia. A mãe queria saber o que se passava, mas ela não falava, perdia fala.

Passados dez dias, o telefone toca e a secretária eletrônica atende. Era Charles: “– Vai continuar agindo desse jeito? [...] atende logo essa droga, que eu sei que você está aí ...” (FELINTO, 2002, p. 77). Mas, não adianta, ela não quer mais registros desse homem em sua vida. Apaga todas as mensagens, cartas, documentos. Depois de explodir sua raiva, xingando e esbravejando contra Charles e todos os homens que a rejeitaram, ela, finalmente, emudece. Não atende os telefonemas, nem o interfone. Enquanto cala sua voz, seus pensamentos ganham vez e é, naquele sábado à noite, que estes desabafam sua dor. É quando emudece que consegue tirar Charles de sua vida, mas isso só lhe é possível depois de “[...] cavoucar minha

memória, lavrar até arrancar Charles dali. Esquecer, lembrar e esquecer são maldições da mesma linha de se arrepender” (FELINTO, 2002, p. 37). A narrativa dá-se no emudecimento da personagem, cuja fala ganha vida pela sua rememoração. Assim, o leitor é levado a “ouvir” seus pensamentos.

A narrativa não é linear, embora tudo seja narrado em um sábado à noite. A obra inicia com a personagem, sozinha, no auge do arrependimento, pondo roupa no varal. Ela interrompe essa tarefa, telefona e pede que Charles venha buscar as “coisas” dele, ao que ele responde que pode jogá-las fora. Volta ao varal, aos prantos e, então, começa a descrever o estado em que se encontra, “nesse mês da sua desgraça”, ao passo em que vai “cavoucando” sua memória, fazendo um inventário de seus fracassos amorosos, desde a infância, até chegar a Charles.

Os fins de semana, geralmente, são reservados para o descanso e lazer. É comum que as pessoas, aos sábados e domingos, se cerquem de familiares. Para os solitários, os finais de semana são, muitas vezes, insuportáveis. Sem familiares e sem uma companhia, esses dias podem ser atravessados com muita dureza. Para os abandonados, a situação é bem mais complexa, pois a falta daquele se foi é sentida com maior intensidade. Durante a semana, os sujeitos solitários e abandonados conseguem “esquecer” a dor da ausência através do trabalho e de outros compromissos. Mas, no final de semana, essa ausência é mais difícil de ser contornada. Em OA, a personagem encontra-se em um sábado à noite, sozinha, fazendo tarefas domésticas, aos prantos, tomada pelo arrependimento. É sábado, mas ela não tem companhia, não tem nenhum encontro, a não ser o encontro com a sua própria dor, pois o arrependimento que sente chega a ser sentido fisicamente. Está sem Charles e dele, só restaram-lhe algumas cuecas e lembranças torturantes de um relacionamento que durou cinco anos.

Na segunda parte da obra, a narradora-personagem centra sua fala na relação com Charles, nas situações e diálogos que mostram a falência do relacionamento, até o momento “estaque”, onde o abandono se faz inevitável: “De um dia para o outro – tudo muito súbito e sem ordem –, terminaram os planos de amor, as combinações os encontros. Fiquei eu lá, parada numa esquina da vida esperando por ele, ainda esperando” (FELINTO, 2002, p. 49). A obra finaliza com a personagem voltando ao ponto inicial da narrativa, no sábado à noite, diante do varal, tomada pelo arrependimento e solidão. Assim, toda a reflexão da personagem dá-se nesse sábado à noite, embora o leitor esteja sempre sendo conduzido para o passado e trazido de volta para a noite do sábado, em um vai-e-vem que traduz o próprio movimento de repetição da toada de amor e desamor na vida da personagem.

Após essa breve apresentação da personagem e do estado em que se encontra, vamos, agora, acompanhar o seu desabafo, partindo para a análise da primeira parte da obra – Abandono.

A personagem inicia a narrativa de sua “desgraça” – termo usado para nomear o abandono em que se encontra – afirmando que o arrependimento é a pior de todas as palavras: “[...] tem erres que se arrastam no tempo, fazem ruído, rangem como dentes na casa silenciosa de meus ouvidos de noite. É uma espécie de maldição” (FELINTO, 2002, p. 11). Esse arrependimento é algo que a acompanha por toda a narrativa, arrependimento de não ter aceitado a solidão, de ter insistido na procura por um complemento. Os “erres” desse arrependimento, na verdade, ecoam desde a infância, a cada vez que, mesmo sabendo-se rejeitada, continuava a demandar que lhe quisessem. Estranha-se: “Minha pergunta é: como é que eu vim dar nisso? Não me reconheço em nenhum dos amores que perdi. Arrependimento é uma espécie de não-reconhecimento de si mesmo, uma espécie de loucura” (FELINTO, 2002, p. 38).

É típico do estado de apaixonamento esse perder-se no outro. Quando apaixonou-se, o sujeito deseja fundir-se com o objeto amado e poder fazer Um. No entanto, quando o outro se vai, o sujeito se esvai, não se reconhece, perde-se de si mesmo. O arrependimento dessa mulher é o de amar e querer ser amada, mesmo sabendo que o fracasso sempre lhe aguarda em cada esquina. Há, nela, uma certeza do desencontro, da impossibilidade. Sua história é feita de evidências que se antecipam às suas escolhas, como uma maldição. Mas, essas certezas são falseadas por influxo da fantasia: “E eis que aqui estou remoendo um arrependimento, como quem mastiga grãos de pipoca e só escuta isso: sua própria ruminação. Eu só me arrependo de não ter tido mais amor de mim” (FELINTO, 2002, p. 50).

O eu de quem ama fica empobrecido, pois sua libido dirige-se para o objeto amado. Quem ama, muitas vezes, avilta-se, coloca-se em posição de desvalido, para poder enaltecer o outro, como demonstra a personagem na seguinte fala: “Hoje eu me olhei no espelho, me achei velha, gorda e feia e me chamei de velha, gorda e feia. Eu não tive nenhuma piedade de mim. Vi todos os defeitos de quem, como eu, diz: eu sou uma coitada” (FELINTO, 2002, p. 43). Esse sentir-se nada sem o outro é um sentimento freqüente no estágio que se segue ao rompimento de uma relação. É comum os amantes dizerem um ao outro, ao término do romance, que se sentem como tendo uma parte de si arrancada. Nesse perigoso jogo de dar o que não se tem, ou seja, de dar tudo ao outro, emerge a posição sacrificial, muito mais presente do lado feminino que do masculino.

Sozinha, em um sábado à noite, como se fosse um dia qualquer, ela telefona para Charles e pede que ele venha recolher suas roupas, pois lhe é muito doloroso ter que se deparar, principalmente, com as cuecas desse homem, que, de todos que a abandonaram, foi o pior. Um dia qualquer, como outro qualquer, sem encontros, programas, sem romance. O sábado, era para ela, agora, um dia qualquer. Pior, era um dia onde o abandono deixava de ser latente para se presentificar como uma sentença. Queria encontros, mas a vida só reservava-

lhe desencontros, dissabores e, principalmente, arrependimento. Na letra da música de José Augusto – utilizada como epígrafe deste capítulo – o sábado é o dia mais difícil, é o dia das recordações, em que a solidão pesa mais. É em um dia de sábado que suas desilusões são narradas, não só as que Charles deixou-lhe, mas as que foram acumulando-se ao longo dos sucessivos abandonos sofridos, desde a infância.

Já na primeira página do livro, podemos constatar que a rejeição é algo que se repete na vida dessa mulher, o que nos aponta para uma posição de devastada que ela ocupa na vida amorosa. Essa repetição é algo que vai ficando cada vez mais claro, tanto para o leitor, como para a própria personagem, que vai se dando conta de algo enigmático em sua posição nas relações amorosas, chegando a “[...] aceitar a solidão como quem aceita uma marca de nascença, uma vergonha estampada na testa” (FELINTO, 2002, p. 28).

Vimos que a *devastação*, como um fenômeno da subjetividade feminina, emerge no relacionamento entre mãe e filha, nas parcerias amorosas e na relação das mulheres com o corpo e com sua perda, trazendo um estado de aniquilamento para o ser da mulher, como a personagem descreve: “Outro dia, sem motivo que justifique, vesti uma das cuecas. Dormi vestida com ela, único pano-mortalha sobre meu corpo vazio, semimorto” (FELINTO, 2002, p. 12). Em vários momentos da narrativa, a dor do abandono recai sobre o corpo, é uma dor física: “Eu temo é pelo meu corpo – pelas dores agudas, pelas feridas, pelas chagas incuráveis [...]” (FELINTO, 2002, p. 14). Essa destituição subjetiva vivida pela personagem evidencia o gozo presente na devastação, que reduz o corpo a um objeto inanimado, desvitalizado, momento em que o sujeito sente a dor de estar na posição de objeto (VICENTE, 2003). Charles a aniquila, é considerado um assassino:

Eu me sinto como uma pessoa fuzilada, que tivesse um buraco aberto, um vazio violento – não um orifício destes como o da minha vagina, não. Uma dor. É seco o buraco, é a perfuração de um tiro, tiro de bala, bala de arma, de fuzil. Não, repito, não o orifício da minha vagina (hoje, aliás, amortecido, amafanhado e mofino como uma cadela doente) (FELINTO, 2002, p. 17).

Os signos dos quais a personagem serve-se para descrever o estado em que se encontra remete-nos ao universo bélico, que é dominado pelos homens. Os tiros de bala, as fuziladas que lhe abrem buracos e descortinam vazios, advêm de Charles, um homem-assassino. Os homens ameaçam sua frágil existência de mulher. Essa é uma das muitas passagens em que a personagem remete o leitor à disparidade que marca o abismo entre homens e mulheres. Ela se apercebe dessa dessimetria presente na relação amorosa entre homens e mulheres: “Tornar-se homem, manter esse equilíbrio de gente... Como conseguir esse equilíbrio de ser homem, criatura humana que se segure sobre duas pernas fracas como as minhas? – fracas para o meu corpo pesado e sozinho” (FELINTO, 2002, p. 14). De fato, como acompanhamos no capítulo anterior, o homem consegue se arranjar a partir da base identificatória garantida pelo gozo fálico, ou seja, nas experiências de fracasso e de impotência ele recorre ao seu órgão. Como essa base identificatória falta às mulheres - pois, de acordo com Lacan (1985) A mulher não existe – o fracasso no amor, diante da não reciprocidade, conduz a uma profunda desorientação e extravio de si mesmas. Afirmar que a mulher não possui uma base identificatória implica dizer que ela não está incluída em uma lógica universal, como os homens estão. Os homens agrupam-se, formam um conjunto ordenado pelo falo. As mulheres não formam conjunto, são tomadas no um a um, devido ao fato de não estarem toda submetidas ao gozo fálico. Na voz da personagem estudada:

Meus amores não têm base de sustentação, são como prédios de alicerces mal-feitos – com o tempo, acabam ruindo por inteiro. Meus cálculos são de engenharia chinfrim, entendo pouco da resistência dos materiais humanos. Só sei que tem dias que acordo com cara de louca (FELINTO, 2002, p. 14).

Aqui, mais uma vez, a voz da personagem personagem traz signos que se alocam no universo masculino. Os prédios, alicerces, cálculos e a engenharia são compatíveis com o mundo viril. A sua “engenharia é chinfrim”, não se sustenta. O equilíbrio está do lado do homem, pois a justa medida, como atesta o imaginário popular, parece só poder ser pensada

no masculino. De um lado, está o equilíbrio, a razão, a unidade, a agressividade. Do outro, a interpidez, a tagarelice, a fragilidade e a irracionalidade. Essa “psicologia do sexual” encontra-se muito difundida no discurso do senso comum, que estereotipa o que é da “essência” masculina e da feminina. Ainda que, como vimos no capítulo anterior, de acordo com a psicanálise, essas posições sejam bastante relativizadas, a maneira como são interpretadas pela cultura, faz parecer que a fragilidade e fraqueza são atributos exclusivos da mulher.

No cenário público, a mulher contemporânea tem conseguido refutar essa imagem do sexo frágil. No lugar da interpidez tem emergido o bom senso, tão bem valorizado por algumas empresas que o reconhecem agora como algo característico da mulher. No líquido cenário atual, as identidades não são tão rígidas. Mas, no que tange ao amor, parece mesmo que a mulher ainda continua sendo visualizada como mártir. No campo da literatura, as personagens mulheres, como atesta o estudo de Dalcastagné (2005), privilegiam as relações amorosas e familiares. Ainda que emancipadas, as mulheres, sejam na literatura ou na vida real, ainda padecem no amor, o que pode repercutir na cultura como uma subserviência ao masculino. No presente trabalho, defendemos que essa dependência é de uma outra ordem.

A personagem é tomada, constantemente, pelo medo da loucura. Teme enlouquecer por amor perdido e ficar como os doidos da rua de sua infância: “[...] os médicos de loucos vão se aproveitar do intervalo da sinapse e me entupir de remédio bem ali, para que eu esqueça, me acalme e repouse” (FELINTO, 2002, p.12). Lacan (1985) afirma, no *Seminário 20*, que um homem pode ser uma devastação para uma mulher e, esta, um sintoma para o homem (isso nem sempre ocorre, pois pode haver outra saída para a mulher, ao passo que nem todo homem consegue fazer da mulher um sintoma). Ele deixa claro que a devastação é mais danosa que o sintoma, pois este último conhece limites, é localizado, enquanto que a primeira é marcada pelo índice de infinito da estrutura do não-todo. Assim, ele explica a

aproximação da mulher com a loucura, pois ela se confronta com um gozo enigmático e ilimitado, abolindo-se como sujeito, sentindo-se fora de si, tomada por uma grande força.

Esquecer, acalmar, repousar, nada disso lhe é possível, agora. Só o insulto, a raiva, a injúria movem seu ser devastado. Para ela, é um questão de se revoltar, rebelar ou matar, como fez Macsuel – o doido da sua rua. Mas também:

É preciso esquecer, tirar a pessoa da cabeça, da memória. [...] É uma tarefa monstruosa, porque a pessoa está instalada lá, como uma raiz instala e filtra seus tentáculos no mais profundo da terra, esparramando-se a perder de vista, numa rede sem começo nem fim, numa meada sem ponta de fio, em nós que não desatam, como uma árvore de grande caule, de tronco poderoso e áspero e antigo, que é preciso arrancar pela raiz ou esperar a eternidade que vai levar até que ela apodreça, tombe e caia. É preciso cortar pela raiz (FELINTO, 2002, p. 36).

Charles instalou-se em sua vida, esparramou seu sexo dentro do sexo dela. Apossou-se do seu corpo e da sua alma. A imagem da árvore de tronco poderoso que finca suas raízes no solo é trazida pela personagem como uma metáfora do ato sexual. Charles penetrou-lhe o sexo, enfiou-lhe o dedo, a língua e, de repente, anuncia sua saída como se fosse possível arrancar as raízes que se fixaram nas entranhas de seu sexo de mulher torturada e infeliz. Não, isso não era suportável, isso era obsceno.

Seguindo com o tom enlouquecido e voraz, a personagem dá voz ao seu ser de mulher devastada, dirigindo-se a Charles, autor de tamanho estrago em sua alma e em seu corpo, agora, desvitalizado:

Eu preciso é arranjar um novo macho, Charles, para enfiar o pau nas minhas pernas – devagar, é verdade. Porque às vezes você me machucava! (Mas até isso, até mesmo toda essa profundidade, essa dor, era bom). Eu estou tão ferida, tão ferida de amor recusado [...]. Eu sou um urro só, uma dor inteira. Só estou aqui para que alguém me mate, me livre da minha dor animal. Estou perdida. [...] Eu me sinto uma mulherzinha com um sexozinho que você abriu, foi abrindo, cada dia mais um pouco, às vezes machucando, para achar o grelozinho recolhido e murcho lá dentro (a lema dentro do caracol), uma pontinha amafanhada de músculo em que você bulia e bulia num chamego que o fazia todo teso, todo inchado, todo cheio de lábios grandes e pequenos (FELINTO, 2002, p.35).

Localiza-se diante desse homem como uma “mulherzinha” insignificante, cujo corpo está mortificado. O seu sexo está murcho, amafanhado e só um homem é capaz de devolver-lhe a vitalidade, ainda que isso lhe traga dor. Às vezes, Charles a machucava e até essa dor era experimentada com prazer. Percebemos que o gozo da personagem está articulado ao sofrimento, já que, para a psicanálise, o gozo possui uma dupla vertente: de ganho e de desprazer. O gozo trabalha a favor do inconsciente e lhe atende as exigências, mas o que isso acarreta para o sujeito é sempre algo da ordem do sofrimento. Essa dupla vertente do gozo fica explícita na fala acima, em que a personagem confessa que até a dor sentida com Charles era boa. Aliás, essa posição de gozo está presente em todo o inventário amoroso da personagem.

Desfaz-se da camiseta de Charles, com a qual dormia, na tentativa de arrancá-lo de si. Aquele sábado, noite, escura, como escura era sua solidão, era o dia de: “[...] revirar este solo, então, antes cheio de você como de um sistema de raízes adventícias, fasciculadas, antes cheio de seu feixe, as gramíneas que protegem qualquer solo da erosão. Foi hoje o dia da minha ruína” (FELINTO, 2002, p. 37). Retiradas as gramíneas, como não cair em erosão? Como não devastar-se? Era preciso tirar os vestígios desse homem-assassino. Tira as roupas de Charles como quem arranca uma raiz do solo. Seu solo não pode dar mais flores nem frutos: “Este buraco de raiz arrancada, esta erosão, em que vai se transformando aos poucos a minha vida, á medida que você me abandona” (FELINTO, 2002, p. 37).

Perdida na dor, nomeia o efeito desse abandono de “erosão”, processo que, na geografia, assemelha-se à devastação. Recorrendo a Ferreira (1976), encontramos que erosão é um desgaste causado pelas águas, vento, geleiras e mares, que carcome e corrói o solo, enquanto que devastar é arruinar, destruir, danificar, tornar deserto. Esse é o papel dos homens em sua vida: arruinar. Diante deles, ela era uma mulherzinha. Sentia-se como:

[...] uma mulherzinha-cachoeira, uma pedra, uma queda-d'água, um pedaço de lodo esverdeado e escorregadio, um escorregão, um cisco no olho, um argueiro, uma insignificância, amor. Eu fui essa várzea alagada, esse mangue por onde você abriu caminho aos solavancos, entrando e saindo [...] (FELINTO, 2002, p. 35).

Podemos perceber o quanto essa mulher apoiou seu ser em Charles: “Eu queria não depender de ninguém. Mas não – sou toda mediana, toda feia e mediana” (FELINTO, 2002, p. 14). Com a perda desse homem, ela volta ao desequilíbrio que experimentara em toda sua vida. O que ela busca, em suas parcerias, é um homem-bússola, que possa dar consistência ao seu ser, ao seu corpo. Sem um homem, ela se esvai, não tem solidez, é escorregadia, deslizando, inconsistente. Para ela, o homem é o edifício com alicerce perfeito, é a árvore de raiz profunda, o caracol que abriga a lesma. Na sua infância, perseguia as lesmas, até que as achava protegidas nos seus caracóis, quando, então, as matava a pedradas, pisões e pontapés. Inveja das lesmas, talvez, que tinham onde ancorar sua débil existência.

O desequilíbrio experimentado com o abandono faz com que uma viagem à Paris seja lembrada. Reconhecendo Paris como uma cidade romântica, a personagem esforça-se para trazer à memória bons momentos, mas a única coisa que consegue lembrar é de um homem que caiu da plataforma nos trilhos da estação de metrô: “Só me lembro da poça de sangue se formando imediatamente sob sua cabeça depois do choque. De Paris, só me lembro desse homem em desequilíbrio” (FELINTO, 2002, p. 15). A imagem desse homem cambaleante que caiu e se esvai em sangue é a imagem dela mesma, de seu desespero por não encontrar em Charles o suporte, a âncora de que precisava:

Estava bêbado, balbuciava coisas. [...] Impressionou-me o tamanho de suas pernas longas, sobre as quais ele mal se segurava, andando de um lado para outro à nossa frente. Impressionou-me que um corpo pese tanto às vezes para o suporte frágil das pernas. Não era melhor que andássemos de novo de quatro, como antes, como bichos? (FELINTO, 2002, p. 16).

No momento da queda deste homem, ela estava discutindo com Charles: “- Você não quer ficar comigo, não é, Charles?” Ao que ele, irritado, respondeu: “- Olha, eu já cansei de

você viver perguntando isso. Não estou aqui com você agora?”. Ela retrucou: “- Isso não significa nada. Por que você não se separa dela?” (FELINTO, 2002, p.15). Charles não mais suportava as exigências de exclusividade advindas dela. Para ela, não bastava que Charles estivesse ali, era necessário que ele não fosse de outra, que fosse inteiramente seu – exigência erotômana que irá precipitar o fim do relacionamento.

Poucos segundos se passaram e o homem posicionou-se além da linha amarela de segurança riscada no chão. Ficou muito impressionada com esse homem que, como ela, não se sustentava nas pernas frágeis. O homem caiu e todos que estavam na estação, inclusive ela e Charles, gritaram e gesticularam para que o trem parasse: “O trem parou, pesado e silencioso, a poucos metros do homem caído, como um monstro de ferro observando sua vítima feita de carne e ossos moles, como um monstro dócil e compreensivo” (FELINTO, 2002, p. 17). Viu-se nesse homem-vítima, frágil, de carne e ossos moles. Ela era como esse homem, deixava-se cair diante de Charles com toda a sua fragilidade. E Charles era como o “monstro de ferro”, frio, silencioso, seguro e equilibrado.

A conversa continuou no quarto de hotel e prolongou-se noite adentro: “- Nunca pensei que fosse virar essa pessoa desprezível que me sinto. Então, algo está errado. Ou você se separa dela, ou...”. Ele respondeu com convicção: “- Eu não vou me separar dela” (FELINTO, 2002, p. 20). Nesse momento, a personagem afirma que o mundo desabou sobre sua cabeça e a imagem do homem morto tomou conta dela. Concluiu que o assassino era Charles. Sentiu-se como o homem caído no chão, diante do trem monstruoso. Era Charles o monstro, ele era o assassino.

Homens caídos no chão impressionavam-lhe, como mostra a seguinte fala da personagem, sobre o que viu um outro dia: “Eu vi um homem caído hoje na rua, no asfalto negro e quente da língua da rua. E os olhos do homem se viravam exibindo obscenos apenas as partes brancas. Não poderia ser eu aquele homem caído, devorado pela língua quente e suja

do asfalto?” (FELINTO, 2002, p. 37, 38). A personagem identifica-se, como será visto ao longo da análise, a tudo que não tem consistência, ao que cai e despenca, ao que não tem equilíbrio. Pensa que se o destino de todos é mesmo o chão, para quê a ousadia de amar: “Viver sem Charles é como um corte que não pára de sangrar de cima a baixo do meu corpo” (FELINTO, 2002, p. 38).

Os pedidos de amor são uma constante na relação com Charles, pedidos que sempre vêm em tom de uma exigência erotômana: “Não é em mim que ele faz carinho de manhã, não é em mim que ele faz carinho de noite. Não foi comigo que ele dormiu ontem. Não foi comigo que ele acordou hoje. Não será comigo que ele vai dormir hoje. Não será comigo que ele vai acordar amanhã” (FELINTO, 2002, p. 28). Essa exigência permeia todo o relacionamento com Charles. São constantes as cobranças de mais amor, mais presença e de exclusividade. Aliás, desde Valmir, essas exigências estavam presentes, quando perguntava, insistentemente, se ele queria ficar com ela, chegando ao extremo de encurralá-lo contra a parede para tê-lo em suas mãos.

Sabemos que, do lado da mulher, é necessário que o ser amado fale, sendo as palavras uma condição de gozo, como nos lembra Laurent (2007, p. 29): “Há aí toda uma dessimetria responsável pela comicidade das dificuldades do amor, o famoso ‘fale comigo’ ou o ‘você não fala comigo o suficiente’”. O “ele me ama” é a eterna pergunta da mulher, que é sempre assaltada pela dúvida. Essa demanda de se saber amada é o que lhe garante o gozo, já que o gozo feminino é tecido na fala. Lembramos, aqui, o que Miller (1998) diz em *O osso de uma análise*:

O homem, por seu turno, pode gozar sem palavras e sem amor, mas enfim, é um pequeno coto de gozo. O resultado é que o homem é sempre um monstro, e que a mulher é sempre uma chata, pelo menos são estas as recriminações que cada sexo faz ao outro, a chata erotômana é aquela que não pode se impedir de colocar a questão: você me ama?, não pode deixar de perscrutar o amor do outro, porque ela goza por amor (MILLER, 1998, p. 112)

No *Seminário 20*, Lacan (1985) diz que entre um homem e uma mulher há o *amuro*, o *amódio*, e que as mulheres *almam a alma*, porque com o amor visam buscar uma resposta para o seu ser. É, então, no amor que se centram as demandas dirigidas por uma mulher a fim de se certificar do amor de um homem, demandas que nunca cessam, pois não há uma palavra definitiva que possa fixar seu lugar e nem seu ser, uma vez que é não-toda (NUNES, 2008). Vimos que, para a psicanálise, o amor faz semblante à relação sexual que não existe. O semblante é tomado como algo que recobre o vazio e a impossibilidade. Se o muro que existe entre um homem e uma mulher é intransponível, o amor é uma invenção que faz parecer possível o encontro: “O muro que separa o sexo masculino e o sexo feminino é um buraco que leva a um mal-entendido entre homens e mulheres” (HORNE, 2007, p. 53-54). Sobre esse mal-entendido, a literatura se valeu para criar as grandes histórias de amor, sempre trágicas. Para evitar e burlar o total desencontro sexual, homens e mulheres constroem aparelhos de gozo, cada um a sua maneira.

A não aceitação desse desencontro entre os sexos é algo expresso, o tempo todo, nas falas da personagem estudada, que reivindica o “[...] direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada” (FELINTO, 2002, p.13). A rejeição, o abandono, o desencontro não lhe são suportáveis. Ela confessa:

Meu erro foi a insistência, a procura incessante por um complemento, por um encontro, por uma companhia que fosse. Meu único caminho teria sido aprender isto: que na vida tem gente que não quer a gente. A pessoa devia nascer sabendo que ninguém a quer de fato, que ninguém salva ninguém. [...] A gente devia ter aulas de solidão na escola. [...] Vamos lá, conjuguem comigo: ninguém te quer, ninguém te quis, ninguém te quererá, ninguém te quereria [...] (FELINTO, 2002, p. 29).

Mesmo cônica de que poderia ter tomado outro caminho, ela foi adiante na relação com Charles. Mesmo depois de aprender que “tem gente que não quer a gente”, ela insistiu. Essa lição, ela já havia aprendido desde cedo, pois os vínculos que manteve com os homens foram frágeis, feitos de cordão e lata. Recordar-se das rejeições vividas na infância, quando

brincava de telefone com Valmir, com duas latas vazias e um pedaço de cordão. Só havia ruídos na linha de cordão: “- Valmir? Você quer ficar comigo?”/ “- Não estou ouvindo nada!”/ “- Eu queria saber se você quer ficar comigo!”/ “- Brincar de amigo?! O quê?” (FELINTO, 2002, p. 23). O fato é que Valmir se escondia dela, fingindo não escutá-la: “Um dia eu chorei de pura rejeição, experimentando caírem dos meus próprios olhos as marolas salgadas. Interrompi a comunicação com as latas, saí correndo pelos quintais e desapareci montando numa árvore alta” (FELINTO, 2002, p. 23).

Os ruídos só se intensificavam em sua vida, não só entre as latas, mas também entre ela e os homens. Ela insistia: “- Valmir?! Você quer namorar comigo?/ - ã? Você fala pra dentro! Fala mais alto!” (FELINTO, 2002, p. 24). Era difícil entender: “[...] por que um homem não gostaria só de mim, por que não seria eu a escolhida” (FELINTO, 2002, p. 23). Não era só aquele telefone que era de mentira, dá-se conta que sua vida era um faz-de-conta. Com um destino de desencontros já traçado, de que adiantava insistir? Mas, ela fazia-de-conta que valia a pena, embora, intimamente soubesse que fracassaria.

No outro dia: “[...] eu me salvava armando uma vingança contra Valmir. [...] eu o rendia no canto do muro e abaixava seu short até o joelho. Valmir ficava mudo. Nunca respondia. Eu abaixava a cueca e tocava no talo daquela flor entre as pernas dele” (FELINTO, 2002, p. 25). Valmir fica mudo e imóvel, enquanto ela se deliciava com aquele “pinto” duro na sua mão espalmada. Não se recorda sequer se Valmir a tocava. No outro dia, morria de vergonha “[...] de ter sido descoberta na minha fraqueza de menina rejeitada e sujeita a febres, coqueluches e feridas” (FELINTO, 2002, p. 27).

Ou ela vingava-se de Valmir ou caía doente, não podendo encontrar, diante de um homem, uma outra posição, que não a de mulher devastada: “E já naquele tempo os homens para mim eram todos iguais, me faziam sofrer, me magoavam como os assassinos magoam suas vítimas” (FELINTO, 2002, p. 26). Foi assim com todos eles: Valmir, Ricardo, Cláudio,

Siegfried. Recordar-se de um ex-namorado que lhe escreveu uma mensagem no seu aniversário, reminiscência que não lhe agrada: “Ex-namorados são a lembrança da minha dor, a espetada na ferida. Mas eles agem como se ignorassem isso, como se nada tivesse acontecido, como se esquecessem do que me causaram – e foram sempre eles que me causaram, pois se sou a primeira a não querer me separar nunca!” (FELINTO, 2002, p. 40).

A sua comunicação com os homens era repleta de mal-entendidos. Conseguia estabelecer uma comunicação com eles, mas esta era sempre ruidosa, faltosa, lacunosa e truncada. O que pedia aos homens, não recebia e, ao invés de desistir, insistia, forçava um lugar para si no desejo dos homens que não a queriam. O resultado era sempre a rejeição, a dor e o abandono.

Que espécie de mulher seria ela? Uma mulher que, para ter um homem, precisava emparedá-lo, rendê-lo e tirar-lhe as vestes. Sem dúvida, seria uma mulher monstruosa. Aproximar-se de um homem era como caminhar para a própria morte, pois para ela, o amor vem sempre com a perda.

Seria essa mulher uma masoquista? O que dizer de uma mulher que se submete a relacionamentos extremamente aviltantes? Na psicanálise, a problemática do masoquismo feminino, desde Freud, tem provocado proficuas discussões e muitos pontos de divergência:

A pergunta em que Freud tropeçou, ‘que quer a mulher?’, continua a assediar os discursos, e correu uma resposta que dizia: ela quer sofrer. Assim, os psicanalistas com dificuldade de captar a essência da feminilidade forjaram a tese do masoquismo feminino. Como se lhes parecesse inconcebível que um sujeito pudesse oferecer-se como objeto – caso da mulher, em sua relação com o desejo do homem – sem ser masoquista! (SOLER, 2005, p. 58).

Leituras equivocadas sobre a obra freudiana fizeram alguns pós-freudianos enxergarem, em Freud, a afirmação de que a mulher seria masoquista. É preciso esperar pela inserção de Lacan, na cena analítica, para melhor esclarecer as coisas. Em seu retorno a Freud, contra os desvios que vinham sendo feitos, Soler (2005, p. 61) afirma que Lacan

conclui que: “[...] a tese da ‘mulher masoquista’ não é a tese freudiana; ela a introduziu, mas soube reconhecer que essa não era A resposta”. Para Lacan, a mulher realmente sofre com a falta fálica, mas não mais que os homens sofrem com a ameaça de castração. Homens e mulheres estão em pé de igualdade por sua referência comum ao falo, já que as vicissitudes da castração colocam-se para ambos.

Somos todos masoquistas e é disso que Freud (1996) fala em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920), quando constata que os sujeitos também buscam o que lhes maltratam, trazendo o conceito de pulsão de morte. Na personagem estudada, esse desejo pelo que maltrata é elucidado em sua fala, principalmente, quando ela interpreta que o abandono e a rejeição são como uma marca de nascença em sua vida. Esse gozo que envolve a personagem é pura pulsão de morte, empurrando-a para a devastação.

Todo o relacionamento com Charles obedece a esse princípio e isso é percebido pela própria personagem, em muitos momentos de lucidez, quando ela se arrepende de insistir tanto em querer quem não a quer. O arrependimento vem desse saber – o de que sempre incorre no mesmo erro. Quanto a Charles, sabia desde o início que esse homem não poderia ser seu, mas mesmo assim foi adiante, pois obedecia a essa condição de gozo como quem carrega uma condenação.

Claro que há os masoquistas de estrutura, que perfilam-se entre os perversos, mas estamos falando, aqui, do masoquismo presente nos sujeitos neuróticos. O que há, então, em comum entre o masoquista e a mulher? *Em Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960), Lacan (1998) afirma que o masoquismo feminino é uma fantasia do desejo do homem, que se produz pelo cruzamento de dois fatores: a forma erotomaniaca do amor feminino e as condições do desejo do homem, que requerem que o objeto tenha a significação da castração.

Já pontuamos, anteriormente, no capítulo teórico-conceitual, que a característica da castração imaginária do objeto é uma das condições da escolha objetal no homem. Freud (1996), em *Contribuições à psicologia do amor* (1910), fala-nos de algumas das fantasias que povoam o imaginário masculino: a escolha de uma mulher comprometida; a escolha de uma mulher de má reputação, ou seja, de integridade sexual questionável; a ânsia em salvar a mulher amada. Ao comentar sobre essas tendências à depreciação do objeto sexual, presente mais nos homens do que nas mulheres, Freud (1996), nesse texto, discute sobre a fantasia da mulher pobre, a quem falta alguma coisa que só o homem pode dar. Para as mulheres, então, é como “[...] se a adivinhação do inconsciente impusesse um quase calculismo: se ele gosta dos pobres, banquemos a pobre” (SOLER, 2005, p. 64).

Lacan (1993), em *Televisão* (1974), registra sobre as concessões ilimitadas que uma mulher pode fazer em prol do seu homem, o que demonstra uma complacência das mulheres para com a fantasia masculina. É a partir dessa constatação, então, que ele traz a idéia da “mascarada masoquista”, ou seja a idéia de que a mulher se submete às condições do amor do Outro para responder à fantasia do homem. As mulheres, de modo algum, são masoquistas, a mascarada feminina é uma complacência para com os semblantes: “No fundo, imputar as concessões das mulheres à mascarada é marcar o caráter condicional de seus sacrifícios, que não passam do preço pago por um benefício muito precioso” (SOLER, 2005, p. 66). Que benefício seria esse? O de ser amada.

A partir das considerações lacanianas podemos concluir que a mulher, às vezes, assume “ares de masoquista”, isso implica dizer que ela é complacente com os semblantes, ou seja, com o fazer parecer (SOLER, 2005). No entanto, nem todas as mulheres conseguem sustentar esse jogo de “fazer parecer”, como é o caso da personagem de OA, que não consegue utilizar-se do recurso da mascarada, identificando-se mesmo ao dejetivo.

Se o homem visa o ter, a mulher visa o ser e é só pelo amor que ela consegue chegar a isso. É no amor que a mulher assenta o seu ser, ainda que ao preço de muitas concessões. Vimos que uma mulher precisa consentir ser causa de desejo para um homem, o que é diferente de ser um objeto de gozo para ele. Então, o masoquismo feminino é uma fantasia masculina com a qual a mulher se identifica. Na mascarada, a mulher faz parecer ser o falo. No entanto, se a mulher se identifica com a posição de objeto-dejeto, ela se devasta. Ela pode identificar-se como objeto causa de desejo para encontrar um lugar de ser ou pode identificar-se como objeto-dejeto. Para Holck (2009, p. 42), a cada fracasso da precária identificação, há uma queda em um abismo ilimitado: “Podemos considerar que, na expectativa de se fazerem amadas, as mulheres se identificam ao objeto da fantasia masculina, mas ao fazê-lo, tornam-se objeto-dejeto, por isso, a depreciação do desejo masculino”. De um lado o amor-semblante, que traz à mulher satisfação, de outro, o amor-devastação, que a deixa em uma posição de profunda angústia, que é o que encontramos na obra OA.

A personagem, ao narrar sua dor de amor, descreve a angústia na qual se encontra: “A casa vazia – minha atmosfera é a dos enterros, do silêncio dos velórios, cortados por soluços súbitos, por urros que eu não ousa dar e que morrem abafados dentro de mim (FELINTO, 2002, p. 28). O que acontece com ela? Por que sempre fracassa nas tentativas de se fazer amada por um homem? Ela não consegue sustentar o recurso da mascarada, não consegue se fazer um objeto causa de desejo para nenhum homem, por isso, devasta-se. A personagem, assim como tantas mulheres, não consegue fazer semblante de *objeto a*.

De acordo com Laurent (2000), do ponto de vista do amor, para uma mulher, existe uma zona que se apresenta como “placa giratória”, onde ela vai sempre mais longe no dar tudo ao ser amado e tenta transformar todo seu ter em ser. Ao avançar por essa via, o sujeito feminino se dá conta que ele não é mais nada para o outro, que é um dejeto, que se encontra

vazio, como o faz a personagem ao longo da obra. Quando fracassa nesse jogo de parecer ser, o que é uma constante em sua vida, sente-se um nada, um cisco, uma mulherzinha:

[...] não sou senão um cisco, um molambo que o vento atira para lá e para cá, um argueiro no olho, uma febre: eu que despenco na vida como um limpador de vidraças despenca do alto dos edificios amarrado a uma única corda; eu que sou uma aranha e somente um fio me liga ao mundo (FELINTO, 2002, p. 28).

Essa posição de objeto-dejeto pode ser identificada sempre que a personagem faz referência à desfalicização do seu corpo, como fez acima. Aqui, mais uma vez, identifica-se com um corpo que despenca. O homem na estação de trem, o homem caído na rua, o limpador de vidraças que despenca do edifício, todos esses corpos que caem remetem-na à sua posição de rebotalho, de dejeto, de resto caído do Outro.

As mulheres fazem um grande alarde do preço que pagam para alcançar seus objetivos, enquanto que os homens são mais discretos e pudicos: “[...] a queixa, sem dúvida, embora não caia bem no desfile viril, é propícia à mascarada feminina” (SOLER, 2005, p. 67). Essa posição sacrificial que algumas mulheres adotam é um engodo, porque o sacrifício nunca é desinteressado. A mulher se sacrifica para poder ser reconhecida. Ela cobra, com juro e multa, tudo o que dá ao outro, exigindo ser amada. É nesse momento que a mulher entra no processo reivindicatório, como o faz a narradora-personagem da obra analisada: “É como uma insônia, um pensamento constante, a ausência. Um dia acorda-se e: Ah, então foi isso? Como é que pode? Como é que pôde? Não existe mais nada entre nós” (FELINTO, 2002, p. 37).

A personagem vai além da queixa, indigna-se, revolta-se, alardeia sua inconformidade com o fim da relação. A raiva, traço sempre presente nos romances de Marilene Felinto, é ponto forte em OA. A injúria, os xingamentos, a revolta e indignação tomam conta desse ser devastado. É preciso gritar, é preciso se rebelar:

Uma pessoa não pode enfiar a língua profundamente no sexo da outra um dia (inaugurando gostos, despertando sensações, provocando arrepios de pura vida) e desaparecer depois! Uma pessoa não pode hospedar assim toda a sua língua no sensível aconchego do sexo da outra e depois deixar ali aquele vazio de lembranças úmidas e quentes (FELINTO, 2002, p. 31).

É a essa inconformação que ela nomeia de obscenidade. O prefixo *ob* significa por trás de, oculto por. Obsceno é o que deve ser mantido fora da cena. Segundo Perissé (2004), no teatro greco-romano, as cenas mais cruéis ou grotescas ficavam fora de cena, fora do palco. Na psicanálise, esse fora da cena está relacionado com o não enquadramento fantasmático do sujeito. Diante do real da castração, o sujeito tenta negá-lo lançando um véu sobre a falta. O fantasma, ou fantasia, é um véu que tenta encobrir a castração, é um artifício inconsciente que o sujeito utiliza para rearranjar a realidade. Todo sujeito neurótico possui um enquadramento fantasmático e é a partir dele que julga o que é bom e o que é mal para ele. Determinadas circunstâncias fazem com que o sujeito se precipite para fora da cena, saindo do seu enquadramento fantasmático. Nessa situação, o sujeito não fala e nem pensa, é puro ato. O que estava em nível fantasístico realiza-se em ato. Essa revelação do seu fantasma ao sujeito é feita de forma traumática e de modo ofensivo aos seus ideais. Para algumas mulheres, o abandono pode ser experimentado de forma semelhante a essa revelação traumática do fantasma ao sujeito.

A devastação surge quando a mulher sai da mascarada, quando o artifício da mascarada de ser ou ter o falo não é mais suficiente, ou seja, quando os semblantes não se sustentam. Isso é aniquiliante para uma mulher e, para a personagem de Marilene Felinto, é obsceno: “Uma pessoa não pode fazer isso com a outra – deveria haver uma lei, um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem esse tipo de usurpação das ilusões, de fraudes amorosas. Do direito humano e incontestável de ser amado pela pessoa amada” (FELINTO, 2002, p. 31). Percebemos, aqui, que o não atendimento à sua demanda infinita de amor, retorna-lhe como uma devastação.

O esboço de um Estatuto é feito pela personagem, sob a Lei nº 000/Do início dos tempos, cujo art. 1º diz o seguinte: “Se, como os animais, temos necessidades, somente como humanos temos desejo. A essência dos seres humanos é desejar. Somos seres desejantes. Não apenas desejamos, mas sobretudo desejamos ser desejados por outros” (FELINTO, 2002, p. 32). O caráter erotômico da personagem revela-se de forma manifesta.

Retomando Freud (1996, p. 95), em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, encontramos que, nas mulheres, “Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças”.

A Lei é uma obrigação imposta pela consciência e pela sociedade. É um princípio, uma regra, uma condição imposta pelas circunstâncias. No âmbito das ciências naturais, a Lei, segundo, Ferreira (1976, p. 833), “[...] é uma fórmula geral que enuncia uma relação constante entre fenômenos de uma dada ordem”. Encontramos, ainda, que a Lei pode ser material, moral, processual, orgânica, espiritual. Nesse contexto, que lei estaria reivindicando a personagem?

Para a psicanálise o amor tem um caráter de fora-da-lei. O amor não quer reconhecer limites. A fala de amor é a de que “dure para sempre”. A lei do inconsciente é a de que o encontro seja sempre faltoso, mas o amor sustenta uma negação desse princípio. Como discutido anteriormente, o amor faz semblante à relação sexual que não existe.

André (1998) lembra-nos que o amor é um significante que produz toda sorte de efeitos de significado, que vai da bobagem ao assustador. Uma das mais reveladoras contribuições freudianas sobre a temática do amor é a de que este tem a força de restabelecer, entre os amantes, os desejos mais perversos. O amor carrega algo da ordem do desafio. As declarações de amor são fundadas sob o imperativo do “mais, sempre mais”. Isso vale para homens e mulheres, mas é do lado destas últimas que o amor assume todo o seu caráter de fora-da-lei.

O que uma mulher demanda, em nome do amor, a Julieta de Shakespeare anuncia muito bem: ela quer que Romeu renegue o pai e abdique de seu nome. Mas, a literatura nos ensina que, nos casos puros de paixão amorosa, algumas vezes, só o que pode fazer limite às exigências do amor é a morte, ou então, a loucura – como em alguns romances de Marguerite Duras. Temos percebido que, em OA, a personagem também fica encurralada, nas suas falas, entre a morte e a loucura.

Como dito antes, a posição sacrificial que algumas mulheres adotam não é desinteressada. O que é ofertado, deve ser retribuído. Ao demandar o enquadramento do amor em uma Lei, a personagem quer a certeza de ser amada. A Lei elaborada visa disciplinar o amor, como regido pelos art. 208º: “Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados ao amante, referentes ao não oferecimento ou oferta irregular: I – de amor; II – de atendimento sexual amoroso aos que se entregam por puro amor” e pelo art. 116º: “Em se tratando de ato de abandono com reflexos no abandonado, a autoridade poderá determinar que o outro restitua a coisa, promova o ressarcimento do dano ou compense o prejuízo da vítima (o abandonado)” (FELINTO, 2002, p. 33).

Nos capítulos e artigos da Lei idealizada por ela, o caráter ilimitado da sua demanda de amor fica explícito: o desejo não deve suportar o tempo, mas ser satisfeito de imediato; o direito de ser amado deve ser incontestável; deve haver uma proteção judicial aos direitos dos amantes. O desejo de uma Lei que garanta a reciprocidade e o ressarcimento nada mais é do que a expressão do gozo ilimitado que porta a mulher. Não-toda regida pelo significante fálico, a mulher tem um “plus” de gozo, um gozo que visa o infinito e que não é complementar, mas suplementar. Assim, para uma mulher, pode não haver limites no amor, o que aproxima o gozo feminino da loucura.

Esse gozo é fora-da-lei, pois não pode ser todo submetido à Lei da castração, escapando. Diante desse desmesuramento de gozo, que é vivido como uma ameaça à própria existência, a personagem devastada demanda uma Lei, um limite, algo que possa fazer barreira a esse estado de “quase” loucura. A mulher é, então, invadida por um imperativo de gozo superegóico que a ordena a ultrapassar todas as barreiras e ir além do prazer, da dor e do pudor, pura pulsão de morte (HOLCK, 2009).

A invasão desse gozo, que recai sobre o sujeito devastado, é algo insuportável. Por essa razão, a personagem faz sempre referência ao seu estado, identificando-se com o que não tem consistência (como as lesmas e o lodo), com o que está em queda (como os homens estendidos no chão), com um solo em erosão (como a terra semi-morta que resta após a retirada de uma árvore e suas raízes). Identifica-se com um cisco, um molambo, um nada. Só uma Lei pode domar esse gozo desvairado. De fato, no capítulo anterior, referimo-nos ao fato de que o que faz lei para o sujeito é a sua inscrição fálica. O falo regula o gozo do sujeito.

André (1998, p. 263) afirma que: “É o ordinário da castração que torna o amor tão extraordinário”. Todas as loucuras de amor advêm de nossa submissão ao limite imposto pela castração. O amor sempre demanda uma Lei particular, que possa prevalecer sobre a Lei comum. Mas, sabemos que a mulher é não-toda regulada por essa Lei comum. A particularidade do seu gozo, a deixa, no amor, em uma posição bastante diferenciada do masculino. Homens e mulheres, no amor, pedem “sempre mais”. A mulher vai além desse mais, mas há um ponto onde isso se torna insuportável: quando esse mais infinito retorna sobre o seu ser, devastando-a. A lei da castração faz barreira ao mais do homem, mas não é suficiente para fazê-lo na mulher. Se as mulheres estão para-além do falo, o que pode fazer obstáculo ao desmesuramento do seu gozo? É aí onde, cada mulher, precisa inventar uma saída, que pode ser digna ou devastadora. Aliás, os sujeitos encontram saídas diferentes para

fazer com que o amor se conforme ao protocolo de um contrato, quer seja o contrato do casamento ou um contrato sado-masoquista (ANDRÉ, 1998).

Nesse estado de pura dor e humilhação, a mulher pode entregar-se a atos de vingança extrema. Lacan, em algumas passagens do seu ensinamento, toma Medeia como a verdadeira mulher, a mulher que está pronta para tudo. Ela é a verdadeira mulher porque incorpora esse gozo fora-da-lei, que não conhece limites, pois: “[...] se o amor anula por um tempo o efeito castração, mais ainda quanto mais absoluto é, ele esvazia correlativamente de valor os objetos que lhe são correspondentes” (SOLER, 2005, p. 68). Medeia mata seus próprios filhos para, assim, melhor atingir Jasão e saciar sua raiva. Lacan (1998e), em *Juventude de Gide* (1958), traz à lembrança, ao lado da Medeia de Eurípedes, a esposa de Gide - Madeleine, que queimou as cartas de amor que o marido escreveu-lhe, ao descobrir que ele havia apaixonado-se por um jovem:

Desde então, o gemido de André Gide, o de uma fêmea de primata ferida no ventre, com o qual ele pranteia a extirpação do desdobramento de si mesmo que eram suas cartas – razão pela qual as chamava de seu filho –, só faz parecer que preenche com exatidão o vazio que o ato da mulher quis abrir em seu ser, longamente escavado por uma após a outra das cartas atiradas ao fogo de sua alma flamejante (LACAN, 1998e, p. 772).

Em OA não temos um ato comparável ao de Medeia ou ao de Madeleine, temos uma mulher que manifesta, através das palavras, a sua raiva. Como já dito anteriormente, essa “literatura da raiva” tem sido observada nas ficções contemporâneas de autoria feminina. Na pesquisa de Silva (2009), a qual nos referimos no capítulo anterior, a partir das obras estudadas¹², ele percebe que:

¹² Embora o pesquisador tenha centrado seu trabalho nas autoras Dôra Limeira e Ivana Arruda Leite, suas conclusões passaram pela cuidadosa leitura das obras de outras escritoras como: Adélia Prado, Arriete Vilela, Hilda Hilst, Olga Savary, Bruna Lombardi, Marilena Felinto, Nilza Resende, Patrícia Melo, Bernadette Lyra, Márcia Denser, Elisa Lucinda, Lygia Fagundes Telles, Augusta Faro, Patrícia Bins, Arlete Nogueira da Cruz, Lucila Nogueira, Thelma Guedes, Marietta Telles Machado, Vera Romariz, Izabel Brandão, Raquel Jardim, Lélia Almeida, Helena Parente Cunha, Sonia Coutinho, Luzilá Gonçalves Ferreira e Haidée Nóbrega Simões.

As mulheres representadas que optam pela não dependência às estruturas arcaicas do patriarcado, na ficção estudada, passam por dois estágios básicos de existência: o primeiro, já discutido, é a vingança contra o sistema/discurso que a oprimiu, lançando sobre o homem um “esporro” comportamental que varia desde a busca pela igualdade de tratamento no interior do lar (e lá mesmo, corrobora para a prática do adultério como forma igualitária de viver a relação de gênero) até o ato mais violento, que culmina com o assassinato do marido (SILVA, 2009, p. 24).

Embora sempre posicionada como vítima, vez por outra, a personagem tem breves lampejos de lucidez, reconhece seu pouco esforço em se fazer gostar pelo outro: “[...] eu também posso estar no mundo para não gostarem de mim; aliás, eu não estou no mundo para agradar a ninguém, pelo contrário” (FELINTO, 2002, p. 41). Desde a infância, sabia, em seu íntimo, que seria uma mulher “monstruosa”. Não há, nesta mulher, como já foi dito, uma disponibilidade em se fazer objeto causa de desejo para um homem, restando-lhe a identificação com um objeto dejetivo, caído do Outro. Essa dificuldade estende-se do seu passado ao futuro: “Não sou mais uma menina que tem o resto da vida a perder – sou uma mulher, tenho o resto da vida perdido” (FELINTO, 2002, p. 39).

Nesta noite de sábado, em que “escavouca” a memória, enquanto se desfaz das peças de roupa de Charles, sua vida revela-se como um grande abandono. Que sentença tão irrevogável é essa, a de perder sempre? Por que amou? Por quê, se sabia que a solidão está em seu ser como uma marca de nascença?

Só amor e perda, nunca um ganho sequer: “A cabeça embotada, os sentimentos em frangalhos, fujo, organizo uma lembrança que me tire do momento de dor e silêncio” (FELINTO, 2002, p. 13). Não consegue, todas as lembranças são amargas. Até Paris veio-lhe à cabeça, cidade dos amantes. Mas, de Paris, só conseguiu a recordação de um homem morto, estendido na estação. De Paris, o que ecoa é o dito de Charles no hotel “eu não vou me separar dela”. Veio o Valmir de sua infância, fazendo-a perceber que o vínculo que faz com os homens é fraco, é de cordão e lata. Veio a lembrança do desejo perverso infantil de pisar os caracóis, já que ela-lesma não conseguia se abrigar nos braços de homem nenhum. Vieram

Macsuel e Maria Doidinha, os sem-senso de sua infância, aproximando-lhe de sua loucura eminente. Vieram Ricardo, Cláudio e Sigfried, o que a fez constatar que os homens, para ela, eram todos iguais, faziam-na sofrer. Vieram o insulto, a raiva, a revolta, o emudecimento. Mas, o que ficou mesmo foi o arrependimento: “Onde fica o arrependimento? É uma sensação de areia nos olhos, um zunzum na cabeça, uma insônia [...]” (FELINTO, 2002, p. 17).

Finalizando a primeira parte da obra, intitulada “Abandono”, a narradora-personagem faz uma equivalência entre a morte e o abandono: “Abandonar alguém é um ato de covardia. É de uma brutalidade típica da morte. Somente a morte pega as pessoas assim desarmadas, de pernas abertas, nuas” (FELINTO, 2002, p. 38). Sempre almejou um vínculo eterno com um homem que a amasse, por isso, a cada abandono, uma morte instalava-se dentro dela. Certa noite Charles disse que não a queria mais: “Tudo como a morte é – tudo que mudou de um minuto para outro, inesperado como aquilo que cabe nos décimos de segundo, tudo que mudou de um instante para outro, de uma hora para outra, de um dia para outro” (FELINTO, 2002, p. 44). Sabemos que, na verdade, esse abandono havia sido previsto desde o início, mas ela insistiu, seguiu adiante. Ainda assim, o fim foi como a morte.

Abriu-se toda para Charles, entregou-se como se fosse a primeira vez e, de repente, ele se foi. Suspeita que ele possa ter encontrado outra amante: “– Quem foi, Charles, a última pessoa que enfiou a cara entre suas pernas e meteu na boca o talo duro que você oferece, o talo doce-amargo do seu sexo? Quem foi essa pessoa?” (FELINTO, 2002, p. 43). Será que haveria uma “usurpadora” do seu território? Será que Charles chegou mesmo a ser território dessa mulher? Ele nunca deixou a mulher com quem estava casado, nunca foi de todo e inteiro para essa mulher. Mas, essa suspeita rondava-lhe os pensamentos: “Deveria haver uma lei contra esta espécie de invasão do amor dos outros, do desejo dos outros, da felicidade alheia” (FELINTO, 2002, p. 43). Felicidade? Nunca foi feliz. Precisava do exercício constante de olhar-se no espelho, bem de perto, e “[...] perguntar-se se estou feliz, e responder-se que

não estou e fazer-se outra pergunta, se algum dia já esteve diferente: e dizer-se que não” (FELINTO, 2002, p. 44).

Tudo é como a morte desde a noite em que Charles disse-lhe que era melhor não a querer mais. Lembra que no dia anterior a este sábado de solidão, arrumou-se toda, trocou várias vezes de roupa e de sapato, mas não foi a lugar algum: “Eu até me fiz eu mesma um carinho, o carinho que você deixou de fazer, o toque, a sua mão” (FELINTO, 2002, p. 44). Agora, sente-se como as borboletas que se estraçalham contra o pára-brisa dos carros, em suicídio involuntário. Será mesmo involuntário?

Do alto de sua solidão, expressa um desejo tipicamente feminino: “Eu queria fazer sexo hoje com alguém que me amasse e quisesse dormir comigo depois. (Eu sou a ‘dona Baratinha’, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha. Eu sou Maria Doidinha)” (FELINTO, 2002, p. 45). Para a mulher, o amor é condição de gozo. Não basta que um homem “enfie” seu sexo na vagina de uma mulher, é preciso que ele fique, que a ame: “Uma pessoa não pode enfiar seu sexo, seu dedo, seu membro no sexo da outra e depois ir embora!” (FELINTO, 2002, p. 30).

Durante todo o relacionamento com Charles, o que mais devastou essa mulher foi a impossibilidade de ser a única. O amor exclusivo não lhe foi dado, algo que é tão precioso para uma mulher – a fantasia de ser a única. É o que será tratado na segunda parte da obra, chamada “Obsceno”.

2.2 Obsceno: a impossibilidade de ser única

Nesta segunda parte, a personagem narra com mais detalhes a dinâmica da relação que manteve com Charles, dando-lhe, inclusive, o direito à voz em sua narrativa. Ela nos dá a chance de conhecermos o que, de fato, precipitou o abandono: a sua exigência em ser a única.

É invadida, na rememoração a que se entrega naquela noite de sábado, por uma série de diálogos com Charles, em que o tom da exigência manteve-se como um “samba de uma nota só”.

O arrependimento continua guiando seu desabafo. Recordar-se do nome da estação em Paris – “MADELEINE”. Mas, ela não é como a Madalena bíblica, seu arrependimento é outro:

[...] meu arrependimento é tanto que é físico, é dor nos pavilhões desertos dos meus ouvidos, areia rangendo nos meus olhos. Eu só me arrependo de ter aceitado um homem que não me queria. [...] Eu só me arrependo de ter me iludido, me enganado, contra todas as evidências (FELINTO, 2002, p. 49).

Evidências, é isso o que vamos encontrar, a partir de agora, em suas falas. A areia que lhe faz ranger os olhos foi a mesma que lhe cegou todas as evidências de que o amor iria fracassar. De alguma maneira, ela sabia que Charles não a queria. Evidências que, como já observamos, fizeram-se perceber desde a infância dessa mulher. Essa certeza, uma espécie de premonição ou de maldição? É algo que talvez possamos nomear de sintomático na posição que ocupa nos seus inventários amorosos. É um saber que se antecipa e que aparece nas suas escolhas. Uma mulher que, desde a infância, já se sabia monstruosa e que carregava a solidão como uma marca de nascença, uma mulher cujo resto da vida estava perdido: “Eu só me arrependo de ter deixado minha vida assentar-se no mesmo erro de sempre: o de perder tudo, sempre” (FELINTO, 2002, p. 50).

De todas as pessoas que não a quiseram, afirma, veementemente, que Charles foi a pior, ele se foi e “Restou eu, sobrei eu na esquina da vida, cara a cara com a bofetada deste abandono pior que o da morte” (FELINTO, 2002, p. 49). Mais uma vez, a personagem faz equivaler abandono e morte. Se um homem a faz nascer, a perda dele a deixa mortificada. Ainda na tentativa de se livrar desse homem, que lhe invade o pensamento da mesma forma

que invadiu seu corpo e sua vida, volta-se para os defeitos dele. É preciso ressaltar todos os defeitos desse homem para que não se sinta tão vilipendiada:

[...] mãos grossas, que parecem lixas, dessas lixas de raspar paredes. Seu cabelo é ralo – tomara que caia todo em breve, e que ele fique ridiculamente calvo como um homem que tem barriga e é calvo. [...] eu preciso reduzi-lo a nada, aumentar suas pequenas manias. Eu preciso esquecer (FELINTO, 2002, p. 51).

Quando um relacionamento se desfaz, é comum aquele que foi abandonado elencar os defeitos do “carrasco”. Se, no início da relação, o outro aparece como perfeito, como sendo a “alma gêmea”, quando o encantamento se desfaz, os defeitos emergem. No amor, idealizamos o objeto amado, projetamos nele o que sonhamos encontrar. Quando essa idealização cai, apercebemo-nos que o outro não era nada daquilo que havíamos pensado. É aí que o insulto ganha vez, pois é preciso reduzir o outro a nada, como nada o rejeitado sente-se. A personagem parecia saber, desde o início, que Charles não seria dela, que não era amor o que ele poderia e desejaria dar. Ele gostava de estar com ela, era “bom”, mas não era amor.

É preciso esquecer, mas tudo que lhe vem, agora, são as lembranças: da primeira noite, da primeira carta, do primeiro encontro e do primeiro jantar. Na primeira noite do dia em que se conheceram, ela dormiu nua e não se masturbou, guardou-se “[...] para que se houvesse amor, que fosse com você, se houvesse gozo, que escorresse com você na hora certa da nossa primeira noite de sexo no ritmo obsedante e frenético em que se faz sexo quando se está apaixonado” (FELINTO, 2002, p. 51). Passou o dia seguinte sozinha, preservando-se para entregar-se como se fosse a primeira vez. Desejo de ser tudo para o outro, como destaca Laurent (2000, p. 10): “Há mulheres que se colocam na posição de ‘ser tudo’ para um homem, pouco importando qual seja a indignidade do homem em questão”.

Logo no primeiro dia apaixonou-se por Charles, desejou até ouvir Mendelssohn e, como uma noiva, sonhou com a “marcha nupcial” – coisa que, antes, era-lhe detestável. Não queria que nada interferisse nessa sua “inauguração pessoal”. Amou à primeira vista. Não

houve tempo para conhecer esse homem, entregou-se como quem se atira em um precipício. Aliás, essa imagem de um corpo que cai e se estatela no chão é sempre evocada pela personagem, como pudemos constatar na primeira parte desta análise.

Na primeira carta endereçada a Charles, a exposição de seus medos: “Tenho medo de você. De que você me magoe muito um dia. Tenho medo de que você não me responda, não me corresponda e me traia” (FELINTO, 2002, p. 52). Vemos o quanto a demanda de ser amada é um ponto central na vida dessa mulher, mas isso não lhe basta: é preciso, também, ser a única. Sabia da imensidão do gozo que lhe tomava e enchia-se de receios, principalmente, o de ser abandonada. Charles era casado e, esse desejo de tomá-la como a única mulher de sua vida, ele não quis atender. O risco era uma verdade que lhe acalentava os medos.

No primeiro encontro, aproximou-se de Charles e, de imediato, disse-lhe que as pessoas são seres “graves”, ao que ele não concordou e pediu que ela usasse outra palavra, porque “grave” era demais para ele. Corrige-se e esclarece que “grave”, na verdade, era ela. Podemos compreender que grave era a sua urgência em ser amada, grave era o estado em que sempre ficava diante de um homem. Nesse dia, ele a beijou e, partir desse momento, desejou colar seu rosto na boca aberta dele, como se fosse nascer da sua boca, como se a boca de Charles fosse uma vagina dando-lhe à luz. Percebemos que era de um homem que ela se fazia mulher, que ela nascia. Mas, infelizmente, não sabia manter-se como mulher causa de desejo para nenhum homem, arruinava tudo e, depois, dizia que os homens eram os assassinos.

No primeiro jantar: “Comi somente um pouco mesmo, para não desmaiar na hora da minha ginástica amorosa – o contrair e descontraír de músculos que é meu sexo, esta vontade de enfraquecer, me entregar e morrer” (FELINTO, 2002, p. 55). A comida atrapalhava o paladar e ela queria degustar Charles. Houve um momento em que, naquele jantar: “[...] a gente trocou um olhar fuzilante, a gente ficou minutos inteiros se comendo com os olhos, com

uma intensidade de raio atravessando um ser [...]” (FELINTO, 2002, p. 56). E foi mesmo assim que Charles entrou em sua vida, fuzilando, atravessando, cortando seu ser de mulher frágil e carente. Charles foi a sua morte.

Ela nunca havia se entregado tanto e se inaugurado tanto para uma pessoa, fez até promessas, mas “[...] fui atropelada pela vida, caí, do alto de minhas pernas fracas e no lugar errado – sou uma imigrante, uma imigrante nunca se recupera da perda” (FELINTO, 2002, p. 56). Ela era mesmo uma imigrante, não só de lugar, mas de amor. Migrava de uma perda para outra, sempre, não conseguia um vínculo com um homem, uma raiz, nem mesmo obteve êxito com o vínculo de cordão e lata, nas brincadeiras com o Valmir de sua infância. Migrava, mas era sempre a mesma, sua condição de mulher devastada permanecia. Migrava em busca de um lugar onde pudesse amparar seu ser.

Era uma imigrante, dessas que: “[...] amadurecem no trauma dos lugares grandes para onde são um dia transplantadas feito árvore, a raiz pendurada, arrastando no chão, procurando vínculo com um monturo qualquer de terra onde possa reviver” (FELINTO, 2002, p. 56). Seu dilaceramento era tão grande que precisava de um lugar qualquer onde pudesse apoiar sua existência. Vivia assim, na eterna busca de um homem que lhe servisse de alicerce. Ora coloca-se como um solo em erosão, de onde todas as raízes foram arrancadas, ora é a raiz arrancada, pendurada, sem vida, que precisa escorar-se em um “monturo” qualquer.

Vimos que a mulher busca, no amor, um lugar para ancorar o seu ser. Mas, esse ancorar não implica em fazer Um com o outro, como faz a personagem estudada: “Ontem vesti seu short e sua camiseta, uma que você me deu na praia. Passei o dia assim, parecida com você, e sentindo na minha pele a pele da sua roupa [...]” (FELINTO, 2002, p. 52). Quando perde o amor, uma mulher perde-se toda. Jimenez (1995, p. 24) elenca algumas das conseqüências desse sentimento de errância: “Percepção de falta de identidade, sensações de despedaçamento corporal, de falta de consistência, medo de perda de controle, de

enlouquecer, temor de perder o domínio do corpo, queixas de ser nada”. Os homens também falam de experimentar sensações semelhantes, mas isso é mais claro do lado das mulheres e a experiência clínica nos atesta isso. Quando os homens experimentam algo parecido é porque, na partilha sexual, localizam-se mais do lado direito das fórmulas da sexuação, ou seja, do lado feminino. Vimos que, quando um homem ama, verdadeiramente, ele se feminiza.

O amor é um jogo de semblantes, onde o homem “banca” ter o falo e a mulher “banca” sê-lo. É o falo que entra em jogo fazendo suplência à falta de relação sexual, ou seja, à falta de complementaridade entre os sexos. É importante, aqui, não confundir falo com pênis, pois a psicanálise não adota uma visão biológica do sexo. Ribeiro (1995) nos lembra que há uma anterioridade lógica da relação do sujeito com o falo, que gira em torno do ser frente à demanda e ao desejo do Outro. O pênis, como já discutido anteriormente, apenas se presta a encarnar a máscara da falta-a-ser, deslocando o problema para o campo do ter. Assim, o falo é um semblante com o qual os sujeitos fazem de conta que a relação sexual existe, promovendo um jogo de parecer.

No deslizamento do ter para o ser, já que a mulher não o tem, mascara-se como o sendo. A mulher oferece-se ao parceiro como o falo que lhe falta. O homem vai, então, tomá-la para superar sua própria castração. Isso é que consiste, para uma mulher, tornar-se causa de desejo para um homem. Vemos na personagem de Felinto essa ânsia em se dar a Charles, inteira, inaugurando-se, como se fosse sua primeira vez. Mas, essa identificação ao semblante, como temos visto até aqui, não é desprovida de riscos, o que é atestado pela devastação. Quando essa identificação fracassa, a mulher se devasta. Até mesmo porque a personagem não consegue sustentar o lugar de mulher desejável, temos visto que ela se identifica ao cisco, ao molambo, ao nada, ou seja, identifica-se ao dejetivo.

A perda de amor é uma ameaça particular, que marca a vida feminina, deixando-a presa à presença de angústia (LAURENT, 2007). O título do livro sugere bem essa ameaça -

Obsceno abandono: **amor e perda**. Depois do amor, a perda aparece como inevitável na vida dessa mulher colecionadora de perdas. Depois de abandonada, ela se descreve pura dor: “Neste mês da minha desgraça, às vezes acordo com cara de homem, às vezes com cara de bicho, outras com cara de monstro – outras vezes com simples cara de palhaço louco. Deveria haver uma lei que proibisse a obscenidade do abandono” (FELINTO, 2002, p. 57). Os significantes com o quais se identifica (homem, cara de bicho, monstro, palhaço louco) mostram os estágios do seu estado pós-abandono. Às vezes, acorda com cara de homem, esse ser de quem ela tanto admira o equilíbrio, um ser com cálculo de engenharia perfeita. Mas, se, ao acordar, sua face parece ensaiar um pouco de equilíbrio, ao longo do dia o que emerge são figuras inumanas, animalescas, extravagantes. Há dias que fica com cara de bicho, que não é racional, que é dominado pelos instintos. O homem, o macho, é o ser da razão, mas o “ser” do bicho está mais próximo dela, da sua impulsividade. Também acorda com cara de monstro, significante com o qual sempre identificou o seu ser de mulher, pois se sabia, desde cedo, uma mulher monstruosa. Por fim, acorda, às vezes, com cara de palhaço, expressão comumente utilizada para aquelas pessoas que são enganadas, feitas de bobas. Mas não é um palhaço qualquer, é um palhaço fora de si, louco, fora da razão. A devastação é algo que provoca um complexo sentimento de despersonalização, em que o fantasma da loucura se faz uma ameaça constante.

Seria mesmo preciso uma lei que pudesse tirar-lhe desse gozo estranho, enigmático, excessivo, ilimitado, que está do lado feminino. Ela quer ser ressarcida: “[...] quem vai me ressarcir do dano, restituir-me a coisa, compensar o prejuízo de abandonada?” (FELINTO, 2002, p. 57-58). Quando nos sentimos lesados, recorremos às instâncias jurídicas. Se adquirimos uma mercadoria defeituosa, podemos contar com o prazo de garantia, trocá-la por outra ou até mesmo pedir indenização. E no amor? Quem pode dar garantias? Como

compensar o prejuízo. Aqui, cabe muito bem o aforismo lacaniano, já citado anteriormente: amar é dar o que não se tem. Como seria possível restituir a falta?

O amor está do lado da mulher – é uma constatação estrutural que se manifesta na análise de mulheres, mas também é algo que emerge na cultura, pois, no senso comum, às mulheres é atribuído o amor, enquanto que, aos homens atribui-se o sexo. Quando as mulheres perdem o amor, até tentam formar conjunto, como no conhecido grupo MADA – mulheres que amam demais. Nesse grupo, essas mulheres, devastadas, trocam experiências dolorosas das insanidades cometidas em nome do amor. É grande o número de mulheres que demandam uma análise quando temem perder o amor, o que reafirma o fato de que a mulher é perseverante na busca por um parceiro permanente. A personagem de OA deixa essa sua perseverança muito explícita: “E eu, toda vez que a gente se encontra e é bom, eu fico desesperada depois, por perceber o quanto eu quero mais e mais e sempre mais” (FELINTO, 2002, p. 64).

Em *Psicologia de grupo e análise do eu* (1921), Freud (1996) já indicava que o estado amoroso, principalmente para uma mulher, pode conduzir ao rompimento de seus laços, por implicar "fascinação ou servidão". Constatamos isso na personagem, que, no primeiro encontro, fascina-se e já ama à primeira vista, para depois ficar em uma absoluta servidão a esse homem: “Ter alguém nesse papel de trouxa em que eu me coloquei, agüentando por mais tempo do que eu deveria suas exigências absurdas, suas condições etc.” (FELINTO, 2002, p. 74).

Os amantes descobrem, rapidamente, que o prazer do amor não dura mais que um instante e percebem que pesa sobre eles o risco de ficarem mortalmente atingidos, ao invés de fascinados. A paixão é uma promessa de vida que vai além da felicidade e do sofrimento. Mas os sujeitos só levam em consideração o apaixonamento, subtraindo a possibilidade de sofrimento e esquecendo que amar é se arriscar. As mulheres se dispõem mais a correr os

riscos do amor. Mas, para os homens, que apóiam-se no suporte imaginário da virilidade, correr riscos é uma grande ameaça. Na fala de Charles, narrada pela personagem, podemos observar como homens e mulheres adotam posicionamentos diferenciados frente ao amor: “Então amor é essa coisa ruim? Esse risco eterno de abandonar ou ser abandonado? Não quero! Não vivo assim! É muito mais difícil talvez. Mais complicado... e daí? O amor tem que ser bom. Tudo de bom. Só. E aí, é contigo” (FELINTO, 2002, p. 64).

Os enamorados amam o próprio fato de amar. Já que o amor está apoiado em uma falta, demanda-se sempre mais. Essa absolutização do amor aproxima-o da morte. Vicente (s.d.) lembra que, em francês, diz-se *la petit mort*, para se referir ao orgasmo. A mulher, na posição de devastada, pode ser conduzida, por não se sentir reconhecida por um homem, à privação extrema, à morte. A devastação, assim, torna-se a outra face do amor, fora do sentido, fora do sexo, não conhecendo limites.

Vai ao dentista, quase chora na cadeira por causa do jeito manso que o homem lhe fala, causando-lhe arrepios. O doutor pergunta-lhe se está doendo, se quer ser anestesiada. Ela, então, pede que a anestesia não lhe seja aplicada: “Se ele soubesse o que é dor. Crateras e lombos e vazios e físgadas de dores profundas era o que não me faltava, é o que não me falta” (FELINTO, 2002, p. 58). Mais uma vez, a personagem utiliza-se de termos da geografia e geologia. A dor do abandono abre crateras no seu solo desvitalizado, de raízes arrancadas. Queria mesmo era sentir uma dor física: “Dessas de quando se abrem as crateras e se expõem os nervos inflamados dos dentes. Quero ver se, desse modo, me curo da outra, uma dor abstrata que estou sentindo não sei onde” (FELINTO, 2002, p. 58).

Diante de tamanha dor, beirando a loucura, recorda-se que Macsuel, o doido da sua rua de infância, matou a mulher que o traiu. Ninguém ressarcia o dano de Macsuel e o resultado foi que ele matou, depois enlouqueceu. Desde então, andava na rua sem falar coisa com coisa. Mas ela não recorre a esse recurso, não iria matar Charles, ela fala ao leitor de sua

dor: “[...] porque falar, muitas vezes, é mais penoso, muito mais penoso, do que matar” (FELINTO, 2002, p. 59).

Começa a recordar seus diálogos conflituosos com Charles, como se fosse para poder ver melhor, com mais clareza, o que de fato aconteceu, o que levou seu romance às ruínas. De um dia para o outro, a comunicação ficou truncada no diálogo do “não”: “- Eu não quero mais viver isso... ./ - Não quer?/ -Não, não quero. Adeus!” (FELINTO, 2002, p. 57). No lugar das juras de amor, surgiram as cobranças, as demandas infinitas, que Charles não conseguia e nem desejava atender.

No final, sua comunicação com ele ficou reduzida às máquinas eletrônicas: “[...] já não nos falávamos; só havia o ruído de nosso lixo amoroso, somente o nosso desentendimento” (FELINTO, 2002, p. 59). Foram as mensagens deixadas na secretária eletrônica e as enviadas por e-mail que guardaram os últimos diálogos, ou melhor, os monólogos de cada um. Recordar-se de uma mensagem enviada quando Charles comunicou-lhe que viajaria com a esposa:

Fiquei a noite toda pensando nesse círculo vicioso em que a gente se encontra: de tarde é bom; de noite, ruim pra mim ou pra você, sempre depois que um de nós dois diz algo que ofende ou magoa. Por exemplo: você me dizer da sua viagem em setembro, você me excluir disso por antecipação e justamente ontem de noite! Pra mim, isso parece uma coisa: você, depois que me dá amor, me pune inconscientemente por isso (ou pune você mesmo, não sei). Você se sente culpado por estar traindo tua mulher (FELINTO, 2002, p. 59-60).

Ora, ela sabia que Charles tinha uma vida conjugal. Sabia que ele tinha filhos e que cumpria toda uma rotina de homem casado. Como poderia pensar que Charles a levaria junto para uma viagem com a mulher? O que ela queria desse homem, estava fora de cogitação. A essa demanda, Charles respondeu-lhe: “Estamos caindo em uma armadilha, esta expectativa de enquadrar nosso encontro em uma ‘relação’. Podemos ter um encontro especial, diferente [...]. Não tenho nome para isso, você me entende?” (FELINTO, 2002, p. 60). Ele quer uma

relação diferente, sem nome, mas ela quer amor: “Pro inferno com essa conversa fiada! Quem quer duas histórias tem dois telefones, duas camas, duas casas, dois tempos, no mínimo! Tem vida própria, disponibilidade. Você não tem. Não quer ter. Já me disse que não vai se separar dela” (FELINTO, 2002, p. 60). É interessante observar que, nesta fala, a personagem demanda que Charles assuma “duas vidas”– uma com a mulher e outra com ela, demonstrando aceitar dividi-lo, no entanto, logo em seguida queixa-se por ele não se separar dela.

Ele tenta ponderar, encontrar um lado bom no que estão vivendo, mas ela não aceita:

[...] não quero mais ser só um caso seu. Quero viver o que sinto por você com liberdade, sem esses limites que você impõe, sem condições. Quero tudo: quero mais tempo, quero viajar com você de férias, quero que você durma comigo aqui às vezes. Sem isso, não me procure mais (FELINTO, 2002, p. 62).

A relação que Charles gostaria de manter com a personagem caracteriza o modelo de amor líquido, proposto por Bauman (2004). Uma relação sem nomeações, baseada no bem-estar momentâneo, era o que ele desejava, sem estabelecer um vínculo sólido. No entanto, ela não queria ser apenas um “caso”, desejava ser amada, sem limites, sem condições. O limite que havia era o de Charles ser casado e não poder dar-lhe tudo. Embora não admitisse, ela não se satisfazia com o “às vezes” que Charles podia ofertar-lhe.

Para Freud (1996, p. 128), em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, o ciúme feminino nada mais é do que uma derivação da inveja do pênis: “Realmente, o ciúme não é apanágio de apenas um sexo, e baseia-se sobre fundamento maior, mas penso que exerce papel bem maior na vida psíquica da mulher, pois recebe enorme esforço do descaminho da inveja do pênis”. Lacan (1998), em *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960), não fala de ciúme feminino, mas de algo que o precede e que, para nossa análise é de grande importância: a exigência de fidelidade, ou seja, de querer ser a única. Para ele, essa exigência de unicidade não se fundamenta em uma

falta, mas sobre uma positividade, a do gozo feminino. Vimos que Lacan (1985) situa o gozo feminino como ilimitado, ou seja, como suplementar. É, então, a especificidade do gozo feminino, não-todo, que fundamenta essa exigência e, por consequência, leva ao ciúme.

É essa exigência que vemos tomar a cena nas discussões com Charles:

Você age como se não tivesse a menor noção do que provoca em mim quando me telefona de noite e me alerta, me adverte de que vai viajar em setembro (porque já estava combinado) e que esse plano não me inclui. Que crueldade. Não entendo por que eu não sirvo para viajar de férias com você, por que não sirvo para você dormir comigo, para você namorar também comigo. Não sirvo. [...] E qual é o crime de querer mais amor, mais carinho, mais companhia? (FELINTO, 2002, p.p 63-64).

Charles era casado, ela sabia, mas o escolheu. Não pensou nos percalços do amor, nas armadilhas. Talvez tivesse achado que suportaria dividir esse homem ou que o arrancaria da mulher com quem era casado. São especulações nossas, mas em qualquer uma das hipóteses, o fato é que ela não suportou ir adiante. Em muitas de suas falas deixa transparecer uma certa conformidade com o fato de ser a outra, exigindo, apenas, mais tempo ao lado de Charles. Mas, logo se contradiz e se recusa a ser apenas um caso, queria muito “mais”, queria tudo.

Sentia-se usada, apenas mais uma e isso é intolerável para uma mulher: “Já me disse que não quer ter duas vidas. Só me quer como uma espécie de lucro supérfluo e dispensável na sua contabilidade amorosa” (FELINTO, 2002, p. 64). Acusa Charles de não querer ter duas vidas, mas era exatamente isso que ele tinha. Sempre que possível estava com ela, algumas vezes dormia em sua cama, até viajou com ela à Paris. Tenta enganar a si mesma, mas o que estava pedindo a esse homem era que ele a tomasse como única. Ela não se apercebia que o que a devastava era Charles não poder dar-lhe mais, era ter que suportar as duas vidas que ele levava.

Quando a mulher identifica-se ao objeto-dejeto durante uma relação e quando esta se desfaz, o que ela experimenta é a sensação de ter sido usada e descartada. Se a mulher transforma-se apenas em um objeto de gozo para o homem, coisifica-se e sente a dor de ficar

na posição de objeto. A mulher-objeto, tão trazida à cena nas reivindicações feministas, nada mais é do que esse lugar que a mulher devastada ocupa na relação amorosa. É da observação dessa mulher devastada que se presta a toda sorte de coisas diante de um homem, que a cultura formula os estereótipos da mulher como um ser eternamente subordinado ao masculino.

O descumprimento da exigência de fidelidade é algo avassalador para a mulher, pois seu gozo é fora-da-lei, não é todo regulado pelo falo como o do homem. É aí onde se revela a outra face do amor, que, livrando-se da ambivalência que o acompanha, transforma-se em puro ódio. Quando esse gozo vem como suplemento ao gozo fálico, graças à relação com um homem, ficando enquadrado pelo fantasma, ele é retido. Mas, se esse enquadramento é quebrado por um descumprimento do homem à exigência de fidelidade, o gozo fora-da-lei, que estava contido no amor, revela-se em todos os excessos (MOREL, 1996). Esse gozo revela-se para personagem, que o descreve, como “[...] um gozo que se prolonga pelo meu corpo na tua ausência; esse é o lado bom do terrível, o que há de terrível no amor; mas terrível também por uma mistura de amor e perda [...]” (FELINTO, 2002, p. 68). Esse gozo descrito na fala acima é o gozo contido, domado, enquadrado. Mas, quando Charles se vai, ele a invade de forma catastrófica, como se percebe na seguinte fala:

Tivessem descoberto a minha doença, o meu vício, a minha dependência, a minha falta de lucidez, recomendariam logo um médico de loucos, um tratamento médico que jogasse um remédio no lugar do meu cérebro onde haja o arrependimento. [...] Faz dias que decretei uma espécie de morte a mim mesma, dez dias sem atender telefone – cobri com um pano, como quem cobre um defunto [...] (FELINTO, 2002, p. 76-77).

Repartir esse homem é uma realidade cada vez menos suportável: “Porque você não se separa dela? Você parece não enxergar nem seus próprios movimentos nessa história. Você se fechou num monólito impossível de transpor” (FELINTO, 2002, p. 71). Mais uma vez a

personagem trai seu próprio discurso, pois, ao mesmo tempo em que pede que Charles tenha duas vidas, também pede que ele se separe da mulher.

Algumas vezes, chegava a ligar para casa de Charles, mas desligava quando a mulher dele atendia: “Eu ligo para a sua casa, tenho que atravessar a parede com quem você dorme a noite toda, tenho que ser maltratada por você e por ela, e ainda tenho que ‘ser superior’. Pro inferno!” (FELINTO, 2002, p. 68). Outro dia, a mulher de Charles ligou para ela, demarcando território. Não fica muito claro no livro, mas parece que houve uma tentativa, por parte de Charles, em fazer com que elas se encontrassem e conversassem, como podemos inferir a partir do seguinte trecho:

Eu nunca sentei para ‘conversar’ com a tua mulher não por falta de coragem, mas porque eu simplesmente não quis. Isso você não engole até hoje. Não resolvo meu afeto a três, em mesa de bar, não fico amiga de mulher de caso meu, não quero saber. [...] Esse ‘sentar para conversar’ de que você tanto fala até hoje era apenas um desejo teu de, por pura covardia, por não saber como fazer, jogar a história toda na mesa, para que ela (a idiota da tua mulher) e eu resolvêssemos por você (FELINTO, 2002, p. 74).

Acredita que Charles nunca tinha se sentido tão casado com a mulher, acha até que foi usada para fortalecer a “transa” deles dois. Ela não pode, como Medeia, vingar-se nos filhos, porque não os tem: “Jamais vou ter um filho. Filhos fazem duas exigências básicas, a que sou incapaz de corresponder. Primeiro: amor. Filhos exigem amor. Segundo: dinheiro” (FELINTO, 2002, p. 72). Ela denuncia sua incapacidade: “Duvido até hoje da minha capacidade de dar, de receber. Dane-se!” (FELINTO, 2002, p. 72). Reconhece o amor como uma exigência e não como um dom. Só sabe amar por exigência e o amor do outro lhe vem também sob o signo da exigência.

De todas essas cobranças que ela fazia, Charles só entendia o que lhe interessava: “[...] que de agora em diante não vai mais fazer ameaça boba, que não vai cumprir e que descobriu que a vida pode ser bem melhor se relaxar e só lembrar das coisas bem boas que

acontecem entre os seres” (FELINTO, 2002, p. 62). Mas, não adiantava Charles tentar apaziguar o furacão que lhe embaralhava os sentimentos, ela não queria saber das coisas boas, queria saber das coisas eternas: “[...] preciso me entregar a outra pessoa que me queira de verdade, preciso de paz” (FELINTO, 2002, p. 63). Ele mudava de assunto, protestava, ponderava, mas ela continuava insistindo, acusando, pedindo o que Charles não queria ofertar.

Os mal-entendidos eram freqüentes. Certa vez, em uma mensagem, ele escreveu, no final, “peitos pra que te quero” e “beijos pra que te quero”. Ela se ofendeu: “Preferia que elas dissessem o que eu gostaria que elas dissessem: ‘eu quero teus peitos’, ‘eu quero teus beijos’. Mas como transformar o que você disse no que eu gostaria de ouvir” (FELINTO, 2002, p. 66). Acompanhamos, no capítulo teórico-conceitual, a importância dos ditos de amor que um homem profere a uma mulher. Como o gozo feminino é tecido na fala, é preciso que o homem fale e, de preferência, que ele lhe fale de amor. Esse é, inclusive, um dos grandes pontos de desentendimento de um casal. A mulher, na sua erotomania, assume o selo da exigência e, nada do que o homem diga, parece ser suficiente. O silêncio do homem devasta a mulher, já que a essa demanda infinita do amor feminino, o homem não pode atender. Os ruídos de comunicação continuavam. De Valmir a Charles nada havia mudado. Os homens não respondiam aos apelos da personagem.

Queria exclusividade, embora não admitisse: “Eu não quero mais amor do que você acha que dá pra tua mulherzinha. Eu quero apenas amor de namoro, companhia de namoro – apenas isso que você já tem e sempre disse que não poderia me dar” (FELINTO, 2002, p. 75). Achava mesmo que poderia suportar reparti-lo, mas, quando suas demandas frustradas retornavam sobre seu ser, a devastação tomava-lhe por completo, deixando-a em uma constante insatisfação. Se ele sempre disse que não poderia dar esse “amor de namoro”, por que era justamente isso que ela queria? Por que encurralar esse homem, como fazia com

Valmir, quando o empurrava contra a parede. Não conseguia abordar os homens de outra maneira, afinal, era uma mulher monstruosa.

As cobranças ficaram insuportáveis também para Charles: “Mais uma vez, eu tenho que me arrepender de tentar te ter por perto. Você não quer! Não quer, não quer e não quer! É você que não quer. OK! Foda-se tudo! De novo...” (FELINTO, 2002, p. 69). Às vezes, admitia para ele e para si mesma que era ela quem queria se separar: “Na verdade, eu vou me separar de você. Eu ligo para a sua casa, tenho que atravessar a parede com quem você dorme toda noite, tenho que ser maltratada por você e por ela, e ainda tenho que ser ‘superior’. Pro inferno!” (FELINTO, 2002, p. 68). Cada vez mais, a impossibilidade de exclusividade torna insuportável essa relação para ela. Charles a queria por perto, era bom estar com ela. Mas, não podia estar com ela “o tempo todo” como ela lhe demandava. Esse homem não poderia ser dela.

Achava-se uma mulher corajosa, mas a coragem que gabava-se de ter nada lhe servia: “Você nunca esteve de fato interessado em mim, só em você mesmo. Você não se enxerga, quanto mais a mim. Eu não entrei por acaso na sua vida. Fui eu que escolhi você (porque eu tenho coragem para escolher)” (FELINTO, 2002, p. 70). Ele ironizava: “– Por que você se gaba tanto de ter coragem?”/ “– Não me gabo. Eu tenho. Coragem não serve mesmo pra nada. Só para fazer gente como eu cair em armadilhas do destino com gente como você – e insistir por tantos anos” (FELINTO, 2002, p. 70).

A sua coragem era a de insistir no que já estava perdido. Era uma coragem monstruosa que lhe fazia sentir superior, como quando encurralava Valmir e sentia-se vitoriosa de ter aquele “talo” duro em suas mãos. Mas, essa coragem dela não dava para Charles: “Seja assim mesmo, exatamente do jeito que você é. Deve ser bom. Não para mim... Para mim não dá” (FELINTO, 2002, p. 71). Ela já sabia que não dava para Charles e deixava claro que :”[...] não vou mudar o meu jeito de ser só para ‘dar para você’” (FELINTO, 2002, p. 71). Esperava

que Charles mudasse sua “essência”, mas ela não mudava um milímetro, pois não conseguia manter o “caso” com Charles, assumindo a escolha que fez. Se tinha guardado-se tanto, inaugurando-se tanto, como poderia abrir mão de ser a única?

Ele ironizava mais uma vez: “O que você quer comigo? Filhos?” (FELINTO, 2002, p. 72). Não, ela queria amor, queria poder viajar com ele, passear de mãos dadas, sentar numa mesa de bar. Queria esse homem na sua cama, ao acordar e deitar: “Quero ficar com você o máximo que for possível, o máximo que você quiser que eu fique, que você deixar que eu fique, o máximo que eu quiser te amar e você me deixar te amar” (FELINTO, 2002, p. 68). O que poderia satisfazer essa mulher? Queria estar com Charles o máximo que fosse possível, mas já não era isso o que acontecia? Viagens, passeios. Até as cuecas ele já havia deixado nas gavetas da casa dela. O que era possível para Charles não lhe bastava. Ele demandava uma coisa e ela, outra. O ruído já havia tomado conta do diálogo, ou, como a personagem disse em outro momento, do monólogo de um e de outro. Ela não “dava” para Charles e ele também não podia atender-lhe as demandas. Ela, então, anuncia ao leitor sua decisão:

Mandei apagar do computador, do disco rígido, das partes todas, dos arquivos e esconderijos, toda essa troca de mensagens, todos os documentos. Melhor que não haja registros de Charles na minha vida – cartas, bilhetes, presentes – melhor apagar, para sempre (FELINTO, 2002, p. 76).

Apagou os registros de Charles de todos os lugares, mas nas suas lembranças ele continuava lá, fazendo eco à sua solidão de mulher abandonada e mal-amada. É sábado à noite e ela está só, como se o sábado fosse um dia qualquer, naquele mês de sua desgraça:

Hoje vou dormir sem calcinha. Estou toda sexual, puramente sexual. Outro dia fui a um cinema desses do centro da cidade – desses pornográficos, ver gente fodendo gente na tela grande. Só me interessava ver isso: gente fodendo gente. Homens arregaçando mulheres que arreganhavam outras mulheres que procuravam outros homens que se penetravam uns aos outros (FELINTO, 2002, p. 76).

A fala acima deixa transparecer que o que ela queria mesmo era poder se desvencilhar dessa necessidade de ser amada. Por que não conseguia fazer sexo como os estranhos fazem uns com os outros? Por que não poderia ter só uma “foda”? Por que não podia, simplesmente, arreganhar-se para alguém? Por que tinha que ter amor? Por que tinha que ter exclusividade? Por que tinha que ter palavras de amor? O filme do cinema não cabia em suas idealizações: “Eu estava disposta a arranjar um amante que me quisesse” (FELINTO, 2002, p. 76). Não tratava-se de sexo, mas de amor. Queria um amante que a amasse e que a tomasse como única.

A narrativa vai chegando ao fim e, com ele, após o longo desabafo, a personagem vai conseguindo extirpar sua raiva. Nem a morte, nem a loucura: “No momento, só a tristeza profunda, como eu senti poucas vezes na minha vida. Nem raiva eu consigo sentir” (FELINTO, 2002, p. 75). Fez dez dias que Charles abandonou-lhe: “Dez dias sem ouvir o telefone tocar. Dez dias na mais funesta constatação de que não me procurariam” (FELINTO, 2002, p. 77). Mas, certo dia, o telefone tocou, era Charles, deixou que a secretária eletrônica atendesse. Desligou a máquina, apagou as gravações. Não queria vestígios e foi, a partir desse momento, que lhe veio o emudecimento:

Eu já não ajo nem reajo. Afogado no seu egocentrismo, Charles nem percebeu que há tempos eu já nem ajo. Não percebeu que eu perdi a fala – na verdade estou aos poucos esquecendo seu corpo, já não me lembro da cor dos seus olhos, da curva de seu pênis, do sabor doce-amargo que tinha (FELINTO, 2002, p. 79).

Laurent (2007, p. 30) lembra que “Há um ponto em que, do lado feminino, a palavra se cala, e que é ao mesmo tempo o ponto onde isso goza da palavra. É o ponto do qual não se pode dizer nada e todas as palavras desfalecem. [...] É aí onde as mulheres encontram o silêncio”. Durante a narrativa, em vários momentos, a personagem fala de seu emudecimento, especificamente no início e no final, afirmando que quando sofre, não fala. Depois da

explosão da raiva, vem o mutismo. Foi assim com Valmir, Charles e com todos os homens que não a quiseram. Depois da raiva e do arrependimento, a solidão revela que:

O que nasceu e morreu fui eu – eu sozinha, eu sem ninguém. [...] Sobre esta ‘eu’ preciso nunca me iludir de que tem companhia, de que está acompanhada porque não está, simplesmente nunca esteve. Todas as vezes foram ilusões. Quem fará o favor? Quem fará o favor de olhar para minha cara feia? Quem fará o favor de se apaixonar por mim? (FELINTO, 2002, p. 80).

Será que esta mulher poderá encontrar um amor mais digno? Será que poderá consentir com o ato de amor, que implica em se deixar fazer objeto causa de desejo? Não só para a personagem da obra estudada, mas para as mulheres, consentir com esse semblante não é algo fácil. Algumas mulheres só o conseguem depois de levarem ao final suas próprias análises. Tarefa árdua, mas possível. Tarefa, aliás, que não precisaria ser tão árdua, já que, como visto, o homem pode conduzir uma mulher a um estado de felicidade extrema.

A narradora-personagem de OA depara-se com a devastação muito cedo em sua vida. Desde a infância, nas brincadeiras nada inocentes com os meninos, sentia a rejeição tocar-lhe a alma e o corpo, chegando até a cair doente. Fica explícito, em suas falas, que a posição ocupada nas relações amorosas é problemática, não conseguindo sair do círculo vicioso da rejeição. Essa sua incapacidade de dar e receber é reconhecida e declarada em muitos momentos da narrativa. Desejava o amor, queria ser amada, mas não sabia usar de nenhum artifício para lograr êxito no seu intuito de “ser a mulher de um homem”.

A força da sua impotência é algo fatídico, tanto que chega a carregá-la como uma marca de nascença. A personagem não consegue se desvencilhar desse destino, traçado por ela mesmo, de dor e abandono. Não percebemos nenhum esforço nítido em romper com essas convicções aniquiladoras. Ela não desistia dos homens, entregava-se sempre, mas a cada encontro, a certeza do fracasso antecipava-se. Ela dizia se inaugurar para Charles, como se

fosse uma virgem, mas, na verdade, ela era sempre a mesma mulher, monstruosa e convicta do destino de ter que “perder sempre”.

Essa constatação é tão forte em sua vida que, em todas as suas falas, o arrependimento aparece, repetidamente, como maior até do que a dor de ter sido abandonada. Os significantes dos quais se utiliza para nomear o que decorre do arrependimento estão no âmbito do patológico e da mística: maldição, doença, desequilíbrio. O arrependimento dói, até fisicamente, dilacera, provoca náuseas, insônia, medo de enlouquecer, é maldição pior que a morte. É interessante perceber que o arrependimento não é o de ter tentado fazer e ser diferente. Arrepende-se, unicamente, de não ter aceitado que a sua sentença era perder sempre, que os homens eram todos iguais, que eles nunca a amariam, que nunca existiriam vínculos, nem os de cordão e lata.

Vimos que a mulher, segundo Freud (1996), em *Psicologia de grupo e análise do eu* na relação amorosa, parece ficar entre a fascinação e a servidão. Visão bem próxima à lacaniana, que afirma ser o homem, para uma mulher, uma devastação para o pior ou o melhor, ou seja, pode ser também o causador de uma felicidade extrema, de um deslumbramento. A personagem estudada, devido a sua impossibilidade de se fazer amada, não consegue ocupar uma posição de dignidade diante do homem, ficando identificada ao dejetivo. Estar com um homem não lhe traz ganho algum. Ela só perde e se machuca - é invadida, arregaçada, fuzilada. Despenca, arrasta-se, estatela-se no chão. Sente-se uma mulherzinha, um cisco, um molambo, uma raiz arrancada. Não há como sustentar um lugar desejante e desejável diante de um homem.

O gozo aniquilante da devastação alimenta o insulto, as injúrias e a raiva da personagem. A sua raiva maior não é de Charles, mas de si mesma, uma raiva que finda em arrependimento. Sabia, desde o primeiro dia, que aquele homem não a amaria. Havia escolhido um homem casado. Já de início, escolheu para melhor fracassar. Para a psicanálise,

onde o sujeito não pensa, *isso*¹³ fala. No seu íntimo, sabia não poder contrariar a convicção de ser uma mulher sozinha e monstruosa. Escolhia o homem certo, o parceiro-sintoma, aquele que poderia reforçar seu lugar de mulher rejeitada. Escolheu Charles, justamente um homem que não poderia dar o que ela tanto queria. Entre querer e desejar há um abismo. Segundo a psicanálise, quase sempre desejamos o que não queremos, aí é onde se instala o gozo dos sujeitos.

A devastação investe-se de um gozo mortífero e enlouquecido – duas imagens sempre trazidas pela personagem: a loucura e a morte. Esse gozo, como já abordado, advém do caráter fora-da-lei que assume o gozo da mulher. Nenhum homem pode dar conta das demandas ilimitadas de uma mulher. Brinca-se dizendo que a mulher é uma eterna insatisfeita. O senso comum percebe de forma quase precisa o que a psicanálise revela. Na relação com o homem, a mulher precisa encontrar algum enquadramento, algo que tenha a função de pára-gozo.

Charles, ainda que desejasse, não poderia atender às cobranças dela. Além de não poder dar-lhe amor, não podia tomá-la como única. Essa demanda ilimitada retorna sobre ela, devastando-a e revelando algo que se repete desde o seu primeiro encontro com um homem. Convém chamarmos atenção para o fato de que, na personagem, a devastação não aparece apenas após o abandono, mas, como pudemos acompanhar, está presente já antes. O abandono apenas revela essa posição, que, antes, parecia velada.

Na análise das falas da personagem, situamos o que se constitui como peculiar no modo de gozo feminino e na posição que ocupa na relação amorosa. Encontramos, na voz da própria personagem, o reconhecimento e a anunciação das dessimetrias que regem a não-relação entre os sexos. Enfatizamos como o gozo fora-da-lei mostra sua face, através das sensações, não só psíquicas, mas também corporais, descritas pela personagem. Ressaltamos,

¹³ *isso* – tradução do termo alemão *das Es*, utilizado por Freud, em sua segunda tópica do aparelho psíquico, para designar os conteúdos recalçados, ou seja, inconscientes. Esse termo não coincide exatamente com o inconsciente da primeira tópica, já que o eu e o supereu também são, em grande parte, inconscientes.

ainda, as múltiplas identificações com o objeto-dejeto, assim como, estivemos chamando atenção para as exigências erotômanas da narradora-personagem. Enfim, objetivamos elucidar, nas falas, a devastação e suas implicações para o sujeito mulher, evidenciado esse fenômeno como um dos destinos da mulher no encontro com um homem.

Acreditamos termo-nos munido de argumentos para responder à questão que moveu o presente estudo, a saber: por que esse traço de devastação ainda se encontra presente nas narrativas contemporâneas de autoria feminina, quando se esperava que ficasse para trás, vez que, hoje, algumas mulheres tentam se mostrar independentes do desejo masculino. É o que discutiremos nas nossas considerações finais, pretendendo refletir sobre a interpretação de um fenômeno literário à luz das conjecturas psicanalíticas, não deixando de fora a maneira como isso repercute nas relações de gênero em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso trilhado neste trabalho foi guiado pela narração da dor experimentada pela personagem, ao ser abandonada pelo amado. Abandono que é passível de ser contestado, já que a narração é feita em primeira pessoa e todas as falas de Charles são “filtradas” pela personagem para fazer dele o algoz do estado em que se encontra. Pudemos constatar que o abandono foi precipitado por ela mesma, pela sua incapacidade de levar adiante a escolha que fez. Por mais que se esforçasse para demonstrar suportar ser a “outra”, essa posição não foi sustentada sem angústia, fazendo-a sucumbir à devastação.

É fato incontestável que a ruptura de um laço amoroso provoca um estado de choque para os sujeitos, masculinos e femininos, embora nem sempre leve à devastação. Em *O narcisismo: uma introdução* (1996) e em *Luto e melancolia* (1917), Freud (1996) discute sobre o quão pobre fica o eu da pessoa que ama, pois investe grande parte de sua libido no objeto amado, que passa a ser exaltado. Quando esse objeto amado se vai, a libido volta-se para o eu do sujeito, em um trabalho que ele chama de elaboração do luto. Em outros casos, como na melancolia, o eu do sujeito se esvai com o objeto perdido. Pudemos identificar, na personagem de OA, um alto grau de empobrecimento de seu “eu”, desde a infância, quando Valmir a rejeitava. A sua fala ressalta sempre o quanto era uma mulher monstruosa, cujo resto da vida já estava perdido.

Em *Inibições, sintoma e ansiedade* (1926), Freud (1996) afirma que a dor é uma reação à perda efetiva e a angústia é a reação à ameaça de uma perda. A personagem estudada vivenciou os dois extremos, pois desde a infância a angústia de ser rejeitada a perseguia. Com a perda de Charles, a dor tomou conta do seu ser, pois:

O eu ama o objeto que continua a viver no psiquismo, ele o ama como nunca amara, e, no mesmo momento, sabe que esse objeto não voltará mais. O que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido. [...] O eu fica esquartejado entre um amor que faz o ser desaparecido reviver, e o saber de uma ausência incontestável (NASIO, 1997, p. 30).

A dor de amor não é só provocada pelo desaparecimento físico da pessoa, mas o transtorno gerado pela desarticulação da fantasia que ligava o sujeito ao seu objeto amado. Isso é verdadeiro tanto do lado masculino como feminino. Não defendemos a idéia que só as mulheres sofrem com a perda do objeto amado. No entanto, como a psicanálise acredita em uma dessimetria entre os sexos, as coisas são experimentadas de modo diferente para homens e mulheres.

A palavra paixão vem do latim *pathos*, que designa sofrimento. O amor como sofrimento ocupa uma posição de destaque na história da humanidade, principalmente no âmbito do catolicismo, através da Paixão de Cristo, em que um mártir, por amor, entrega-se ao sofrimento e à morte. A literatura também expressa interesse pelo tema da paixão, pelas histórias de amor e morte, combinação fascinante que tem agradado os leitores de várias gerações.

Segundo Vicente (s/d), o real sentido da paixão é inconfessável, pois ninguém deseja confessar o aniquilamento do seu ser, lançar-se ao prazer total, alcançar a completude, algo muito próximo da morte. A articulação da paixão com a morte, pela via do sofrimento amoroso, está presente em muitas obras da literatura, desde a clássica até a contemporânea, inclusive, na obra escolhida para a presente análise. O sofrimento amoroso alimenta-se de uma falsa reciprocidade, é a máscara de um duplo narcisismo, deixando transparecer o amor-ódio pelo objeto amado. O que se ama, na paixão louca e cega, é também o que se odeia, porque é identificado como fonte de sofrimento.

A indissociação entre amor e sofrimento é algo como uma sentença na vida da personagem estudada. A convicção de que o amor, para ela, não pode estar desarticulado da

dor, é tão firme que a carrega como um “marca de nascença”, uma “vergonha estampada na cara”.

Para Laurent (2007, p. 22): “Estamos em um momento fecundo no que diz respeito à revisão dos ditos sobre o amor, com certo embaraço que se faz sentir na literatura em suas mais diversas variantes [...]”. Segundo o psicanalista, esse embaraço se deve a diferentes sintomas, como a multiplicação ou refração de clichês sobre o amor já estabelecidos pela literatura. Para ele, a literatura de nossa época recicla clichês de forma mecânica e irônica. Como não mais se crê na modernidade, nem nas velhas soluções, o resultado é a ironia ou a citação. Para ele, o fim das ideologias implica o fim das histórias de amor.

Se há, na literatura contemporânea, uma dificuldade em se contar histórias de amor e essa afirmação é proferida por um psicanalista como Laurent, é porque a psicanálise tem algo a dizer sobre a desordem amorosa contemporânea. Como estamos analisando uma narrativa contemporânea à luz de um conceito psicanalítico, essa temática interessa à nossa pesquisa.

Antes da inserção da mulher autora na literatura, segundo Laurent (2007), não se tematizava sobre a oposição da forma de escrever, em homens e mulheres, no que concerne ao amor. Esse tema foi trazido pelos autores feministas franceses e americanos:

Há, nas letras, uma dessimetria na perspectiva do amor que poderia facilmente reduzir-se à ideia de que apenas as mulheres falam de amor. Toda uma temática da literatura feminina, ou da literatura de mulheres, escrita pelas mulheres, a escrita feminina, estaria centrada precisamente sobre a exploração sistemática do amor, de seus impasses, de seus sofrimentos, sendo a partir daí que se interrogaria mais profundamente a invenção de uma forma de amor moderna (LAURENT, 2007, p. 23).

No início de nosso trabalho deixamos claro que não iríamos centrar nossa discussão em torno da existência ou não de uma escrita feminina, até mesmo porque, do ponto de vista psicanalítico, a distribuição dos sexos se deve mais a uma posição tomada pelo sujeito, do que uma determinação biológica. No entanto, essa problemática nos interessa, na medida em que a

psicanálise está de acordo com o fato de que há uma dessimetria na forma como homens e mulheres falam de amor e de como o experimentam. No primeiro capítulo, a partir de Freud e Lacan, foi essa a constatação que fizemos. Chegando ao conceito de devastação, discutimos que ela não pode ser entendida desarticulada do caráter não-todo do gozo feminino, por isso, está do lado da mulher. É importante frisar que se tratam de posições e não lugares fixos e pré-determinados biologicamente. A psicanálise acredita que a sexuação é feita em três tempos: um que diz respeito ao sexo biológico; outro que se refere ao modo como a cultura interpreta esse sexo anatômico; por último, está o mais importante, que é como o sujeito vai subjetivar tudo isso. Assim, há sujeitos de anatomia feminina que se posicionam do lado masculino e vice-versa. Pode até ser que um homem experimente algo semelhante a uma devastação, desde que ele esteja mais do lado feminino, de acordo com as fórmulas da sexuação propostas por Lacan.

No segundo capítulo, nosso objetivo maior foi o de, a partir da fala da personagem, localizar a devastação feminina, pontuando como a personagem chega a esse estado, apagando-se como sujeito e emergindo como um objeto desvitalizado e semimorto. Tivemos o cuidado de abordar a devastação no âmbito de uma posição do ser feminino e não como um quadro patológico, que pudesse ser interpretado como uma doença ou um quadro de psicose. Existe a devastação na psicose, mas a sua configuração é diferente, pois, nela, a erotomania aparece sob a forma de delírios e alucinações, ficando atrelada aos casos de paranoia. Também não objetivamos afirmar que a devastação é uma condenação a qual nenhuma mulher escapa, mas que é preciso um saber fazer, no amor, para se chegar à dignidade e isso serve tanto para homens como para mulheres.

Estabelecemos como objetivo principal do presente trabalho investigar por que a representação da posição feminina na relação amorosa, presente em grande parte das obras de ficção, de autoras contemporâneas brasileiras, como atesta a pesquisa de Silva (2009),

mantém-se a mesma da literatura de ficção clássica, ou seja, por que, nessas obras, a personagem mulher permanece dependente psíquica e afetivamente do desejo masculino. Para cumprir esse objetivo, utilizamo-nos de uma obra contemporânea de autoria feminina, onde a personagem-narradora, mulher de nosso tempo, devasta-se diante do abandono sofrido. A partir da análise desenvolvida até aqui, compreendemos que a mulher, na verdade, ocupa posições. O que há são posições femininas e não uma única posição, pois a mulher, sob o artifício da mascarada, pode identificar-se como objeto causa de desejo ou como objeto-dejeto, sendo essa última posição a que leva à devastação.

É certo que, se fizéssemos um levantamento sobre todas as obras de ficção contemporâneas ou não, escritas por mulheres, encontraríamos a personagem mulher ocupando posições diversas na relação amorosa. No entanto, é flagrante que, a partir de diversas pesquisas e estudos desenvolvidos (alguns citados ao longo desse trabalho, sob a forma de artigos, dissertações e teses), a maioria dessas personagens encontra-se na posição de devastada. O que chama atenção, para os estudiosos que adotam essa temática em seus trabalhos, é que essa posição não deveria mais aparecer nas narrativas contemporâneas, já que as autoras são mulheres de um novo tempo, pós-revolução sexual.

Recorremos ao discurso psicanalítico para chegar ao porquê dessa inquietante questão. Não pretendemos afirmar que só a psicanálise pode responder a esse questionamento, pois estaríamos incorrendo no famoso equívoco de que “Freud tudo explica”. A visão que oferecemos aqui não é a única e nem a mais verdadeira, é apenas uma das formas de tratar o problema, forma na qual acreditamos e que defendemos no presente trabalho.

Ora, as consequências a que podemos chegar, a partir do caminho seguido, é que se as representações da personagem mulher, no amor, parecem ser mantidas, é porque estamos falando de traços estruturais. É importante que não se confunda o que é de estrutura com o determinismo biológico. Para a psicanálise, no processo de sexuação, levam-se em

consideração tanto o biológico como o cultural. No entanto, o sujeito precisa interpretar o sexo anatômico que possui e o discurso que a cultura elabora sobre ele para, finalmente, encontrar sua posição na partilha sexual. A psicanálise, ao falar de estruturas, leva em conta a dimensão do sujeito desejante e não um mero objeto, passivo, influenciável, determinado pelos gens e pelo meio em que vive. O viés psicanalítico resgata o sujeito, na particularidade de seu inconsciente, que não é coletivo, é único. O que estrutura um sujeito é a sua interpretação do social, do cultural e do biológico, interpretação única, solitária, intransmissível.

Assim, não importa muito se essa mulher é contemporânea ou não, o que importa é que é sempre muito difícil para uma mulher, de todos os tempos, fazer do amor um lugar onde possa apoiar o seu ser sem sucumbir à devastação.

O sexual e a maneira como o sujeito localiza-se na partilha sexual tem a ver com uma posição que o sujeito ocupa na vida, levando em conta o que lhe é ofertado e a interpretação que ele faz em torno dessa oferta. É claro que dentro da diversidade da subjetividade humana, existem traços estruturais que são comuns e são esses traços que permitem a um psicanalista fazer um diagnóstico e identificar a que estrutura pertence um sujeito. O fato de cada sujeito pertencer a uma estrutura não implica dizer que a sua subjetividade e unicidade não estão presentes. Freud afirma que a psicanálise se faz no um a um, critica a psicologia das massas e qualquer outro saber que desconsidere o particular de cada sujeito.

Existem, então, traços estruturais para o sujeito mulher e para o sujeito homem, ainda que não possamos formar um conjunto de mulheres, uma classe, um todo, como se pode fazer do lado masculino. Assim como não existe A mulher, também não existe uma única posição feminina, mas com Lacan se pôde saber algo mais sobre uma mulher. Nosso trabalho, guiado por esse algo mais, que ainda é tão pouco, buscou lançar alguma luz sobre as questões que

envolvem a manutenção da representação da personagem mulher na literatura contemporânea de autoria feminina.

A partir das considerações teórico-conceituais e da análise da obra AO concluímos que, a constância na representação da posição feminina, na relação amorosa não deve ser atribuída a um sujeitamento ao masculino, mas como algo que emerge no sujeito mulher, demarcando uma especificidade de sua estruturação subjetiva.

Essa condição subjetiva não restringe-se, do ponto de vista psicanalítico, à subordinação e dependência, mas é interpretada como uma dificuldade do sujeito feminino, que advém da especificidade de sua forma de gozo. O fato de ser não-toda submetida à ordem fálica, como o homem o é, faz com que a mulher seja Outra para si mesma, ou seja, que seu gozo seja enigmático até para ela mesma, invadindo-a de maneira avassaladora e até mesmo aniquilante, podendo levá-la à devastação. Esse traço estrutural contribui para que se desenhe uma imagem caricatural da mulher, explorada enormemente pela literatura. O fato de a mulher, quando ama, colocar-se, facilmente, em uma posição sacrificial diante do outro, fez o sucesso de muitas obras literárias. Vimos que o amor, em nossa cultura judaico-cristã, está associado ao sofrimento e é a mulher que carrega em si o símbolo maior daquela que se sacrifica por amor, assim como o Cristo. O homem também pode se sacrificar, pois quando ama, fica em falta e se feminiza, como já discutido anteriormente. Nos casos de paixão extrema, vimos que o que impera é o fora-da-lei que o amor carrega em seus atos.

A maneira como esse fenômeno repercute e é interpretado no social dá margem a diversas interpretações. Entre elas, destacamos a de que a mulher vive sempre coagida ao sujeito masculino, estando perpetuamente submetida ao patriarcado. O discurso da mulher vitimada foi se fortalecendo cada vez mais, até mesmo porque os homens não se dispuseram a jogar tão bem o jogo da igualdade e continuaram sendo os culpados: “O ‘viriarcado’ substituiu o patriarcado. Todos os homens são suspeitos e sua violência é exercida em toda

parte. A mulher-criança tem de recorrer à justiça, como criança que pede proteção aos pais” (BADINTER, 2005, p. 41).

A identificação da mulher como grande vítima apaga, inclusive, os atos violentos cometidos pelas mulheres. Do lado masculino, a violência é uma forma de dominação; do feminino é uma contraviolência. Esquece-se das mulheres revolucionárias, das matricidas, das que matam por amor. Aliás, entre as mulheres, o homicídio passional lidera as estatísticas. Não se pode esquecer também da violência velada, que incide sobre os homens, principalmente nas cobranças de uma virilidade inabalável. A vítima da violência doméstica pode ser o homem, especificamente o homem contemporâneo, também em crise.

É fato que, mesmo depois de tantas conquistas econômicas, políticas, jurídicas e sexuais, as mulheres ainda se fixam na posição de vítima. Dizem-se vítimas porque são incompreendidas, porque têm tripla jornada de trabalho, porque são escravas do mercado da estética, porque se sentem culpadas de deixar seus filhos para trabalhar, mas, ao mesmo tempo, sabem que tudo isso é fruto de suas próprias escolhas.

Em Lipovetsky (2000, p. 73) também encontramos referência a isso, no que ele chama de “obsessão vitimária”, afirmando que as mulheres humilhadas e martirizadas é que são ovacionadas: “O espírito apocalíptico do neo-feminismo constrói, no mesmo movimento, a vitimação imaginária do feminino e a satanização do masculino”.

Se o feminismo levou as mulheres a um rumo equivocado, também deixou os homens perdidos em suas certezas viris. O abismo insondável entre homens e mulheres não pára de se inscrever. Na hipermodernidade, o uso dos semblantes, ou seja, o parecer ser, assume importância inegável. Já que não se sabe muito o que se é, empenha-se em parecer ser. As mulheres parecem fálicas e os homens mais servis.

Bauman (2004) chama atenção para o fato de que, no líquido mundo moderno, as relações tornam-se efêmeras e os parceiros objetos descartáveis. A lógica é não se

comprometer, pois o compromisso fecha todas as portas para outras possibilidades mais satisfatórias. Os laços são superficiais, respondem aos interesses imediatos, promovendo satisfações instantâneas. Em OA, é esse tipo de laço que é mantido, por Charles, com a narradora-personagem, o que faz com que ela não possa ter a sua demanda de amor atendida.

A descartabilidade deve ser uma garantia: os relacionamentos já se iniciam com data de validade. A “líquida razão moderna” considera as relações duradouras como opressoras. Ser livre é gozar “aqui e agora”, sem limites, a qualquer preço. Liberdade essa que a personagem não desejava, já que estava sempre migrando de um fracasso amoroso a outro, buscando um “monturo” qualquer onde pudesse apoiar suas “raízes” de galhos arrancados. Desejava encontrar a alguém que a amasse e em quem pudesse apoiar seu ser.

Para a psicanálise, há novas formas de discurso amoroso, marcadas pelo fenômeno do individualismo de massa e por uma queda na crença em um sentido para as relações entre os sexos. A figura do “nômade” emerge como um dos nomes do amor ou do desamor, na atualidade. Assim, esses “amores nômades” possuem um caráter não sedentário, experimentando um “turbilhão de gozo” que faz passar velozmente de um objeto a outro, camuflando uma dificuldade na aproximação com o outro, ocorrendo, inclusive a supressão da palavra em detrimento das práticas de puro gozo.

Essa inibição da vida amorosa, como uma característica dos tempos atuais, não é sem efeitos para os sujeitos, que passam a se deparar com novas formas de gozo e de mal-estar. Giddens (2002) afirma que nos contextos pré-modernos, a fragmentação da experiência não se constituía como uma fonte significativa de ansiedade, em oposição ao que acontece com a ordem pós-tradicional. Estamos vivendo uma epidemia de desbussolamento, uma vez que os ideais que organizavam as identidades ruíram. Passamos de um mundo organizado em um eixo vertical das identificações (onde o Pai reinava absoluto) para um eixo horizontal – em que os sujeitos têm uma outra relação com a autoridade, o que é perceptível de forma muito

clara nas novas configurações familiares, em que as famílias não mais se organizam em torno de uma única figura de autoridade. Aliás, a ciência já prescindiu do pai há muito tempo. Nossa sociedade não é mais Pai-orientada, passamos do homem traumatizado para o homem debussolado (FORBES, 2005).

As implicações desse “mundo líquido” e “debussolado” para a mulher contemporânea muito nos interessa, aqui, uma vez que é essa mulher que tem sido representada nas atuais obras de ficção. O que dizer dela? Será que ela existe? Qual a sua máscara?

Não podemos deixar de reconhecer que o feminismo, enquanto movimento reivindicatório de direitos igualitários no campo político, trouxe contribuições inegáveis. No entanto, fracassou na sua pretensão de uma igualdade universalizável no campo sexual. Para Lipovetsky (2000, p. 11): “[...] o advento da mulher-sujeito não significa aniquilação dos mecanismos de diferenciação social dos sexos”.

De fato, o que tem se colocado como enigma, na contemporaneidade, é que, mesmo com a emancipação feminina, essa “nova economia da identidade feminina” parece ser uma farsa. Se a mulher parece ser livre e viril, por que ainda aparece, pelo menos do ponto de vista sócio-cultural, na dependência afetiva do homem? Se, ainda hoje, deparamo-nos com argumentos de que as mulheres continuam submetidas à Ordem do Pai, ao falocentrismo e ao patriarcado, não é mais pela simples pressão social, mas talvez tenhamos que pensar no próprio desejo da mulher, que hoje, mais do que nunca, pode escolher.

Quando uma mulher sofre por amor, submetendo-se a toda sorte de coisas – como vimos na personagem de OA – não está nada preocupada com a repercussão disso no social. Ela pode ter a sua disposição todo um aparato jurídico que a defenda, mas não é disso que se trata. Todos esses recursos jurídicos e até político-ideológicos que garantem os direitos da mulher, apesar de extremamente importantes, não são suficientes para libertá-la da condição de amante devastada, até mesmo porque não são apenas as questões conscientes que a

prendem ao seu homem. Discutimos, aqui, que, entre um homem e uma mulher, há uma parceria fundada ao nível do sintoma, onde cada um é tomado como parceiro de gozo. Além do mais, como já dito, o amor tem um caráter de fora-da-lei, resistindo sucumbir aos interditos.

Como perceber, então, o que se passa com a mulher contemporânea? Vimos que, com o feminismo, houve uma mutação no sentido de uma igualdade, garantida pelo discurso jurídico, que é o discurso da repartição do gozo: “[...] o gozo é hoje passível do discurso sobre a justiça distributiva. Agora, cada um e cada uma pode reivindicar seu orgasmo, às vezes até nos tribunais!” (SOLER, 2005, p. 130). Essa reivindicação que se faz ao aparato jurídico aparece durante toda a obra aqui analisada, vez que a personagem demanda uma lei que lhe dê garantia de um gozo sem percalços. Ela exige uma lei que proíba o abandono e garanta a reciprocidade no amor.

Hoje, todas as conquistas fálicas estão acessíveis às mulheres contemporâneas – autônomas, multifacetadas, multimídias e independentes. Mas, o que a psicanálise se pergunta é quais os efeitos no nível da economia das pulsões para as mulheres? De acordo com Lipovetsky (2000), há uma terceira mulher, que é capaz de inventar seu próprio destino de acordo com as necessidades internas, ao contrário da primeira mulher (que correspondia à Eva, ser nefasto e diabólico, agente da infelicidade do homem) e da segunda mulher (em cena a partir da Idade Média, glorificada em verso e prosa pelos homens).

De acordo com o autor acima citado, a primeira mulher é a mulher depreciada, afastada das funções nobres, que perdurou até o início do século XIX. Se essa mulher tinha algum valor, ele estava na maternidade, pois até as intermináveis tarefas domésticas eram desprestigiadas. O que imperava era a exaltação do universo viril, ficando a mulher excluída da esfera pública.

A segunda mulher é enaltecida, cantada em verso e prosa no amor cortês. Esse modelo, que surgiu na Idade Média, apesar de não anular a hierarquia social dos sexos, promovia um culto da Dama amada, mulher inatingível, que só servia para ser adorada à distância. Esse enaltecimento difunde-se muito a partir do século XVIII: “Força civilizadora dos costumes, senhora dos sonhos masculinos, ‘belo sexo’, educadora dos filhos, ‘fada do lar’, ao contrário do que ocorria no passado, os poderes específicos do feminino são venerados, colocados num pedestal” (LIPOVETSKY, 2000, p. 236). Se o destino da mulher era traçado previamente por outros, a mulher da segunda metade do século XX pode escolher. Se as primeira e segunda mulher estavam subordinadas ao homem, a terceira mulher é “indeterminada”, ou seja, é uma autocriação feminina, sujeita de si mesma, capaz de se autoinventar e projetar seu futuro.

Essa terceira mulher usufrui de todos os direitos conquistados pelo movimento feminista, no entanto, não deseja abrir mão de sua relação com os homens. Ela quer ser mãe, mulher, multi-profissional. Ela tem conseguido manejar as tensões decorrentes da vida profissional e da vida afetiva. No entanto, Soler (2005, p. 132) coloca-nos a seguinte questão: “Com certeza podemos falar do sujeito moderno, do sujeito cartesiano, condicionada pelo cogito, mas, no que concerne à mulher contemporânea, saber se ela é moderna é outro problema [...]”.

O que esta conceituada psicanalista problematiza é a relação homem-mulher na contemporaneidade, pois algumas dessas “novas mulheres” são militantes da igualdade, adotam o modelo masculino de se relacionar e tentam fazer de seus parceiros apenas um meio de gozo. Fazem questão de bradar: “Não preciso de homem!”. Adotam uma postura fóbica diante do estado de apaixonamento, utilizando-se de uma máscara que a fazem parecer independentes do desejo masculino.

Mas, tudo isso faz parte da máscara da feminilidade. Rejeitando uma parcela essencial dessa feminilidade, essas mulheres se mascaram. Essa nova identidade feminina é um engodo, não produz o efeito esperado: “Isso porque a máscara da feminilidade contemporânea não se ergue como o falo mas, bem precisamente, como uma multiplicação de falos, a própria Cabeça da Medusa” (GUIMARÃES, 2005, p. 69-70).

Essa imagem da Cabeça da Medusa é trazida por Freud (1996), no seu artigo homônimo, escrito em 1922. Neste artigo, ele comenta que a Cabeça da Medusa é um símbolo de horror, usado pela deusa virgem Atena, para que se tornasse uma mulher inabordável, repelente de todos os desejos sexuais.

Na psicanálise, as discussões em torno da problemática da feminilidade na contemporaneidade têm recorrido ao mito da Cabeça da Medusa para ilustrar o engodo que faz essa “nova mulher” ao revestir-se de atributos fálicos. A mulher contemporânea é a própria Cabeça da Medusa, diante da qual os homens, muitas vezes, têm recuado.

Na verdade, essas mulheres-medusas estão sempre prestes a cair nas garras da paixão. E a questão que se coloca, então, é se a mulher hipermoderna existe ou não. Miller (1998) nos diz que ela tenta existir, mas não consegue, pois uma mulher tem sempre um ponto de devastação. Mesmo com seu comportamento fóbico ao estado de apaixonamento, essa mulher está sempre prestes a ser desmascarada, pois a posição que ocupa, em relação ao amor, é a de uma lógica de absolutização que a empurra para uma busca insaciável do outro. A demanda de amor da mulher, a psicanálise nos diz: é infinita.

Em contrapartida a essa máscara da feminilidade contemporânea, surge um novo homem: “vestindo uma nova roupagem do homem pós-moderno faz surgir o homem metrosexual, que tenta se feminizar com os adereços estéticos propostos pelas históricas contemporâneas que fazem do seu homem o seu novo brinquedo” (GUIMARÃES, 2005, p. 70).

Assim, nasce uma das configurações de casal da contemporaneidade, formado pela mulher super-potente e seu homem feminilizado. Parece ser essa a única via para que esse homem, assim como Perseu, possa chegar a essa mulher. No mito, para aproximar-se da Medusa e matá-la, Perseu utiliza-se de ferramentas, como o capacete de Hades e as sandálias aladas.

Afirmar que a mulher hipermoderna não existe, no nível das relações de gênero, significa dizer que ela não quer renunciar ao desejo de ser amada. É claro que algumas mulheres “optam” pela solidão, mas acreditamos que seja muito mais por uma dificuldade sintomática em consentir com ato de amor. Assim, essa mulher super-potente não consegue sustentar sua farsa sem cair nos excessos: cometendo todas as “loucuras” e sacrifícios, devastando-se, ou, então, entregando-se à solidão.

Voltando ao ponto principal de nossa discussão, pensamos que essa mulher que se espera ver representada na literatura atual está mais para a mascarada fálica. Parece que o que se espera da mulher e da personagem contemporâneas é que não amem, que não sofram pela falta de reciprocidade, que não dependam do desejo masculino.

Constatamos que para as mulheres, assim como para as personagens femininas, há uma dificuldade em relação ao amor. Mesmo diante de todas as satisfações advindas das conquistas alcançadas em vários âmbitos, elas ainda se centralizam no amor. Concordamos que as mulheres de hoje querem muitas coisas diferentes das que eram almejadas pelas mulheres de ontem, mas o desejo de serem amadas permanece, sempre, como uma condição na parceria com os homens. E quando essa demanda é frustrada, não se espere indiferença, seja na realidade ou na ficção, a raiva, a loucura e a morte tomam conta do seu ser. Não se trata de subordinação, trata-se do desejo de ser amada, isso a contemporaneidade não roubou das mulheres.

Não entendemos que o fato de a mulher, mesmo a hipermoderna, continuar tomando o amor como um ponto central de sua existência, seja indicativo de que ainda continuam submetidas, como vítimas, ao desejo masculino. Quando a psicanálise afirma que a mulher precisa submeter-se à condição de objeto causa de desejo, isso não implica em apagar-se como sujeito, mas corresponder a uma fantasia, fazendo-se semblante de *a*.

Concordamos que a mulher fálica é uma farsa e, com isso, não estamos afirmando que a mulher contemporânea é a mesma da que se viu até o início do século XX, obrigada a responder ao ideal de feminino imposto pelos homens. É uma farsa porque pretende mostrar-se como independente do desejo masculino, tentando prescindir, sexual e afetivamente, do homem.

Se essa mulher ainda se devasta, nas parcerias amorosas, é pelo caráter de seu gozo. Diferentemente de antes, se o homem a oprime, ela tem inúmeros recursos jurídicos para recorrer. Mas, se o que a oprime é a sua própria devastação, não há instância legal que a faça sair disso, a não ser seu próprio esforço em buscar um lugar mais digno no amor, o que implica em fazer uma parceria-sintomática com um homem, em que não precise estar identificada ao dejetivo. A devastação, enquanto posição subjetiva peculiar do feminino, está condicionada ao modo de gozo, não podendo ser interpretada fora dessa lógica. Não estamos excluindo os importantes fatores sócio-políticos e econômicos que fazem com que uma mulher submeta-se às exigências de seu parceiro, estamos enfatizando que, se essa submissão dá-se via devastação, a questão precisa ser tratada à luz dos fenômenos inconscientes, a partir das posições de gozo que cada sujeito assume na vida.

O que vemos na personagem de Marilene Felinto é uma mulher cujo desejo erotomaniaco toma toda a sua existência. Nada, além de seus dissabores amorosos e sua posição de devastada, podemos saber. Não sabemos de sua vida familiar, profissional ou social. Como já foi ressaltado, até o seu nome é desconhecido. Se a devastação implica em

uma objetificação da mulher, a obra consegue deixar isso muito evidente ao apagar todas as outras esferas da vida da personagem, centralizando a narrativa na esfera amorosa.

O que se esperou da literatura de autoria feminina, dita contemporânea, que emergiu na década de 80, era que as personagens mulheres se centralizassem na vida profissional e social. No entanto, como atesta a pesquisa de Dalcastagnè (2005), a esfera privada, ou seja, as relações amorosas e familiares, continuam prevalecendo nas obras de ficção.

Em OA, podemos acompanhar um gradual processo de “apagamento” do ser da personagem, uma mulher sem senso, sem nome, identificada ao nada. Essa mulher, como as da realidade, é livre, do ponto de vista cultural e social, para sair do estado em que se encontra. Ainda que do ponto de vista econômico uma mulher possa justificar sua subordinação ao homem, a parceria-sintomática não deixa de impor suas condições.

O sujeitamento da personagem estudada é outro, não é ao masculino, mas à exigência erotomaníaca de um gozo absolutista, traço que pertence ao sujeito feminino. Encontrar uma posição, que não seja a da devastação, diante de um homem, é um desafio perene para todas as mulheres, de todas as épocas. A devastação constitui-se, para a mulher, como um engano do amor. Para amar e ser amada, a devastação não é condição, é apenas uma das posições femininas do ser.

Nas falas da personagem, a dificuldade com o masculino é evidente, mas também fica claro que toda a responsabilização disso recai sobre ela mesma. Não é à toa que o arrependimento é o “mote” do seu desabafo e da sua dor. O arrependimento chega a ser físico, e é, inclusive, pior que a morte. Arrepende-se de cair no mesmo erro sempre. Reconhece ser uma mulher monstruosa, incapaz de dar e receber. A personagem é refém das exigências de seu próprio gozo e padece por não conseguir encontrar uma outra via para estar diante de um homem, que não seja a da monstruosidade.

Assim, a mulher representada na literatura, carrega consigo o que emerge na mulher da realidade. Se há uma continuidade na forma como as mulheres são representadas, pela literatura, na relação amorosa, isso se deve, do ponto vista psicanalítico, muito mais a algo da subjetividade feminina do que a uma eterna e infindável subordinação ao masculino.

Acreditamos que as reflexões aqui deixadas podem colaborar com os estudos das relações de gênero pela literatura, em especial os estudos sobre a mulher, seja como autora ou personagem. Pensamos que a relevância do presente trabalho está em oferecer uma perspectiva teórica que se utiliza do discurso psicanalítico de uma maneira diferenciada. Em parte de nossas pesquisas, o uso que encontramos da psicanálise, em alguns escritos da crítica literária e em algumas discussões das teorias de gênero, pareceu-nos perpetuar equívocos e preconceitos. Em razão disso, evitamos trabalhar com algumas referências já sacralizadas, preferindo utilizar diretamente as contribuições deixadas por Freud e Lacan, fazendo uso delas para chegarmos a nossa própria leitura. Pensamos que a psicanálise pode sair do lugar de propagadora de ideias falocêntricas para colaborar com os estudos de gênero pela literatura, o que já vem sendo feito por algumas autoras, como já citamos na introdução desta pesquisa.

Defendemos que a abordagem psicanalítica não se opõe radicalmente à culturalista, afinal, ambas rechaçam com vigor a ideia de que o homem é determinado pelo biológico. Quando Lacan introduz o conceito de Outro, afirmando que o inconsciente é o discurso do Outro, reconhece a inserção do sujeito na cultura, dando a esta um lugar importante na estruturação subjetiva. Afirmando que o sujeito é um ser linguagem e que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan diz que o sujeito já ex-siste, ou seja, ela já tem um lugar no discurso do Outro.

Freud utiliza-se da teoria da cultura para elaborar a sua teoria das pulsões. Ele opõe, claramente, em toda a sua obra, natureza à cultura. Para ele, a noção de civilização é sinônimo

de renúncia pulsional, sendo esta última condição para a passagem da animalidade à humanidade. É a civilização que impõe proibições ao sujeito, que serão internalizadas, em cada indivíduo, no contexto do complexo de Édipo. Embora os efeitos da cultura sejam particularizados nos sujeitos, Freud reconhece a sua importância na fundação do homem enquanto sujeito desejante.

Quanto à partilha sexual, as abordagens culturalistas confluem para o fato de que a genitália não determina a sexualidade. Como já dito anteriormente, a anatomia precisa ser interpretada pelo sujeito e, nesse processo, o discurso cultural é levado em consideração. O sujeito precisa estruturar-se a partir do biológico e do cultural, encontrando um lugar para expressar sua própria subjetividade.

A psicanálise nasce no final do século XIX, que vê as primeiras manifestações do feminismo se perfilar na Inglaterra ainda vitoriana. Para esse movimento, a psicanálise se transformou em uma corrente profundamente conservadora quanto à família e à sexualidade feminina. De fato, a interpretação do falo como pênis permite ainda ver na psicanálise uma doutrina machista e o feminismo como um movimento impulsionado pela reivindicação fálica.

Muitos pontos desenvolvidos por Lacan o separam definitivamente da perspectiva pós-freudiana tradicionalista sobre a questão feminina. Lacan introduz uma diferença entre o pênis e o falo, concebido como significação e, mais tarde, como significante do desejo. Se o falo não é o pênis, os dois sexos se caracterizam por uma relação ao falo que certamente pode diferir, mas ambos o abordam a partir de uma primeira substituição simbólica, e então, não é pelo órgão. No *Seminário 10, A Angústia* (1962-63), Lacan (2005) afirma que a uma mulher não falta nada, em contraponto com a falta de pênis e com a teoria pós-freudiana da relação das mulheres com a falta. A falta é condição estrutural de todos os sujeitos. Muito pelo contrário, a mulher é dotada de um “plus” de gozo, que vai além do gozo fálico.

Outro golpe lacaniano foi transformar o pai em uma função simbólica, que não depende do pai de carne e osso. Essa função paterna só se coloca a partir do discurso materno e, para completar, na contemporaneidade, essa função está em declínio. Essa forma de abordar o pai implica um afastamento em relação à crença na qual as feministas se encontraram e da qual elas têm sido, não obstante, as últimas defensoras. A psicanálise, desde Freud, atesta o fracasso da função paterna.

Outro argumento das feministas é o da recusa da “mulher objeto”. Mas, será que esse argumento ainda tem sentido, em um período no qual tudo é susceptível de vir no lugar do objeto? Assim, podemos dizer que a psicanálise lacaniana é um mais-além do feminismo. Os últimos ensinamentos de Lacan ultrapassaram os pontos sobre os quais tomavam apoio as feministas dos anos 70 e 80.

De fato, se existe uma mulher contemporânea ou hipermoderna, ela se aproxima do conceito de “terceira mulher” introduzido por Lipovetsky (2000). É uma mulher que está mais livre do peso social, cujo comportamento não precisa mais ser interpretado a partir de um viés vitimista, sendo o algoz sempre o masculino. Está longe de podermos afirmar que não existe mais relações de poder entre os sexos, porque elas também continuam existindo em todas as outras esferas.

Vivemos um momento em que o social perde espaço para o individual. O julgamento social começa a perder força e os sujeitos ousam sustentar seus desejos e vicissitudes mais íntimos. Há, hoje, uma nova economia psíquica, sendo uma das principais características dessa nova forma de organização psíquica, a liberdade e a extinção das fronteiras e limites. A psicanálise atribui esse fenômeno à “morte” do Pai, que era o grande interditor dos desejos do sujeito. Hoje, o imperativo não é mais “não goze”, mas o “goze sem limites”.

É verdade que Freud, na questão do feminino, foi até onde pôde – e não foi muito – chegando a comparar as mulheres a um continente escuro. Mas Lacan avança bastante nessa

questão, quando lança seu aforismo “A Mulher não existe” – que foi bastante contestado pelas feministas, que não puderam e nem tentaram compreendê-lo:

Com o feminismo contemporâneo, reabriram-se as questões. É uma brincadeira feminista americana *standard* dizer: ‘É formidável! Com Freud, ao menos sabíamos o que não tínhamos, enquanto, com Lacan e sua idéia de que, de toda maneira, o falo não é para nenhum dos dois, não podemos nem mais queixar-nos do que não tem (Laurent, 2007, p. 25-26).

Quando Lacan (1985) diz que “Não há relação sexual”, é porque para que haja sexo não é preciso que haja relação. É o amor que faz relação, o amor é uma ilusão de que pode haver uma complementaridade entre homens e mulheres. Só o amor pode dar conta de um impossível. E a literatura que sempre nos abasteceu de palavras de amor, fala-nos de amores fracassados, de desencontros e desencantos da vida amorosa. Mas, a verdade é que nosso mundo líquido e hipermoderno não é muito propício para as parcerias amorosas, pois sob o ideal narcisista e individualista, as parcerias se dão com os novos objetos oferecidos pela ciência e pelo mercado. Vivemos sob a égide de um gozo auto-erótico, que exclui o outro e que impossibilita o encontro amoroso. Convivemos com aparições ferozes da pulsão de morte, deixando-nos em uma posição fóbica até mesmo diante do amor. Mas, por causa da mulher o amor precisa existir, porque só no amor ela se inventa. A mulher é um eterno convite para que falemos de amor, hoje e sempre.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tânia. Uma escrita do feminino. In: *Opção lacaniana* – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, nº. 32. São Paulo, dez. 2001, p.33-36.

ADAMS, Parveen. A servidão feminina. In: BRENNAN, Teresa (org.). *Para além do falo* – uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 333-358.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

AUGUSTO, José; VALLE, Paulo S. *Sábado*. Gravadora RCA, 1987.

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

BRENNAN, Teresa (org.). Introdução. In: _____. *Para além do falo* – uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 9-39.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004. In: *Estudos brasileiros de literatura contemporânea*, nº.26. Brasília, jul.- dez. de 2005, p. 13-71.

DRUMMOND, Cristina. *Diferença sexual e inconsciente*. Disponível em<<http://www.ebp.org.br>>. Acessado em 28/05/2007a.

DRUMOND, Cristina. *A devastação*. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br>>. Acessado em 28/05/2007b.

DURAS, Marguerite. *O deslumbramento de Lol V. Stein*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FELINTO, Marilene. *Obsceno Abandono: amor e perda*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FELINTO, Marilene. *O lago encantado de Grongonzo*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FELINTO, Marilene. Pequena notável. In: *Revista Caros Amigos*, São Paulo, fev. 2001, ano IV, ed. 47, p. 30-36.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FORBES, Jorge (et all). *A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade*. Barueri: Manole, 2005.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1910). Contribuições à psicologia do amor. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1917). Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1926). Inibições, sintoma e ansiedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1915). A pulsão e suas vicissitudes. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1924). A dissolução do complexo Édipo. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1895). A psicoterapia da histeria. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1940 [1922]). A cabeça da medusa. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1950 [1892-1899]). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1905b[1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1923b). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e análise do eu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1933[1932]). Feminilidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1926). A questão da análise leiga. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1931). Sexualidade Feminina. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1927). O fetichismo. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: FUNCK, Susana Bornéo (org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p. 17-22.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUIMARÃES, Lêda. “Não se apaixone”! A máscara da feminilidade contemporânea. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 44. São Paulo, 2005, p. 66-76.

GORSKI, Glacy. Erotomania: uma forma de amar. In: *Falasser – Revista da Delegação Paraíba da EBP*, nº.2. João Pessoa, 2007, p. 179-186.

GURGEL, Iordan. Entrevista concedida à jornalista Miriah Fernandes. Disponível em: <<http://ampblog2006.blogspot.com/2006>>. Acessado em 30/09/2006.

HOLCK, Ana Lúcia. A fantasia feminina e o semblante. In: *Falasser – Revista da Delegação Paraíba da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº. 4. Campina Grande, 2009, p. 39-43.

HORNE, Bernadino. Os nomes do amor. In: *Opção lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº. 48. São Paulo, mar.2007, p. 43-67.

JIMENEZ, Stella. Mulheres...entre o ser e o nada. In: JIMENEZ, Stella; SADALA, Gloria. *A mulher: na psicanálise e na arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995, p. 24-32.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACACHE, Daniel. La jalousie amoureuse. Apud: MOREL, Geneviève. Ciúmes femininos. In: FORBES, Jorge (org.). *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003c, p. 734-748.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b, p. 198-205.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 238-324.

LACAN, Jacques. O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b, p.449-500.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 23. *O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 20. *Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 5. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 7. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 17. *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 10. *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a, p. 15-28.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d, p. 692-703.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c, p. 692-703.

LACAN, Jacques. Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos*. Jorge Zahar, 1998e, p. 749-775.

LAURENT, Éric. A disparidade no amor. In: *Nomes do Amor*. Revista Curinga, nº. 24. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, jun. 2007, p. 21-31.

LAURENT, Éric. Posições femininas do ser. In: *Agente – Revista de psicanálise*, nº. 13. Bahia, nov. 2000, p. 9-14.

LEITE, Ivana Arruda. *Falo de mulher – contos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEMOINE, Gennie. Entrevista. In: JIMENEZ, Stella; SADALA, Gloria (orgs.). *A mulher: na literatura e na arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995, p. 203-205.

LIMA, Geraldo. Três vozes femininas e a dor do abandono. In: *Bestiário – Revista de contos*, ano 2, nº. 22, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br>> Acessado em: 12/02/2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *Tempos Hipermódnos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do consumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUFT, Lya. *As parceiras*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MACHADO, Serafina Ferreira. *A expressão da raiva e a construção da identidade na literatura afro-africana*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/80/249pdf>>. Acessado em 12/12/2009.

MARQUEZ, Gabriel García. *O amor nos tempos do cólera*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MAYA, RusKaya. *A mãe entre o homem e a mulher*. Disponível em: <http://www.ebp.org.br>>. Acessado em 15/08/2008.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Ed. especial. In: *Agente – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. Salvador, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. In: *Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, nº. 2. Belo Horizonte, abr. 2003, p. 12-29.

MILLET, Kate. *Política sexual*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MIRANDA, Elizabeth da Rocha. Quando a máscara cai: a devastação. In: JIMENEZ, Stella; SADALA, Gloria (orgs.). *A mulher*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995, p. 139-146.

MOREL, Geneviève. Ciúmes femininos. In: *Psicanálise: problemas ao feminino*. Campinas: Papyrus, 1996, p. 157-170.

NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NASIO, J.-D. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NUNES, Laureci. Erotomania: loucura do feminino. In: *Arteira*, nº. 1. Florianópolis, set. 2008, p. 93-97.

PAVONE, Tereza. *O Outro e sua relação com o gozo na contemporaneidade*. In: *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº. 29. São Paulo, ago. 2000, p. 30-36.

PERISSÉ, Gabriel. Cenas obscenas. In: *Observatório da imprensa*, nº. 571, 2004. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acessado em: 11/01/2010.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

QUEIROZ, Vera. *Linha de força femininas no cânone brasileiro*. Disponível em: <www.amulhernaliteratura.ufsc.br> Acessado em 12/01/2010.

RIBEIRO, Heloísa Caldas. A mulher e suas máscaras. In: *A Mulher: na psicanálise e na arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995, p. 33-40.

ROQUE, Isabel Rebelo. A indignação necessária. In: *Observatório da imprensa*, nº. 209, 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>> Acessado em: 11/01/2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan – esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SILVA, Antônio de Pádua D. da. Aspectos psíquicos de personagens da literatura contemporânea de autoria feminina: dependência, vingança, solidão. In: *Revista Terceira Margem*, nº. 20. Rio de Janeiro, jan./jul. 2009, p. 47-69.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). A literatura de autoria feminina: o corpo como possibilidade de instância da subversão. In: *Representações de gênero e sexualidades – inventários diversificados*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006, p. 20-33.

SILVESTRE, Danièle. Das mulheres às mães, de Freud a Lacan. In: GUIROUD, Françoise. *Lacan, você conhece?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002, p. 72-76.

SIQUEIRA, Elizabeth. *Da devastação ao amor*. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br>>. Acessado em 15/08/2008.

STRACHEY, James. Nota do editor inglês. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SOLANO, Esthela-Suarez. Entrevista concedida à jornalista Miriah Fernandes. Disponível em: <<http://ampblog2006.blogspot.com/2006>>. Acessado em 20/09/2006.

SOLER, Collete. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VICENTE, Sônia. *A mulher e o amor*. Disponível em: <<http://www.ebp.org.br>>. Acessado em 15/08/2008.

VICENTE, Sônia. Não há relação sexual senão ali onde há sintoma. In: *Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, nº. 2. Belo Horizonte, abr. 2003, p. 68-73.

Filmografia

Fale com ela. Direção e roteiro de Pedro Almodóvar. Drama. Espanha, 2002. Distribuidora: Fox Film.

Piaf – um hino ao amor. Direção: Oliver Dahan. Roteiro: Olivier Dahan e Isabelle Sobelman. Drama. França/ Reino Unido/ República Tcheca, 2007.

Camille Claudel. Direção: Bruno Nuytten. Drama. França, 1988.

Frida. Direção: Julie Taymor. Biografia/Drama. EUA, 2002.

Dalva e Herivelto: uma canção de amor. Direção: Denis Carvalho. Drama. Brasil, Rede Globo, 2010.